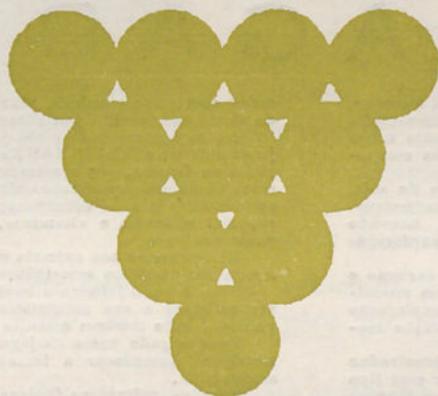


Gazeta das Aldeias

N.º 2544

1 DE JUNHO DE 1965



XI

**Congresso Internacional
da Vinha e do Vinho**

LISBOA

**7 a 16
de Setembro
de 1965**

Sals. _____
Est. _____
Tab. _____
N.º _____

Alimentos Compostos

MINERALIZADOS



VITAMINADOS



SOJAGADO

3609

O êxito da exploração dos animais domésticos, depende, na maior parte, dos cuidados postos com a sua alimentação, que deverá ser convenientemente equilibrada, tanto sob o aspecto da quantidade como da qualidade dos seus componentes.

As farinhas «SOJAGADO» compostas à base de soja, constituem um alimento concentrado que satisfaz completamente as necessidades nutritivas dos animais, havendo uma fórmula para cada espécie e natureza da exploração pecuária.

O seu alto valor em proteínas, hidratos de carbono e sais minerais, em conjugação com a sua riqueza em vitaminas, assegura o melhor resultado em qualquer exploração caseira ou agrícola, esta com ou sem especialização zootécnica.

Reconhecido e demonstrado o valor dos concentrados de soja, vários países estão a adoptar e fomentar este tipo de arraçoamento, que chega a atingir, já hoje, nos Estados Unidos da América, cerca de 70% dos compostos utilizados pelas explorações pecuárias e industriais (comunicação ao Congresso Internacional de Bari).

Também Portugal dispõe já destas farinhas concentradas que tal como no estrangeiro, são igualmente fornecidas em sacos de papel, evitando-se assim os inconvenientes verifi-

cados com sacaria vulgar, principal agente da transmissão de virus ao transitar por zonas infectadas.

As rações compostas «SOJAGADO» substituem vantajosamente os «TOURTEAUX» e as farinhas de grãos vulgares ou farelos, por resultarem duma estudada e racional combinação das qualidades de cada um desses produtos, completadas com a encorporação de certos elementos, em especial minerais e vitaminas, o que lhes aumenta o seu valor nutritivo.

Ministram-se aos animais da forma costumada, idênticamente aos produtos semelhantes.

Para o gado leiteiro e bovino (Sojagado n.º 1, 2 e 13) é aconselhável a sua administração em beberagens ou na palhada, onde também é muito bem aceite.

Para o gado suíno (Sojagado n.º 3, 10, 12 e 14) é recomendável humedecer a farinha em água, de preferência amornecida.

Para os gallináceos (Sojagado n.º 4, 5, 6, 7 e 8 deve ser dada seca ou misturada com verduras.

As quantidades a empregar diariamente variam, como se compreende, com a espécie de gado, a idade e a função zootécnica que dele se pretende.

A Soja de Portugal Lda., fornece a todos os interessados as suas publicações instrutivas.

SOJA DE PORTUGAL, LDA.

Fábrica de Alimentos Compostos para Animais

ESCRITÓRIOS: Rua dos Fanqueiros, 38-2.º

Apartado n.º 2692

Telefs.: 323830-327806

LISBOA - 2

DELEGAÇÃO DE VENDAS E CONSULTAS TÉCNICAS:

Rua do Almada, 152-4.º

Telef. 36970

PORTO

FÁBRICAS EM OVAR

Apartado 20 — Tel. 52063

AUREOMICINA

CLOROTETRACICLINA

LANÇA-DOSES



Para a prevenção e tratamento da diarreia e pneumonia dos leitões

A AUREOMICINA LANÇA-DOSES foi criada para uso no controlo da diarreia e pneumonia bacterianas dos leitões. É uma fórmula especial, semi-sólida, de AUREOMICINA, clorotetraciclina, em óleo, completamente misturada e pronta para uso.



A administração faz-se pela boca. A seringa especial de matéria plástica, não recuperável, dentro da qual se encontra o medicamento, tem uma ponta branda de plástico que não pode lesar a boca do báculo. Cada seringa de 10 doses (10 cc) contém 500 mg de AUREOMICINA, Clorotetraciclina — 50 mg por cc. O êmbolo da seringa está marcado, sendo assim fácil administrar a dosagem correcta.

Coloque-se simplesmente a ponta da seringa na boca do leitão e exerça-se pressão sobre o êmbolo, fazendo-se deslocar até à divisão correspondente.

A fórmula especial do LANÇA-DOSES adere à língua, não escorre para fora da boca, não se perde, nem passa para os pulmões por forma a poder causar pneumonia.

A dosagem recomendada é de 1 dose (1 cc), dos 2 aos 4 dias de idade, repetida 3 dias depois, conforme for necessário.

Fácil de usar: basta colocar a ponta branda da seringa de matéria plástica na boca do leitão e premir o êmbolo até à marca para que saia uma dose do LANÇA-DOSES DE AUREOMICINA.

Estudos do sangue e dos tecidos mostram que os níveis de AUREOMICINA, para um tratamento eficaz, perduram por 3 dias, consecutivamente a uma só dose do LANÇA-DOSES de AUREOMICINA.

Apresentação: Seringa (não recuperável) de 10 cc (10 doses)

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO

Cyanamid International

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E ULTRAMAR
SOCIEDADE FARMACÊUTICA ABECASSIS, S. A. R. L.

R. Conde Redondo, 64-LISBOA • R. Santo António, 15-3-PORTO

• Marca Registrada

CYANAMID

3211

BUNGARTZ F6 DIESEL

6/7 H.P.

(A PEQUENA MARAVILHA DA TÉCNICA ALEMÃ)

CHEGOU NOVA RE-
MESSA.

ENTREGAS IMEDIATAS



Agência Comercial de Anilinas, Lda.

(SECÇÃO AGRÍCOLA)

Avenida Rodrigues de Freitas, 68—PORTO—Telefone, 55161

4048

MOTORES INDUSTRIAIS

GRUPOS ELECTROGÉNEOS
A GASOLINA, PETRÓLEO OU DIESEL

- DE CORRENTE CONTÍNUA, PARA CARGA DE BATERIAS
- DE CORRENTE ALTERNA, PARA ILUMINAÇÃO,
RÁDIO-TELEVISÃO OU PARA ELECTRO-BOMBAS

DIVISÃO MARÍTIMA E TÉCNICA

C. SANTOS, S.A.R.L.

TRAVESSA DA GLÓRIA, 17—LISBOA

3427



Produtos

"SCHERING"

a) Contra as doenças das
Vinhas e Batatais:

KUPFER-CURIT

CURIT

Contra o Mildio

**ENXOFRE
MOLHÁVEL "TOP"**

Contra o Oídio

b) Contra as pragas, incluindo o Escaravelho da Batateira

DIDITAN "50" e "líquido"

Contendo DDT + LINDANO

DIDITAN Super

Contendo 50% de DDT

VERINDAL "50", "ULTRA" e "líquido"

Contendo LINDANO

c) Contra o Alfinete ou Bicha Amarela do Milho

**VERINDAL "S", ALDRINE CONCENTRADO
"DISPERSÍVEL"**

d) Contra o Escaravelho da Batateira resistente aos insecticidas clorados

SV "50"

Contendo 50% de 1-naphthyl-N-methylcarbamate

AZINPHOS "44"

44% de azinfos-étilo



DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

AGUIAR & MELLO, LDA.

Praça do Município, 13-1.º - LISBOA



*Limpesa
bacteriológica dos
vasilhames*



Calgonit

Ácidos Cítrico e Tartárico * Metabisulfito de Potássio * Taninos "DYEWOOD" * Solução Sulfurosa * Calgonit * Soda em Cristais * Sebos para Empostigar * Wino * Parafinas, etc.

Mustímetros * Glucómetros * Areómetros * Gluco-Enómetros * Termómetros * Acidímetros * Ebuliómetros * Vinómetros, etc.

Mangueiras de Borracha e de Plástico * Filtros * Bombas * Enchedores * Gaseificadores * Rolhadores * Tesouras para Poda.

3876

Sociedade de Representações Guipeimar, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º
PORTO

Telefs. 28093
35173

Atomizadores de dorso leves e robustos

COM MOTOR DE 3 C. V.—70 C. C.
para *Atomização, Polvilhação*
e *Lança chamas*



Podem ser montados com bocal duplo para duas saídas, e bomba de elevação com tubo de prolongamento para tratamento de árvores e ramadas altas

Gulbrod

Motorcultivadores para ceifar ervas, cereais e mato

próprios também para *Sachar, Cavar vinhas e pomares, Abrir regos, Pulverizar, Transportar, etc.*

MOTORES DE:

3781

4 C. V.

6 C. V.

10 C. V.

a tractol e a gasóleo



Agência Geral Gulbrod

Rua de José Falcão, 152-156
Telefs.: 20947 / 20948 — PORTO

Gulbrod

CHOCADEIRAS a Petróleo e Eléctricas, desde 25 ovos a 86.000

CRIADEIRAS a Gás, Petróleo e Electricidade, todas as capacidades

MATADOUROS COMPLETOS

EQUIPAMENTOS para *Aviários particulares e industriais*

VACINAS e *Produtos Veterinários*

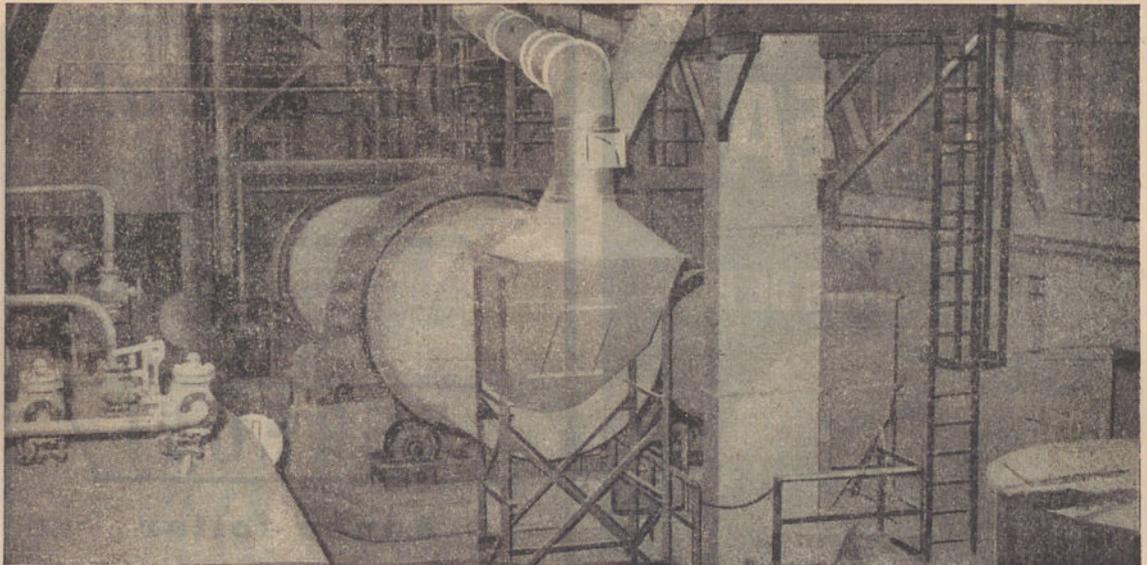
Fomento Pecuário — Avicultura

4108

LISBOA

Rua do Telhal, 12-D

Telef. 56841



Senhor Lavrador

Prefira os Adubos Compostos CUF

— Garantia de boas colheitas —

— Na adubação de inverno da **vinha e olival:**

		Azoto (N)	Fósforo (P ₂ O ₅)	Potássio (K ₂ O)
FOSKAMONIO	111	10%	10%	10%
FOSKAMONIO	122	7%	14%	14%
FOSKAMONIO	222	15%	15%	15%

— Na adubação de sementeira da **batata:**

FOSKAMONIO	111	10%	10%	10%
FOSKAMONIO	112	7%	7%	14%
FOSKAMONIO	122	7%	14%	14%
FOSKAMONIO	222	15%	15%	15%

Utilize os adubos nacionais especialmente estudados para os solos e culturas nacionais



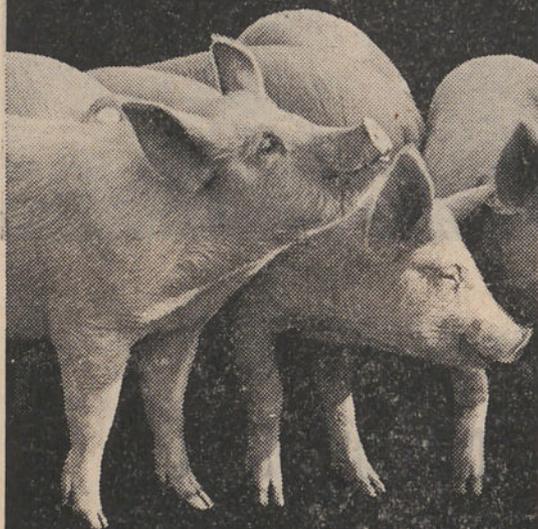
Companhia União Fabril

LISSBOA—Avenida Infante Santo, 2 • PORTO—Rua do Bolhão, 192

Depósitos e Revendedores em todo o País

VITAMEALO

**MAIS
QUILOS DE PESO**



COM MENOS QUILOS DE RAÇÃO

Muitos lavradores cometem o erro de comprar a alimentação mais barata em vez daquela que dá melhores resultados.

As nossas rações para suínos, cientificamente formuladas, dão a mais alta conversão de ração em carne — o mais baixo custo de produção por Kg. de carne.

Pense nos lucros antes de pensar no preço da ração. Com as nossas rações para suínos obterá certamente melhores resultados.

Prémios ganhos no Concurso de Smithfield, que é o mais importante Concurso, em Inglaterra, na produção de carne de porco, pelos animais alimentados com Vitamealo:

52 % dos porcos inscritos eram alimentados com Vitamealo, e ganharam 2/3 dos prémios.



VITAMEALO PORTUGUESA, S.A.R.L.

ESCRITÓRIO: Avenida Visconde Valmor, 46, 2.º, Esq. — LISBOA-6
Telefones 76 72 91-77 01 29

FÁBRICA: Rua de Marvila, 182 — Telefone 38 15 71

à Lavoura!

- * **grandes colheitas**
 - * **melhores frutos**
 - * **menores salários**
- só com

FERFOLI

Adubo foliar

com

Azoto 20% - Ac.º Fosfórico 20% - Potassa 20%.

OLIGO ELEMENTOS:

*Boro — Cobre — Ferro — Zinco
Cobalto — Manganésio*

PARA TODAS AS CULTURAS

- * **o mais rápido**
- * **o mais prático**
- * **o mais económico**

APLICAÇÃO LÍQUIDA

através das folhas, com as caldas cúpricas, insecticidas ou fungicidas

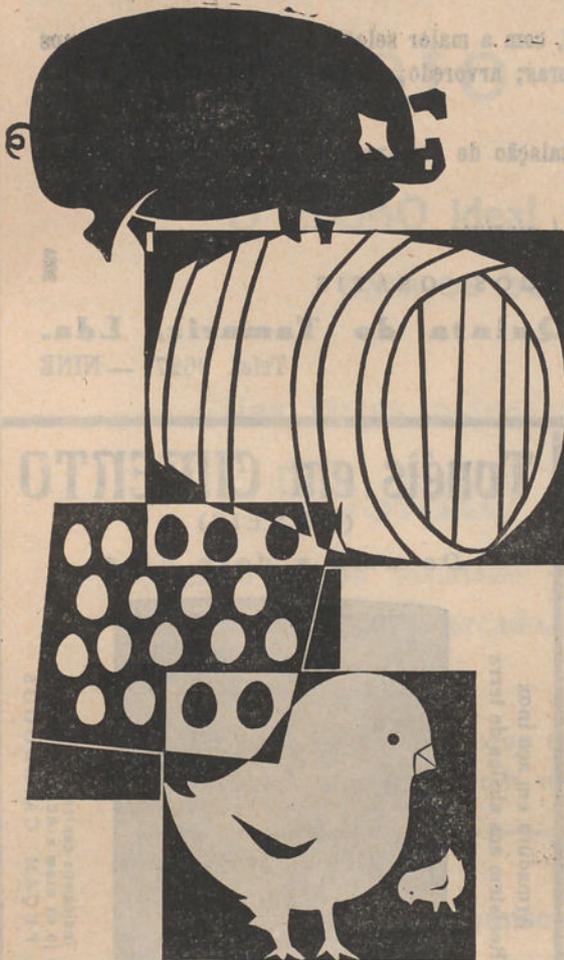
Em terrenos acidentados ou em períodos de seca a adubação pelas folhas, é a mais rápida e eficaz.

FERFOLI é um produto dos

**Estabelecimentos de Importação
Ernesto F. d'Oliveira — S. A. R. L.**

LISBOA — R. dos Sapateiros, 115-1.º
Telefs. 322478 e 322484

PORTO — R. Mousinho da Silveira, 195-1.º
Telefone, 2 2 0 3 1



**Na chamusca
dos porcos**

**Na extracção
de sarro
do vasilhame**

Nas chocadeiras

**Nas criadeiras
de pintos**



PROPACIDLA

**O MELHOR GÁS
AO SERVIÇO
DA INDÚSTRIA**

Viveiros da Quinta do Tamariz

Os maiores viveiros do Norte do País, com a maior selecção de barbados americanos e árvores de fruto. Plantas talhadas; coníferas; arvoredo; arbustos para jardins; plantas para sebes; roseiras; trepadeiras; etc., etc.

Serviços de assistência técnica. — Instalação de pomares. — Ordenação de propriedades e surribas.

No seu próprio interesse visite os n/ viveiros.

PEÇA CATALOGOS GRÁTIS

Sociedade Agrícola da Quinta do Tamariz, Lda.

Carreira — Silveiros (Minho)

Telef. 96271 — NINE

3684



MOTOCULTIVADORES

«GRAVELY»

Um só motocultivador * 30 alfaías agrícolas

*Lavra — Sacha — Grada — Semeia —
Transporta — Cava e descava
vinhas — Pulveriza vinhas, batatais
e árvores — Serra — Rega — Ceifa —
etc., etc.*

**ADQUIRA um motocultivador
ESCOLHA as alfaías que precisa**

Representantes exclusivos:

INIMEX

— Internacional Importadora e Exportadora, Lda. —

Rua Dr. Alberto Pinheiro Torres, 13-5.º Sala 3
Telef. 33379 — PORTO

3886

Tonéis em CIMENTO (MÓVEIS)

De uma a doze pipas



Armadura em aço inox
Resistem aos abalos de terra

Indicamos centenas de clientes
que já os usam e Adeges Cooperativas
PEÇAM CATALOGOS

4027

MODELO REGISTADO

para **Vinhos e Aguardentes**

Se é bom administrador adquira já estes tonéis em cimento e ponha de parte a vasilha de madeira.

Garantimos vinho 75 % melhor — Já vão tratados e prontos a envasilhar vinho e aguardente — Não há atestos e bolores.

Acabe com a preocupação dos arcos e aduelas

Envasilhar vinho nestes tonéis é a mesma coisa que engarráfá-lo

Tomamos a responsabilidade do que afirmamos

Invenção e fabrico de

A Industrial do Barreiro

Telefone, 115 — Vila Nova de Famalicão

Fosfato Thomas

O ADUBO ideal

para os SOLOS de Portugal

Nas terras pobres em cal empregue sempre

Fosfato Thomas,

o único adubo fosfatado com cal activa e neutralizante existente no mercado.

2890

Envie-nos hoje mesmo este cupom, em carta ou colado num postal, marcando com uma cruz o que lhe interessar.

A O S

B

Serviços Agronómicos do Fosfato Thomas

Rua Augusta, 118-5.º Esq.º

LISBOA - 2

Queiram gratuitamente:

- Enviar-me literatura.
- Fornecer-me instruções para a colheita de amostras de terra para análise (as despesas da análise ficam a cargo do agricultor).
- Visita do vosso Engenheiro.

Nome

Morada



Maschinenfabrik A. HOLZ
Wangen i. Allgäu — Alemanha

Rega por Aspersão

(CHUVA ARTIFICIAL)

para todos os fins

Pulverizadores pneumáticos,
tipo «V-1» — para grandes jactos
e grandes alcances, para campos,
prados, pomares, vinhas, etc.

Grupos moto-bombas centrífugas,
de todos os tipos e para
todos os fins.

Tubagens leves e acessórios
de ligação rápida.

Estudos e Orçamentos grátis

REPRESENTANTE GERAL:

4106

Eng.º Paulo C. Barbosa

P. Liberdade, 114-4.º-PORTO-Tel. 20866

Cruz, Sousa & Barbosa, L.ª

Papéis e Máquinas Gráficas

R. S.º António, 165 — PORTO

Telefs. 27656 e 27657

2457

PASTAS Comerciais e de Estudantes
MALAS em couro, chapeadas e para avião

CONCERTAM-SE MALAS
— NÃO CONFUNDIR —



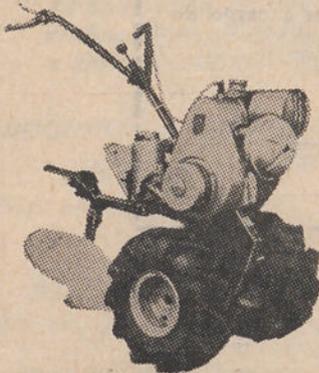
1943

José Apolinário

31-Rua do Loureiro-33
(Pegado à Pensão de S. Bento)

TELEPHONE, 23636 — PORTO

Schanzlin



FINALMENTE!...

Máquinas portuguesas para culturas e terrenos portugueses

MOTOCULTIVADORES

<i>Tipo 180</i>	7/8	C. V. Petróleo
<i>Tipo UNI/D</i>	7/8	C. V. Diesel
<i>Tipo EDF/57</i>	12/14	C. V. Diesel

MOTOCEIFEIRAS

TRACTORES VINHATEIROS

Sachas-Lavouras-Transportes-Frezagens-Roça de mato, etc.

Sociedade Industrial de Máquinas Agrícolas Schanzlin, s. r. l.

FÁBRICA-LOUSÃ-PORTUGAL

Telefones: 99330 — 99335

Armazém e Stand em Lisboa

R. Antero de Figueiredo, 4-A
Telefone, 7 1 3 9 0 3

4106

Proteja

a Pecuária Nacional



Os métodos de criação e as raças variam ...

mas

o AUROFAC* suplemento alimentício revolucionário, para as aves de criação, os bezerros e os porcos, dá sempre resultado...

porque

...dando-se-lhes AUROFAC* os animais produzem maior lucro no mercado, visto estar provado que:

- a *crecem com maior rapidez*
- b *dão mais carne com menos alimento*

Sim... O AUROFAC*, que é devido ao labor de investigação científica da American Cyanamid Company, contém AUREOMICINA* e Vitamina B₁₂... obra autênticos milagres!

Dê sempre a suas aves de criação, bezerros e porcos, alimentos que contêm...

AUROFAC*

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO

Cyanamid International

NEW YORK, N. Y

Representantes exclusivos para Portugal e Ultramar:

Sociedade Farmacêutica Abecassis, S.A.R.L.

Rua Conde Redondo, 64 — LISBOA

Rua de Santo António, 15-3.º — PORTO

* Marca Registrada

3243

CYANAMID



Agente Geral para Portugal e Ultramar:
J. L. Duarte de Almeida, Suc.ra
Rua de S. Miguel, 61 — PORTO
Telefone, 26515

a bomba que resolve o seu problema caseiro
para hortas e jardins,
pequenas regas, etc.

4112

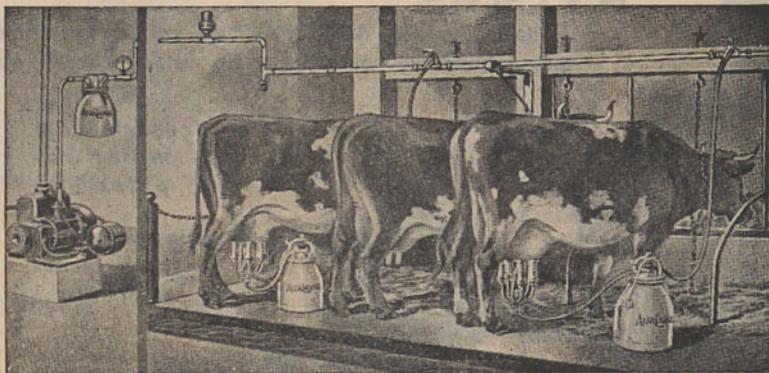
CONSUMO DE ELECTRICIDADE MÍNIMO

“VIBRO-VERTA”

a bomba portátil que resolve o abastecimento de água
na cidade e no campo

DEMONSTRAÇÕES GRÁTIS

INSTALAÇÕES AUTOMÁTICAS “ALFA-LAVAL”
DE ORDENHA

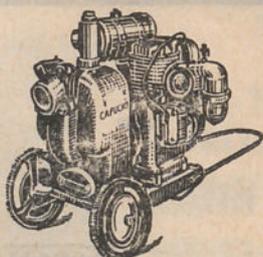


- * Portáteis e fixas,
para pequenas ou
grandes vacarias
- * As mais modernas
e eficientes
- * Funcionamento
garantido
- * Leite higiénico
- * Economia de mão
de obra

3887

PARA ESCLARECIMENTOS CONSULTE OS REPRESENTANTES EM PORTUGAL:

HARKER, SUMNER & C.A.L.DA — PORTO - 38, R. Ceuta, 48 * LISBOA - 14, L. do Corpo Santo, 18



GRUPOS MOTO-BOMBA

“CAPUCHO”

EQUIPADOS COM MOTOR A GAZOLINA.
PETRÓLEO OU GASOLEO

CASA CAPUCHO

LISBOA - RUA DE S. PAULO, 113-129
PORTO - RUA MOUS. DA SILVEIRA, 139-143

4086

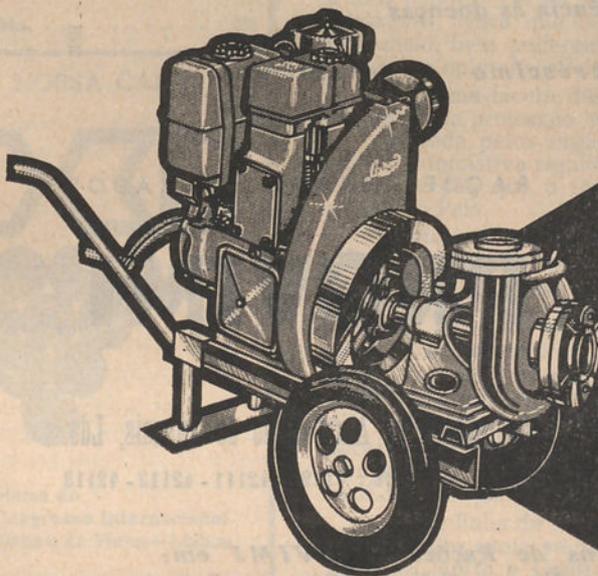
Lister

**GRUPOS
MOTO · BOMBA
DIESEL**

**MOTORES
ARREFECIDOS
POR AR E POR
ÁGUA DESDE
3,5 H. P.**

- ROBUSTOS
- ECONÓMICOS
- GARANTIDOS

**ASSISTÊNCIA
TÉCNICA
PERMANENTE
•
ENTREGAS
IMEDIATAS**



Pinto & Cruz, Limitada

60, Rua Alexandre Braga, 64 - Telf. 26001 (P.P.C.) Teleg. TUBOS-Porto



em suinicultura

PROVIMI permite:

- *baixo consumo de ração por quilo de carne*
- *rápido crescimento*
- *carne de melhor qualidade*
- *maior resistência às doenças*
- *notável acréscimo de rendimento*

3501

RAÇÕES E CONCENTRADOS

PROVIMI

PROVIMI PORTUGUESA — Concentrados para Alimentação de Animais, Lda.

Rua Filipe Folque, 2-2.º Dt.º — LISBOA - 1 — Telef.: 41197 - 42111 - 42112 - 42113

*Fábricas e Armazéns de Rações PROVIMI em:
Braga, Caramulo, Ovar, Urmeira-Odivelas, Sacavém, Faro,
Castro Verde, Ponta Delgada, Funchal e Malange.*

Fábricas e Representações em 31 países

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Julio Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR
AMÂNDIO GALHANO

Engenheiro Agrónomo

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) * Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66 - PORTO
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS - PORTO * Telefones: 25651 e 25652

Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º - PORTO

SUMÁRIO

Triunfo de uma iniciativa . . .	401
Milhos híbridos — Eng. Silvicultor Joaquim Abrantes Zenhas . . .	402
Atenção à Febre Aftosa . . .	404
Um reactor atómico exclusivamente para a investigação agronómica — Eng. Agrónomo Miguel E. G. de Melo e Mota . . .	405
Aspectos técnicos a ter em conta na enxertia de vinhas — Regente Agrícola J. Farinha . . .	407
Trabalhos em Junho	408
II Feira Nacional da Agricultura	410
A produção de plantas de castanheiro e a reconstituição dos soutos — Eng. Silvicultor Columbano Taveira Fernandes . . .	411
O apiário em Junho	414
O aprovisionamento artificial das abelhas — Eng. Agrónomo Vasco Correia Paixão	415
Trigo alentejano — Reg. Agrícola J. Costa Rosa	417
Intermediário dos lavradores . . .	418
A propósito da luta contra a Procecionária — Prof. C. M. Baeta Neves	419
As turvações dos vinhos — Eng. Agrónomo H. Bonifácio da Silva . . .	424
Caça e Pesca — O salmão em Portugal — Almeida Coquet . . .	426
Fomento Pecuário	429
Mirante — A mulher rural — Conde d'Aurora	435
SERVIÇO DE CONSULTAS	
— Fruticultura	434
— Viticultura	435
— Patologia Vegetal e Entomologia	435
— Medicina Veterinária	436
— Direito Rural	437
Informações	438

A NOSSA CAPA



Emblema do XI Congresso Internacional da Vinha e do Vinho — Lisboa

ASSINATURAS

Ano	100\$00
Semestre	55\$00
Número avulso	5\$00
Estrangeiro (Excepto Espanha) — mais	50 %

Visado pela Comissão de Censura

Triunfo de uma Iniciativa

CONFORME o programa previamente estabelecido, atingiu o seu termo, no passado dia 6 de Abril, o ciclo de conferências e colóquios sobre Silvicultura, organizado pela Comissão Permanente da especialidade da Sociedade de Ciências Agronómicas de Portugal.

Se pela ocasião em que surgiu e interesse que encerrava lhe dedicamos o nosso editorial de 1 de Abril — em que se destacava a alta importância da silvicultura — com o título «Feliz e oportuna iniciativa», agora, que de todos é conhecido o grande êxito alcançado pelo ciclo, bem poderemos escolhê-lo como tema de novo editorial, mas sob a epígrafe: «Triunfo de uma iniciativa».

Ora uma faceta deste triunfo foi, precisamente, a de haver conseguido uma projecção verdadeiramente notável — projecção que, ao lhe ser dada pelos órgãos de informação, mostrou da parte destes quanto a iniciativa significara como manifestação válida no âmbito da intensa acção que a todos nos incumbe levar a cabo para o progresso do País.

Grato por tal cooperação, que permitiu fazer chegar a iniciativa até largas camadas populacionais, referiu-se o presidente da Comissão Permanente de Silvicultura, o nosso colaborador, eng. silvicultor Maximino Alvarez, na última sessão do ciclo, à necessidade que há de obter a adesão consciente da população à obra de desenvolvimento florestal do País, e sublinhara quanto essa missão terá de ser «constante preocupação, um trabalho em profundidade de formação de opinião. . . , sempre difícil e moroso».

Por isso mesmo, não paremos. Continuemos. Continuemos apoiando iniciativas semelhantes, colaborando, rodeando a silvicultura portuguesa do ambiente mais propício aos seus altos fins, para bem do País, para bem de todos os Portugueses.

Nesta linha de rumo, desde já manifesta a «Gazeta das Aldeias» o seu inteiro apoio ao desejo expresso pelo sector silvícola e agronómico do Norte e Centro de ver o ciclo repetido na nossa Cidade.

Estamos certos que a Sociedade de Ciências Agronómicas de Portugal, dentro da ampla e valiosíssima actividade em que está empenhada, envidará todos os esforços para que, de acordo com as suas possibilidades, tal desejo se converta em realidade, num futuro próximo. Por hoje, agradável nos é registar a declaração feita, na mesma sessão, pelo presidente da Comissão Permanente de Silvicultura, ao anunciá-lo: «Esta solicitação vai ser objecto de estudo e, da nossa parte, tudo faremos para corresponder a tão honroso convite».



MILHOS HÍBRIDOS

Por JOAQUIM ABRANTES ZENHAS
Eng. Silvicultor

O nosso agricultor desde sempre habituado a semear milho, costuma semear uma ou outra das suas variedades regionais, conforme a data em que faz a sementeira, a natureza da terra em que a vai efectuar e o tipo de cultura a usar.

Assim, nas terras altas costuma semear um milho *temporão*, e nos regos do trigo e da aveia, ou nas batatas, um milho *verdeal*; nas terras baixas, lavradas mais tarde, semeia também variedades adequadas, como o *verdeal de 100 dias*, o *ribeirinho* e outras.

E o agricultor sabe, todos nós o sabemos muito bem, que estes cuidados na escolha da semente não podem deixar de ser tomados em boa conta, para que se não comprometa a colheita de grão.

Todas estas variedades levam *tempos* diferentes na terra, até que o *milho* esteja em condições de *tirar*. A estes *tempos*, isto é, ao número de dias que medeia desde a sementeira de uma dada variedade de milho, até que as *espigas* estejam maduras e, por conseguinte, em condições de colher, chama-se *período ou ciclo vegetativo* dessa variedade.

O conhecimento deste factor é de grande importância quando se trabalha com milhos híbridos. Tão grande, que a não ser tido em consideração, pode anular os inegáveis méritos de produtividade destes milhos, podendo até, em casos extremos, arriscar-se a sua colheita.

Os milhos híbridos, porque se trata de sementes melhoradas são altamente produtivos, aconselhando-se, por isso, a sua cultura, como forma de aumentar a

produtividade das terras e diminuir os custos de produção respectivos.

Este facto é verdade assente e incontestável, firmada já pela lavoura de todos os países de agricultura progressiva e sobejamente demonstrada entre nós, em inúmeros campos experimentais nas diferentes regiões do nosso país.

Tanto os Serviços Regionais da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, como várias entidades particulares ligadas ao comércio de adubos e sementes, e ainda lavradores que também os têm ensaiado, ou já os cultivam em cultura normal, não fazem segredo dos resultados que têm colhido e são unânimes em afirmar que as produções dos milhos híbridos são em muito superiores às das variedades regionais.

Todavia, há lavradores descontentes que não acreditam nos méritos dos milhos híbridos, porque tendo-os semeado uma e até já mesmo várias vezes não obtiveram os resultados almejados, que a publicidade lhes tinha referido. Estes lavradores não mentem, pois foram infelizes, como afirmam, nas suas experiências; não têm, porém, motivos bastantes para serem cépticos e, muito menos ainda, razão alguma que os autorize a ser derrotistas.

O milho, como todas as outras plantas que cultivamos, tem exigências próprias, umas radicadas no clima, outras na natureza do solo, outras ainda relacionadas com os sistemas de cultivo.

E a todas estas exigências há que atender, pois basta que uma delas apenas fique por satisfazer, para que os resulta-

dos da sua cultura sejam afectados, em menor ou maior grau, mas sempre em prejuizo da colheita de grão e, portanto, do agricultor.

O cultivo dos milhos híbridos, tal como o das variedades regionais, está na dependência dos amanhos feitos à terra, das disponibilidades de água de rega e das quantidades e fórmulas de equilíbrio dos fertilizantes empregados. Mais ainda, depende do clima, do tipo de terra, do sistema de cultura e das datas de sementeira.

Há muitas variedades de milhos híbridos, e no nosso mercado bastantes se encontram já à venda. Não são porém todas iguais, nem se podem semear indistintamente umas em vez das outras.

Não se pode mesmo, até, confrontar os méritos de umas em relação às outras, sem bases de comparação válidas e definidas em igualdade de circunstâncias.

Para facilidade de exposição e depois de escolha, tomemos como normativo o seguinte critério de classificação dos milhos híbridos, segundo os seus ciclos vegetativos.

Ciclo ou período vegetativo é, como já atrás se definiu, o número de dias que vai desde a sementeira até à data em que as espigas estão maduras. Para mais precisão tomemos ainda como índice de maturação o grau de humidade dos grãos, considerando-os maduros quando a sua humidade não exceder 30 o/o.

Nesta conformidade de ideias podemos agrupar as diversas variedades de milhos híbridos em:

a) *Variedades precoces* — Caracterizadas por terem ciclos de vegetação inferiores a 120 dias.

b) *Variedades tardias* — Caracterizadas por terem ciclos de vegetação superiores a 160 dias.

c) *Variedades de ciclo de vegetação médio* — Caracterizadas por ciclos de vegetação compreendidos entre 120 e 160 dias.

Na dependência directa da grandeza dos ciclos de vegetação dos milhos híbridos está também o seu vigor e produtividade. Estes milhos são tanto mais vigorosos e mais produtivos quanto maiores forem os respectivos ciclos de vegetação.

Daqui se infere que dois milhos híbridos só são comparáveis, quando cultivados em idênticas condições, tenham ciclos de vegetação iguais, ou muito aproximados.

O problema torna-se, no entanto, ainda muito mais complicado, porque a comparação só tem valimento local, isto é, só é válida para a região em que foi feita e para os tipos de solo e de exposição em que teve lugar. E isto, porque os ciclos vegetativos das diversas variedades de milhos híbridos são grandemente influenciados pelas características climáticas das diferentes zonas do País.

Não é de esperar que uma mesma variedade, cultivada junto à orla marítima, se comporte da mesma forma quando cultivada, por exemplo, a altitudes de 300, 400 metros. Da mesma forma não são ainda de esperar idênticos resultados culturais para uma mesma variedade, quando cultivada simultaneamente no Minho e na Península de Setúbal, ou no Algarve.

Numa mesma localidade o comportamento de uma dada variedade de milho híbrido varia ainda e grandemente com a data em que é semeado. E quando semeado na mesma altura e na mesma localidade, os resultados culturais ficam na dependência da situação da terra e da sua natureza.

De forma alguma são comparáveis, e podem até ser muito diferentes, o que acontece na quase generalidade dos casos, os resultados culturais de uma mesma variedade de milho híbrido, quando semeado no mesmo dia, mas indiferentemente em terras de várzea e em terras de encosta, em terras fundas e férteis e em terras delgadas e pobres.

A estes factos se deve, sobretudo, o fracasso tido por quantos lavradores tenham semeado sem êxito milhos híbridos.

Um milho híbrido tardio com 180 a 190 dias, por exemplo, de ciclo vegetativo, se for semeado numa terra baixa de Vale de Cambra, não dá, com absoluta certeza, as produções de que é capaz, e pode-se até correr o risco de ver a sua colheita comprometida. Se este milho for semeado tarde, já pelo mês de Maio dentro, pode não ter tempo de atingir a sua maturação completa, se as chuvas

vierem cedo, ou pior ainda se surgirem algumas geadas no Outono. Pelo contrário se for semeado cedo, aí por princípios de Abril, as suas primeiras fases de desenvolvimento não se processarão em boas condições por a terra se apresentar *fria*.

Este milho não é portanto indicado para tais terras, nesta região.

Poder-se-á tentar a sua cultura em terras altas, semeando cedo, se a Primavera correr quente, mas mesmo assim há que cecear os fins do Outono.

Por outro lado um milho híbrido temporão com 95, 100 dias de ciclo vegetativo, semeado cedo em qualquer boa terra de regadio do Centro do País, dará lugar a uma razoável colheita, é certo, dentro das possibilidades da respectiva variedade, mas sempre muito inferior à que se poderia obter semeando qualquer variedade de ciclo longo ou médio.

Num e noutro caso não serão de admirar resultados de confronto favoráveis às variedades regionais das respectivas localidades, se forem semeadas em conjunto com os referidos milhos.

A escolha das sementes dos milhos híbridos para ser acertada e não conduzir a fracassos tem, por isso, que ser fundamentada na experiência e ter em conta as características da semente por um lado, e as do terreno e as do clima por outro, não esquecendo além disso a data em que se pretende semear.

Depois, ao fazer-se a sementeira há que condicionar às características do milho escolhido a fórmula de adubação a usar: *Milhos de ciclo longo e muito vigorosos requerem adubações mais quantiosas, que milhos de ciclo curto e menos vigorosos.*

Às características do milho há ainda que condicionar o espaçamento das linhas e o número de pés a deixar por hectare de terra: *Os milhos mais vigorosos necessitam de mais espaço, logo têm que ser semeados em linhas mais afastadas e nestas têm que ser mais mondados, que os milhos de porte mais pequeno e de ciclo vegetativo mais curto.*

Este problema não é fácil e a lavoura não está de forma alguma preparada para o resolver, mau grado, carecida, como

Atenção à Febre Aftosa

Nos concelhos de Alcobaça e de Leiria, têm sido ultimamente diagnosticados vários focos de Febre Aftosa, nos animais receptíveis — gado bissulco.

Devem pois estar atentos os senhores lavradores, para comunicarem prontamente qualquer caso, mesmo suspeito, às Autoridades Veterinárias ou na falta destas, às Autoridades Administrativas.

Carrilho Chaves.

está, de encontrar soluções que lhe aumentem as produções das suas terras e a produtividade do seu trabalho.

Aos técnicos agrícolas e à Secretaria de Estado da Agricultura pesa a responsabilidade de a esclarecer. Às entidades particulares ligadas ao comércio de sementes, neste caso particular de sementes de milhos híbridos, assiste-lhes o dever de não venderem indiscriminadamente os seus produtos, como forma de contrariarem o fracasso, e de se rodearem de técnicos e apoiarem a sua actividade e publicidade dos seus produtos em dados experimentais e dignos de crédito, como forma única e válida de atingirem os seus fins e contribuirem para o êxito das explorações agrícolas, suas clientes.

Não apresentei neste escrito linhas de orientação que ajudem os leitores a escolher as variedades de milhos híbridos a semear nas suas terras, nem lhes apresento quaisquer normas para conduzir à sua cultura.

Pretendi apenas levantar-lhes um problema, mas um problema que é importante, e que carece das atenções de todos, da lavoura, dos técnicos agrícolas e do comércio de sementes, porque não admite uma solução geral e válida para todos os casos, antes tem que ser resolvido para cada caso concreto.

Um reactor atómico exclusivamente para a investigação agronómica

Por
MIGUEL EUGÉNIO GALVÃO DE MELO E MOTA
Engenheiro Agrónomo

Já na *Gazeta das Aldeias* (n.º 2465, de 16 de Fevereiro de 1962) tive ocasião de descrever sucintamente o Instituto de Ciências Atómicas para a Agricultura (ITAL) de Wageningen, na Holanda, que pude visitar no Verão de 1960. Nesse artigo mencionei ter o Instituto em projecto a construção dum reactor atómico exclusivamente destinado à investigação agronómica. Também referi que o ITAL estava a trabalhar com contrato com o EURATOM, a organização europeia da energia atómica. Essa colaboração foi posteriormente incrementada, de forma que hoje existe uma «Associação EURATOM — ITAL».

O reactor atómico cujos projectos me foram mostrados em 1960 já entrou em funcionamento e foi entregue ao ITAL. Wageningen continua, assim, na vanguarda da ciência agronómica e dá-nos uma medida do nível a que deve trabalhar a agricultura dum país civilizado. A Holanda não se dá ao «luxo» de ter um reactor atómico para a sua agricultura; o que não pode é «dar-se ao luxo» de ter uma agricultura primitiva e, como tal, não rentável.

O reactor tem o nome de BARN, das iniciais do seu nome completo de «Biological and Agricultural Reactor of Netherlands» (Reactor Biológico-Agrícola da Holanda). É do tipo piscina, usando água natural como moderador e tem a potência de 100 kw. O seu combustível é urânio

enriquecido a 90 o/o, isto é, urânio em que a percentagem do isótopo U^{235} foi elevada para 90, em vez do valor de 0,7 o/o existente no urânio natural, onde a maior parte é U^{238} . A quantidade total de combustível no núcleo do reactor é de 4 kg.

* * *

Qual a razão da existência dum reactor atómico num instituto de investigação agronómica? Que utilidade pode ter para a agricultura essa instalação que estamos habituados a ver apenas nos domínios da física atómica?

Divaguemos um pouco sobre alguns elementos muito simples de física nuclear para compreendermos que utilidade pode ter um reactor atómico na agricultura.

As radiações ionizantes mais empregadas para diversos fins são os raios gama, as partículas alfa, as partículas beta e os neutrões. Todas elas podem ser produzidas por diferentes processos e, pelas suas características, são utilizadas de diferentes maneiras. As partículas alfa e beta, mesmo quando animadas de energia bastante alta, pouco penetram na matéria; os raios gama e os neutrões, pelo contrário, atravessam com facilidade espessuras de matéria bastante consideráveis, o que os torna valiosos para a solução de diversos problemas.

Os raios gama são constituídos por radiação electro-magnética e, duma forma

geral, idênticos aos raios X, em regra com mais energia. Obtêm-se, normalmente, com facilidade, a partir de alguns isótopos radioactivos que os emitem ao desintegrar-se, sendo os mais largamente usados o cobalto 60 (Co^{60}) e o césio 137 (Cs^{137}).

Os neutrões são partículas de massa idêntica à dos prótons, mas desprovidos de carga eléctrica. São bastante mais difíceis de obter pois, entre as reacções nucleares de que resultam, só a cisão nuclear na reacção em cadeia os produz em grande quantidade. Por essa razão, sempre que haja necessidade de utilizar um alto fluxo de neutrões, há que recorrer a um reactor atómico, onde a reacção em cadeia se processa debaixo de controle. Um reactor atómico funciona, assim, essencialmente como uma fonte de neutrões e estes são usados na investigação agronómica para o ataque a vários problemas, entre os quais avulta como de capital importância a produção de mutações genéticas, com o objectivo de conseguir mais valiosos mutantes a usar no melhoramento de plantas.

* * *

O reactor BARN foi desenhado de forma a servir os objectivos que determinaram a sua construção. Assim, havendo que irradiar objectos relativamente grandes, como por exemplo, plantas em vasos, o reactor tem que dispor, perto do núcleo, dum câmara de dimensões bastante maiores do que as usuais e onde o fluxo de neutrões ainda seja relativamente elevado. Essa câmara tem 7×5 m, encontra-se colocada por baixo do núcleo do reactor e dispõe, evidentemente, de controle de luz, temperatura e humidade. Isto é, o tanque que contém o reactor encontra-se colocado no tecto dessa Câmara, havendo ainda nesse tecto um pequeno tanque de água pesada e um filtro de bismuto para assegurar que à câmara de irradiação apenas cheguem neutrões lentos, sem contaminação por radiação gama.

Claro que esta descrição condensada, compatível com o espaço disponível para um artigo na *Gazeta das Aldeias*, não dá senão uma ideia muito pálida da enorme complexidade da instalação e dos muitos

dispositivos de controle e segurança que ela exige.

* * *

Só depois de se ter atingido um alto nível e grande desenvolvimento na investigação agronómica dum país é possível considerar a utilidade dum reactor como o BARN a ela exclusivamente destinado. Para justificar as dezenas de milhares de contos que ele custa e o encargo anual da sua utilização é necessário um eficiente uso, que pressupõe a existência de projectos em marcha, aos quais o reactor permitirá dar grande incremento.

Esses projectos em marcha nos diversos ramos da Ciência Agronómica ou, se preferirem, nas diversas ciências que servem a ciência agronómica só podem existir quando se dispuser de um número elevado de cientistas qualificados, providos daquilo de que necessitam para o seu trabalho.

Como é óbvio, a Holanda possui tudo isto (incluindo um citologista português), centrado nessa extraordinária cidade que é Wageningen. E porque possui tudo isto, possui uma agricultura de alto nível, que ganha dinheiro, em vez de o perder.

É-me impossível olhar para estes casos e analisar estes problemas sem, necessariamente, fazer a comparação com o que se vai passando no nosso país. E a conclusão triste a que chego é sempre a mesma: ou o Estado decide investir na agricultura aquilo que é necessário para a tornar eficiente ou está de antemão a condená-la — e ao país — a ser desnecessariamente pobre.

Na fase em que estamos não precisamos ainda dum reactor nuclear. Não tem, a nossa modesta investigação agronómica, amplitude suficiente para lhe permitir utilizar em cheio uma tal ferramenta. Para as necessidades actuais pode servir o reactor que existe no Laboratório de Física e Energia Nuclear da Junta de Energia Nuclear. Mas precisa, urgentemente, de muitas outras peças de equipamento, bastante mais modestas, cuja utilização permitirá tirar partido dos técnicos existentes.

A nossa investigação agronómica não dispõe ainda, por exemplo, sequer dum único microscópio electrónico, aparelho

Aspectos técnicos a ter em conta na enxertia de vinhas

Escolha e mistura de castas

Por JOSÉ FARINHA

Regente Agrícola

NAS nossas notas anteriores foi-nos dada a oportunidade de apresentar ao leitor vários aspectos de ordem técnica e prática que muito importa considerar, especialmente quando se pretende escolher e guardar material de enxertia. Ainda que relacionada com a presente questão, mas bastante distinta daquela, tratamos hoje de um outro aspecto do problema vitivinícola, que se nos afigura da maior importância, quer seja analisado do ponto de vista técnico, quer económico. Referimo-nos à mistura de castas numa mesma vinha, grande ou pequena, sendo nosso objectivo principal e até onde nos permitirem os conhecimentos, pôr em evidência os múltiplos inconvenientes que daí resultam.

Assim, sempre que o viticultor tem uma bacelada para enxertia, devia, não só no seu próprio interesse mas, inclu-

que custa cerca de mil contos, apesar de há mais de onze anos ele ter sido pedido oficialmente, com pormenorizado e documentado relatório. Um microscópio electrónico é hoje ferramenta indispensável à resolução de inúmeros problemas. E não dispõe de tantas coisas comestíveis, para as necessidades do dia a dia do funcionamento dos laboratórios.

É tanto menos justificada essa carência de verba para a investigação agronómica porquanto qualquer modesta descoberta, qualquer pequeno avanço em relação ao que a agricultura hoje faz, representa uma tão grande riqueza que em breve paga, com juros astronómicamente altos, as despesas que se fizeram. Já mais de uma vez tenho provado, com números, que assim é. Ainda, possivelmente, voltarei ao assunto.

sivamente, no da própria economia nacional, antes de proceder à enxertia, tomar as indispensáveis medidas de precaução no que se refere à qualidade e características gerais das massas vinicas a obter, quantidade de produção, rendimento dos mostos, gradações, etc., etc..

Antes de mais importa que se diga — embora se trate de um aspecto do problema a que já demos o indispensável relevo — que não interessa apenas que se escolham as melhores varas e que se lhe dêem os indispensáveis cuidados, com vista à obtenção dos melhores garfos. Embora, repita-se, se trate de pormenor de assinalado interesse, ele situa-se, contudo, aquém do interesse que deve merecer ao viticultor, a escolha da casta ou castas com que vai enxertar.

Este aspecto do problema, que tem sem dúvida muito interesse, não tem merecido de elevado número dos nossos viticultores a indispensável atenção, sendo por esse facto ainda frequente encontrarem-se vinhas onde se enxertaram à sorte várias castas, que conduzem à obtenção de resultados absolutamente contraditórios. Nestas circunstâncias, que é como quem diz — quando se trabalha sem rei nem roca — raramente se melhora em qualidade, e quase sempre ou sempre, se reduz a quantidade.

Como regra o nosso viticultor, principalmente o menos experiente nestes assuntos, começa por enxertar na sua vinha as castas indicadas pelo amigo, as fornecidas pelos vizinhos, e ainda outras escolhidas ao sabor da sua fantasia, sem curar de saber períodos de maturação, tipo geral das massas vinárias, e destas, em especial, as características de paladar,

(Conclui na pág. n.º 413)

TRABALHOS

EM

JUNHO

Iniciar ou continuar, para o Centro e Sul, os alqueives de Verão.—Estravessar, entravessar, refender ou atalhar as terras já decruadas e gradar outras para as abafar a tempo.

Terminar, nos primeiros dias, as sementeiras do milho, de folha, com ou sem feijão rasteiro, feijanico ou feijoa; semear milho de relva, restivo ou contrafeita, estreme ou associado àquelas leguminosas.

Não esquecer tratar a semente com os insecticidas próprios para proteger a planta jovem dos ataques do «alfinete» que tantos prejuízos causa.

Ultimar a sementeira de feijanico ou feijão frade, estreme, e a do feijão do tipo «pear-bean», nas terras frescas.

Terminar a sementeira e a plantação do arroz, nos terrenos apaúlados, adubando previamente as marinhas em seco.—Adubar em cobertura o já plantado há três semanas ou o semeado.—Plantar pimentão e tomate para a indústria.

Sachar (decruar, arrendar) batata, feijanico, girassol e milho e amontoar já batata e milho de sequeiro.

Mondar e regar linhos e cânhamos. Regar prados de trevo violeta e de luzerna.

Capar melões e abóboras, assim como os tomateiros adiantados, e aplicar-lhes nitrato ou nitramoncal em cobertura, se for necessário.—Fazer as arrelentas, relenteios ou desbastes necessários.

Sulfatar batatais e tomatais com caldas cúpricas ou de fungicidas orgânicos de síntese e defender do piolho especialmente os meloais (melões e melancias) e feijoais.

Ceifar e debulhar cereais de pragana (centeio, cevada, trigo), tendo o cuidado de separar as manchas melhores para a semente.

Apanhar e debulhar ervilhas e favas.—Apanhar garrobas e misturadas, seradela para semente, assim como bersim e trevo da Pérsia.

Apanhar, no Algarve, o grão-de-bico mais adiantado.

Segar ou gadanhar os lameiros ou lenteiros, e secar, atar, embarracar ou enfiar os fenos.



Regar, onde seja possível, as plantações mais atrasadas para garantia do pegamento.

Estar atento aos ataques da «mosca» que tantos estragos causa. O combate a esta praga é já hoje

possível, mas para ser economicamente viável há que observar com cuidado o olival de forma a fazê-lo só quando necessário e na oportunidade devida.

Inspeccionar as prumagens para lhes quebrar os ladrões se aparecerem e os enxertos para os aliviar da vegetação desnecessária.

NOS OLIVAIS

Chovendo, estravessar ou redrar mais uma vez com grade de molas ou escarificador, e abafar de seguida ou ao mesmo tempo.



O mês de Junho é um dos meses mais críticos para a vinha sob o ponto de vista da sua sanidade. O mildio, se ataca, pode destruir a produção pela invasão dos cachos, que faz cair e abortar. E o oídio, se o tempo é favorável, não mais os abandona até que aparece o pintor.

NAS VINHAS

Tem de estar-se atento para intervir sem tardança.

A calda cúprica ou as caldas de fungicidas orgânicos de síntese continuam a aplicar-se preventivamente; o enxofre usa-se curativamente, quando o oídio se manifesta.

Se num ou noutro ponto, porque houve descuido, é ineficaz, recorre-se à calda de permanganato a 0,75 a 1 por mil. Lembra-se ainda as vantagens das caldas mistas de cobre e enxofre ou de orgânicos e enxofre. Os modernos enxofres molháveis e os micronizados facilitam a sua preparação e aplicação.

Apesar de bastante diferente, tem-se confundido já o mildio com o oídio. Depois dos bagos estarem já vingados, aparece uma modalidade de mildio que é designada no Minho por guedelho.

O aspecto pulverulento à primeira vista indica o oídio ou cinzeiro. Mas observação mais atenta mostra logo as diferenças: o guedelho é, a bem dizer, mais granuloso e mais claro e na primeira fase, despega-se do bago com facilidade; o cinzeiro, farinha ou farinhoto é pó mais fino e acinzentado.

O tratamento com o enxofre é ineficaz contra o guedelho. Só as caldas de permanganato, seguidas de caldas cúpricas podem, até certo ponto, entravar a doença.

A medida que a temperatura se eleva e o ar seca diminuem as possibilidades de ataques tanto do mildio como do oídio. Mas, é, nos sítios baixos, nos vales apertados e mal arejados, onde a humidade possa acumular-se, que o mildio e o oídio podem fazer estragos se não se estiver atento.

A desfolha e o esladramento

São operações que se completam e andam ligadas. Tiram-se as folhas mais velhas, abaixo do primeiro cacho e eliminam-se todos os ladrões ou mamões que não seja necessário aproveitar para formar vara de poda. A desfolha está indicada nas videiras muito folhudas e nos sítios mais húmidos e menos ventilados. Favorece a limpa ou purga e facilita os tratamentos fungicidas. Mas é necessário fazê-la com especial cuidado. Não se pode, como é frequente, arrancar ao acaso. Cortam-se as folhas a meio pé só onde é preciso e sempre pela parte debaixo do primeiro cacho.

O esladramento deve preceder a desfolha. É que a eliminação de um ladrão basta às vezes para evitar o corte de folhas.

No tronco, até os primeiros braços, todos os ladrões desaparecem, a não ser que seja necessário deixar nalgum liso uma espera. Nos braços cortam-se todas as varas que apareçam em volta da principal. Deixando-as, prejudica-se não só o crescimento da principal como posteriormente, na poda, se têm de fazer outras tantas feridas. Geralmente não se presta o devido cuidado a este pormenor e daí o acontecer que as varas de poda são más e as cepas enfraquecerem com os sucessivos ferimentos.

Correntemente as varas desnecessárias são esgarçadas. O processo é mau, porque dá origem a ferimento grande. É mais recomendável quebrá-las o mais possível. Com o polegar e o indicador, o serviço faz-se rapidamente. A unha do polegar também às vezes se usa vantajosamente.



Enxertar, ainda, de anel, enquanto a casca der, nas regiões mais frescas — amendoeiras, ameixeiras, castanheiros, nogueiras e pessegueiros; e de escudo (olho vivo) os citrinos e outras fruteiras.

NOS POMARES

Observar a ligadura dos enxertos feitos anteriormente e eliminar os rebentos dos cavalos ou padrões.

Redrar e regar os pomares de espinho e os bananais. — Cortar os rebentos em excesso das bananeiras e libertá-las das folhas secas e da flor dos cachos. — Aplicar cal ou sucedâneos, nos terrenos que a não possuam de preferência na forma líquida.

Defender das pragas e malinas: do pedrado das pereiras com caldas apropriadas; — da lepra do pessegueiro; — das lapas, escamas e cochonilhas com emulsões oleosas de Verão; — dos piolhos ou pulgões com caldas nicotinadas, e caldas apropriadas que se encontram no mercado; da mosca da fruta, com frascos apanha-moscas ou caldas clordânicas; de vários insectos, com faróis-armadilhas durante a noite.



Mudar plantas do seminário para o plantório. — Sachar, mondar, regar e esla-droar. — Aplicar nitrato ou nitramoncal

NOS VIVEIROS

ou água choca, se for necessário estimular.

Enxertar segundo as espécies dos cavalos que existam, especialmente as fruteiras de caroço por anel, apito, gaita ou canudo.

Abriçar nascidos do excesso do Sol, especialmente das laranjeiras e de eucaliptos.



Recolher gema nos pinhais de acordo com as boas regras técnicas.

Descortiçar, segundo as regras estabelecidas e com o cuidado necessário para não ferir o entrecasco ou a mãe da cortiça.

Cortar matos para camas e estrumes, cuja produção pode intensificar-se pela elevação do calor onde não falte água.

Limpar aceiros e arrifes.

Intensificar a vigilância contra incêndios.



Semear ainda em sítios frescos e abrigados dos ardores do Sol, anêmonas, boas-noites, chagas, galhardias, gipsofila, papões. — Alporcar craveiros.

Transplantar papagaios, sécias, zínias, e mudar, para os vasos maiores, os crisântemos enraizados.

NOS JARDINS

Regar, mondar e sachar intensamente.

Desligar os enxertos das roseiras, feitos anteriormente, quando tiverem 3 a 4 folhas, para que se não dê o estrangulamento dos ramos; — aplicar nitrato, nitramoncal ou água choca àquelas cuja floração quiser prolongar-se. — Estacar as dâlias.

Cegar os botões excessivos aos craveiros em flor, para que esta atinja toda a pujança.

Levantar as cebolas das plantas que já floriram — lírios da Transilvânia, gladiolos, jacintos e tulipas, quando as folhas principiarem a amarelecer.

II Feira Nacional da Agricultura

A par da sua função utilitária que, está por demais bem evidenciada, a Feira do Ribatejo — 1965, II Feira Nacional de Agricultura, apresenta um programa recheado de motivos do maior interesse, desde as magníficas exposições de gados seleccionados, bovinos, equinos, lanígeros, etc., etc., numa variedade que é um regalo para os olhos, de produtos da terra, de pequenas peças encantadores do labor de artesão, às mais complexas máquinas que a técnica apurou para todos os fins industriais e agrícolas já sem falar de um sem número de motivos que se patenteiam pela extensa chã em fora.

E, a par desse mostruário de uma riqueza que se contempla com embevecimento, teremos curiosas manifestações típicas e maravilhosos espectáculos, como as tradicionais corridas de toiros, agora em praça condigna inaugurada o ano passado com o maior esplendor e que é o maior tauródromo de Portugal e um dos maiores da península.

Dentre elas, teve lugar no dia inaugural — 30 de Maio — com a presença de Sua Excelência, o Presidente da República, a muito categorizada Corrida à Antiga Portuguesa, precedida de cortejo histórico evocativo, que decorreu em cerimónia das melhores galas, patentiando a sábia lição dos melhores Mestres da Arte de bem cavalgar a toda sela e o destemor dos moços de forçado, que sempre constituem o assombro dos estrangeiros que se deliciam com a nossa corrida de feição menos bárbara e da maior beleza espectacular.

Terminará o certame em 13 de Junho, com uma extraordinária afirmação dos melhores valores etnográficos portugueses e do estrangeiro, nomeadamente da Espanha, França, Itália, Irlanda, etc..

O Festival Internacional de Folclore, reunindo mais de 30 agrupamentos, é mais um aliciente cariz do excelente programa da XII Feira do Ribatejo e II Nacional da Agricultura.

A produção de plantas de castanheiro e a reconstituição dos soutos

Por
COLUMBANO TAVEIRA FERNANDES
Eng. Silvicultor

O estado sanitário dos soutos portugueses e a situação económica do País quanto à cultura do castanheiro causam-nos sérias inquietações.

Em vários trabalhos temos procurado indicar a política geral que se pode e deve encarar para os soutos actuais e futuros e ainda focado os problemas económicos e sociais que podem resultar do desaparecimento dos castanhais do Continente e Ilhas Adjacentes. Além disso temos também procurado demonstrar a necessidade de desenvolver a cultura do castanheiro onde ela é possível encarando-a sempre sob dois aspectos bem distintos qualquer deles de enorme importância para a economia das populações rurais. Por um lado há a considerar a produção de madeira e por outro produzir frutos de boa qualidade do ponto de vista comercial.

O primeiro tipo de cultura compreende a exploração em talhadia e requiere uma silvicultura apropriada, e o segundo uma arboricultura fruteira que nas suas grandes linhas se inspira naquela de outras árvores de fruto, embora tenha de ser definida em certos pontos particulares.

Eis porque no melhoramento do castanheiro, considerado no seu sentido mais geral, temos orientado a cultura do castanheiro nesse sentido e tendo em atenção os fins a atingir.

As exigências e critérios que permitem seleccionar os castanheiros destinados a

produzir fruto ou madeira são diferentes conforme bem se compreende. Assim:

1) — A planta de características florestais deve possuir um sistema radicular resistente à «Doença da Tinta» (provocada pelos fungos *Phytophthora cambivora* e *cinnamomi*) e um sistema aéreo resistente a outras doenças; adaptar-se às condições ecológicas onde vai ser plantada; ser resistente à secura e ao frio e ser capaz de um desenvolvimento rápido. A faculdade de produzir frutos é secundária embora possa concorrer para regenerar a floresta.

2) — A planta para fruto pode ser produtor directo ou provir de enxertia e deve possuir as seguintes características:

a) Como produtor directo deve ter um sistema radicular semelhante ao da planta florestal; produzir frutos temporários de maneira a reduzir ao mínimo o período entre a plantação e a entrada em produção; ter uma rebentação tardia para não sofrer com as geadas de Primavera; ser de ciclo vegetativo curto de modo a que os ramos novos estejam suficientemente endurecidos (atempados) antes das geadas de Outono e de Inverno; dar frutos de qualidade tanto para consumo em verde como para ser utilizado em confeitaria e nas indústrias transformadoras e não ter um desenvolvimento demasiado

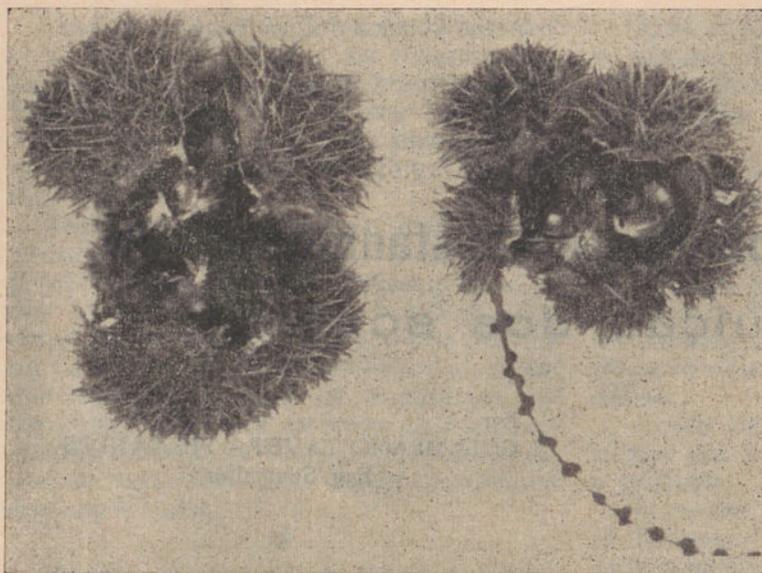


Fig. 1 — Ouriços da segunda camada de castanha produzida por um castanheiro híbrido vegetando no viveiro do Vimeiro (Alcobça)

a fim de se poderem realizar plantações com compassos mais reduzidos do que os usados actualmente de forma a facilitar tratamentos culturais e o combate às pragas.

b) Como planta enxertada deve reunir todas as qualidades indicadas para o produtor directo e ainda ser constituída por garfos de boa e rápida produção; ter boa afinidade na enxertia e ser resistente ao mal da «Tinta» e se possível a outras doenças nomeadamente ao cancro do castanheiro provocado pelo fungo *Endothia parasitica* (Murr.) And. & And.

Não é fácil apreciar a rapidez de crescimento e a amplitude de desenvolvimento próprio a uma árvore, assim como a sua aptidão para produzir rapidamente frutos. É necessário portanto pesquisar um processo permitindo nos primeiros anos prever a existência de uma ou outra daquelas aptidões.

Eis porque nos últimos anos temos procurado pesquisar o comportamento de vários castanheiros híbridos naturais e artificiais, estes obtidos por fecundação controlada, que se têm mostrado resistentes à «Doença da Tinta». De entre eles, dois foram já seleccionados por apresentarem características especiais quer

quanto a desenvolvimento vegetativo como a produção de fruto, os quais nos parecem ser de aproveitar como produtores directos embora possam também fornecer bons garfos para obter castanheiros de qualidade do ponto de vista comercial.

Outros se mostram aptos a ser utilizados na constituição de talhadias por se adaptarem bem a regiões menos favorecidas do ponto de vista agro-climático além de o seu desenvolvimento vegetativo ser superior ao castanheiro indígena.

É claro que por se tratar de híbridos entre a castanea crenata e a castanea sativa há muitos factores

a considerar para avaliarmos das suas possibilidades quanto ao seu aproveitamento quer como produtor de madeira, quer como produtor de fruto; porém, os elementos já colhidos permitem-nos ter esperanças num êxito assegurado num futuro próximo.

Assim, possuímos em Sanjurge (Chaves) um híbrido de fecundação controlada (*C. crenata* × *sativa*) que se tem adaptado muito bem às características edafoclimáticas da região, pois tendo apenas 10 anos de plantação mede cerca de 25 centímetros de diâmetro (D. A. P.), além de produzir bons e grossos frutos cerca de um mês do castanheiro indígena mais precoce.

No viveiro do Vimeiro de Alcobça, outro híbrido semelhante de propagação vegetativa tem uma precocidade excepcional quanto à produção de fruto o qual também é de bom tamanho e de boa qualidade. Trata-se de um castanheiro que embora não tenha um desenvolvimento vegetativo semelhante ao primeiro citado tem a particularidade de dar três camadas de ouriços.

Em 1964 produziu 2 colheitas de castanha ambas comestíveis, uma delas em fins de Agosto e a outra em fins de Outubro. Cada ouriço encerra 7 frutos dos quais

2 abortam na 1.^a camada. Na 2.^a camada apenas 2 a 3 castanhas vingam (fig. 1).

É possível que se tratasse de um ano excepcional mas parece não haver dúvida que estamos em presença de um clone de alto valor do ponto de vista frutícola.

Os estudos prosseguirão não só relativamente aos seleccionados como em relação a outros distribuídos por várias regiões do país para verificar o seu comportamento. Não há dúvida, porém, que quanto à resistência ao mal da «Tinta» os resultados demonstram estarmos em caminho seguro pois muitos dos castanheiros obtidos por inoculações experimentais e plantados há vários anos, em terrenos onde os castanheiros indígenas têm sucumbido, mantêm-se com bom vigor vegetativo.

Em todas as parcelas de estudo existentes nas mais diversas regiões do país, com graus de infecção bastante elevados e climas os mais variados, poucos são aqueles que têm sucumbido.

É pena que as condições de trabalho de que dispomos sejam tão precárias e que a falta de pessoal técnico e auxiliar nos não permitam alargar os campos de ensaios e desenvolver os estudos tendentes a um melhor e mais rápido aproveitamento das plantas de que dispomos.

De entre os diversos trabalhos a efectuar um se impõe, desde já, como sendo o de maior interesse para a lavoura, ou seja a produção de castanheiros resistentes em larga escala a qual pode ser realizada por via sexuada e assexuada.

a) — *Via sexuada* — As contaminações artificiais têm mostrado que os descendentes obtidos por fecundação controlada contêm quantidades de plantas resistentes ao mal da «Tinta» em proporções que dependem dos genitores postos em presença. Infelizmente o carácter de resistência não é dominante e não é certamente monogénico mas dependente de vários alélos de efeitos cumulativos. Por isso a produção de castanheiros resistentes por via sexuada se torna extremamente delicada, recorrendo-se de uma maneira geral à propagação de castanheiros por via assexuada por ser aquela que dá maior garantia na transmissão de caracteres.

(Continua)

Aspectos técnicos a ter em conta na enxertia de vinhas

(Conclusão da pág. n.º 407)

gradações, capacidade de conservação, cor, etc., etc..

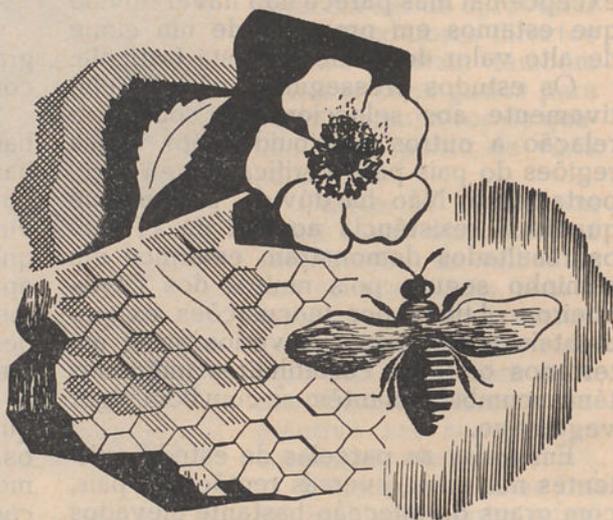
É claro que os pormenores que acabamos de apontar, todos o sabemos, acabam por preocupar seriamente o viticultor, quando mais tarde pretende vender o seu vinho — ou porque não tem cor, ou porque não tem grau, ou porque não é bem apaladado, etc., etc. — pontos a que habilmente se «agarra» o comprador. Bem sabemos que não é possível reunir nas mesmas massas, quaisquer que elas sejam, as melhores características vinicas, dado que, como todos sabemos, serem muitos os factores a contribuir para a sua melhoria, ou inferioridade, conforme os casos, que vão desde o tipo de solo, localização, condições climatéricas locais, exposição, água, etc., etc..

Mas, com as presentes notas pretende-se, e é isso que importa ter em conta, é que é possível quando se é auxiliado por um perfeito conhecimento das condições locais, e se observam as indispensáveis cautelas, não só melhorar a qualidade, se for esse o caso, como aumentar o rendimento do mosto, melhorar em cor, gradação, desde que à enxertia tenhamos uma ideia válida do que nos interessa produzir.

O que está fora de discussão e disso é que não devemos ter a menor dúvida, pelos elevados prejuízos que acarreta, é a mistura de castas precoces, com outras de maturação tardia, castas de muita cor, mas de baixo rendimento, com outras igualmente tintas, graduadas e de cor suficiente, castas muito produtivas, com outras de baixa produção, castas umas mais sensíveis do que outras, às doenças criptogâmicas, castas mais resistentes à seca, às chuvas, com outras com que se verifica absolutamente o inverso, etc.. Dentro desta orientação, a mistura de castas atinge por vezes tão elevadas proporções, que não é exagero atribuir-se-lhe muitos dos insucessos que frequentemente se observam.

Concluiremos nas próximas notas estes breves apontamentos.

O APIÁRIO EM JUNHO



PROCEDE-SE à colocação de alças, no norte do País, segundo o critério e as regras mencionadas no mês anterior.

No sul terminam, geralmente nesta quadra, as extracções do mel; mas na zona central é quando se iniciam.

Em todas as localidades em que as abelhas costumem fazer ainda uma colheita serôdia de néctares, as alças, depois de esvaziadas do seu conteúdo, são, ao anoitecer, novamente colocadas nas colmeias, onde se deixam ficar até Setembro ou Outubro, conforme a região do País.

Nesta altura é que se faz a extracção do mel outoniço e se retiram as alças definitivamente para o armazém.

Nas regiões, porém, em que as abelhas não consigam proporcionar-nos nenhuma colheita no tarde, as alças, após a extracção, voltam para as colmeias apenas pelo espaço de dois ou três dias, a fim dos favos serem limpos dos restos de mel que contenham, sendo depois desse prazo retiradas para casa, onde ficam empilhadas até à Primavera

seguinte, desinfectando-se periódicamente com vapores de enxofre por causa da «traça».

Toda a cera proveniente de favos velhos, bem como a resultante da desperculação deve ser, conforme dissemos no mês anterior, rápida e cuidadosamente purificada e depois enviada para uma oficina de moldagem.

Continua a recomendar-se a todos os apicultores a conveniência de apartarem, por ocasião da cresta, alguns quadros com favos de mel operculado, que deverão conservar armazenados, a fim de poderem socorrer facilmente, e com eficácia, os enxames que durante o Inverno venham a apresentar-se com falta de provisões.

Sendo já elevada a temperatura nesta altura do ano deve proceder-se à distribuição pelo apiário de tachos com água, munidos de bóias de cortiça, para as abelhas se dessedentarem.

Convém igualmente proporcionar maior arejamento a todos os enxames que forem encontrados a fazer «barba», isto é, que mostrem sofrer de excesso de calor.

O aprovisionamento artificial das abelhas

I — GENERALIDADES

Pelo eng. agrónomo VASCO CORREIA PAIXÃO
Director do Posto Central de Fomento Apícola

(Continuação do número 2539, pág. 225)

XX — RÉCIPES SÓLIDOS

Antigamente, quando o pólen escasseava nas colmeias, punha-se à disposição das abelhas, nos primeiros dias bonitos do ano, farinhas de grãos alimentares quaisquer — cereais ou leguminosas (Hommell); agora, porém, há tendência para substituir quase inteiramente a alimentação estimulante líquida da Primavera, destinada a compensar a escassez da recolha de néctares, por alimentação sólida, que forneça também o pólen, nesta altura de difícil obtenção (Hojas divulgadoras, número não identificado, por lapso).

Como é óbvio, não se trata de solução satisfatória, quando usada em exclusivo, ao contrário do que alguns imaginam; já se referiu, na verdade, por mais duma vez, que mal as abelhas têm possibilidade de voar para evacuem as feses e a criação se estende normalmente, a nutrição líquida não é prejudicial, tendo a vantagem de fornecer água às colónias, poupando milhares de viagens às respectivas abelhas, mesmo em dias tempestuosos e frios (Malagola).

Entenda-se, pois, que o predomínio dos récipes sólidos exige, em contrapartida, um suplemento de água concomitante, sem o qual deixarão de ser verdadeiramente úteis, embora dieteticamente equilibrados.

De resto, as colmeias suficientemente

populosas, como se sabe nunca temem a pilhagem que poderia resultar da administração dos xaropes, garantindo rendimento ao apicultor, se o clima não contrariar a natureza com frio, chuva insistente e vento constantemente nórdico, capaz de impedir o fluxo nectarífero; a secura persistente, aliás, suspende também a colheita (Malagola).

x) — Início do aprovisionamento

Nas regiões temperadas da França, segundo Hommell, convém iniciar a distribuição dos sucedâneos do pólen 15 dias aproximadamente antes da floração das primeiras plantas poliníferas, por a criação da ninhada começar ordinariamente a partir do correr de Fevereiro.

Hojas divulgadoras (número não identificado por lapso) aconselham a retirar em Setembro-Outubro, conforme os climas regionais, os quadros que contenham pólen e a repô-los em Janeiro ou Fevereiro seguintes, quando se inicia a nova criação; na hipótese disto não bastar, efectuar-se-á, então, o aprovisionamento com récipes sólidos.

xx) — Final do aprovisionamento

Assim que surjam as flores capazes de garantir uma boa colheita de pólen daí em diante.

xxx) — *Duração do aprovisionamento*

Variável de região para região.

xxxx) — *Quantidades diárias a administrar*

Sem conta, peso ou medida, mas sempre com generosidade.

XXX — RÉCIPES PASTOSOS

Aldrovandi, reportando-se à Itália Setentrional, diz que a nutrição artificial estimulante, para ser verdadeiramente eficaz, deve fornecer oportunos sucedâneos do pólen, os quais, suprindo a avareza da natureza em Fevereiro-Março, permitam às abelhas dedicar-se à criação da ninhada naquela estação.

Após alguns anos de estudo, este apicultor inclinou-se para os bolos ou fogaças de consistência pastosa e base mista, albuminóide-carbonada; tais fogaças são o correspondente actual, dieteticamente valorizado, da velha pasta de mel e açúcar, apenas hidrocarbonada.

x) — *Início do aprovisionamento*

Nas condições microclimáticas em que Aldrovandi trabalha, o aprovisionamento pastoso enriquecido com sucedâneos do pólen deve ter lugar muito cedo, em Fevereiro-Março, como se disse.

xx) — *Final do aprovisionamento*

Logo que desabrochem flores políferas em abundância.

xxx) — *Duração do aprovisionamento*

Variável de localidade para localidade; na zona a que Aldrovandi se reporta é de 3 a 4 semanas.

xxxx) — *Quantidades diárias a administrar*

Aldrovandi aconselha dar uma das suas fogaças por semana, o que equivale a um sétimo do seu volume por dia.

b) — *Alimentação por necessidade*

Canestrini e Asprea dizem que é sempre útil proporcionar um pouco de nutrição suplementar na Primavera, quando o mau tempo se prolonga por alguns dias, visto o consumo, mínimo durante o Inverno, passar a ser forte durante a criação da ninhada e aumentar com a progressão desta; tal crise de subsistências agrava-se também ainda com a morte de muitas colheiteiras (despovoamento primaveril), abelhas velhas do ano anterior que, depois de haverem dado um vigoroso impulso ao desenvolvimento da respectiva família, se esgotam e morrem nesta altura do ano.

a) — *Oportunidade da sua efectivação*

Quando entre o final do Inverno e o início da Primavera surge o mau tempo, com certa persistência, encontrando-se as colónias com as suas reservas esgotadas.

β) — *Natureza da alimentação fornecida*

É indiferente; pode ser líquida, pastosa ou sólida (rebuçados), conforme a vontade do apicultor.

x) — *Início e final do aprovisionamento*

Começa-se a ajudar as abelhas assim que as circunstâncias apontadas se tornem patentes, dando-se por findo esse auxílio ao desaparecerem as suas causas determinantes.

xx) — *Duração do aprovisionamento*

Variável.

xxx) — *Quantidades diárias a administrar*

Uma fogaça no caso de alimento pastoso ou um disco com as dimensões dum pires, na hipótese de rebuçados, doses estas para tempo variável, como é óbvio, somente renovadas após a absorpção total das anteriormente fornecidas; tratando-se de líquidos, porém, tudo quanto as abelhas possam consumir durante a noite.

TRIGO ALENTEJANO

Por J. COSTA ROSA
Regente Agrícola

O celeiro de Portugal, como o Alentejo tem sido geralmente considerado em relação à cultura do trigo, está em crise pelo que a esta cultura respeita e segundo elementos de informação que a imprensa pública, e outras vias, têm dado.

No *Diário de Notícias* de 21 de Outubro, encontra-se a correspondência de Beja segundo a qual, no Grémio da Lavoura daquela cidade, se realizou uma reunião conjunta das Federações de Évora e do Baixo Alentejo com os presidentes dos respectivos Grémios da Lavoura e da qual saíram queixas amargas de como a agricultura tem sido tratada, como actividade secundária despida de importância, levando-se com isso (disse-se na reunião) os lavradores a uma situação financeira catastrófica, com graves reflexos sociais no Inverno que se aproxima. E outras queixas mais, que se omitem aqui para não alongar demasiado o libelo acusatório proferido naquela reunião.

Por outro lado, encontramos no Relatório e Contas da Gerência da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, referente a 1963, informações e números que, no julgamento do pleito, muito importa tornar conhecidos, para um bilateral conhecimento da questão.

Diz-se, por exemplo — e a afirmação é corroborada por outras de carácter particular mas idóneas também — que a adversidade do ambiente, as más condições climáticas de há anos para cá, tem sido contrariada por uma manifesta evo-

lução das técnicas: preparação dos terrenos, qualidade e quantidade de semente utilizada, adubações convenientes, bem estudadas por pessoal idóneo e zeloso — dizem-mo as informações particulares insuspeitas que tenho. Ao menos, em certas zonas do Alentejo, mas creio que no seu total.

Sem embargo, os números oficiais dados no citado Relatório mostram uma acentuada queda, no último decénio, das quantidades e valores em escudos dos trigos da produção continental adquiridos pela F. N. P. T., até 1963, em quilos:

Média do quinquénio 1953/57	Média do quinquénio 1958/62	Em 1963
423 463 321	418 037 681	386 223 255

As descidas foram, pois, em relação às aquisições de 1963, da ordem (arredondando) de: 1953/57 — 8,80; 1958/62 — 7,6.

A quem incriminar nestas descidas, evidentemente muito importantes?

Ao clima adverso — diz a F. N. P. T. e di-lo também informação particular.

Ao clima adverso — há-de dizê-lo também, com certeza, a lavoura trigueira do Baixo Alentejo, embora acrescentando-lhe as queixas que na reunião acima citada foram proferidas.

Outros números, para julgamento da causa, se contêm no Relatório da F. N. P. T.: os das quantidades das sementes de trigo

seleccionadas entregues à lavoura pela mesma Federação:

Anos	Quantidades (Quilos)
1959	13 178 294
1960	12 508 729
1961	14 304 986
1962	19 937 672
1963	17 352 738

E essas sementes — acrescenta o Relatório — atingiram cerca de 50% das distribuídas em variedades italianas que a F.N.P.T. introduziu no País, com vista à melhoria das produções unitárias.

Por outro lado ainda, a mesma Federação promoveu e custeou trabalhos de obtenção de novas variedades de trigos, a eliminação de outras de menor valia, e a adaptação de outras variedades exóticas. Só em Beja (a região de privilégio para a cultura trigueira, com os seus afamados Barros da Salvada e outros mais, duma adaptação por assim dizer inesgotável à cultura do trigo) funciona, oficializada, a respectiva Estação de Cerealicultura, criada pela F.N.P.T. em 1958 e agora entregue, para funcionamento, à Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, desde 9 de Janeiro deste ano de 1964.

O novo regime cerealífero (Decreto-Lei n.º 45 900) põe à disposição da lavoura, a escalonar por 1964 e 1965, na previsão de mais um mau ano neste 1964, 300 000 contos, restringindo, pelo § 2.º do art. 7.º, o montante global a conceder a cada produtor a 225 contos.

Vontade evidente de ajudar, embora com pequenas ensanchas.

Onde está, pois, o grande mal, o mal maior da cultura do trigo no Alentejo actual?

Na minúscula produtividade das searas, acima de tudo, ao que parece. Ouço falar em 4 sementes de produções totais em searas, o que é de evidência catastrófica, fazendo com que, em vez de bagos de trigo no celeiro, se acumulem as letras vencidas e não pagas nas mãos, cada ano mais empobrecidas dos seareiros — essa classe dos intermediários entre os do latifúndio e o operário rural —, tornados por isso insolventes e, quantas vezes, liquidando as duas dívidas de modo definitivo mas trágico.

...Entretanto, correm para o mar, sem

proveito hidroagrícola no nosso território, as águas do Guadiana que sobram, em tão grande quantidade, da fertilização abençoada da Campina de Badajoz; e só agora foi, como informa o *Diário de Notícias*, calculada, em 10 372 400\$00, a empreitada de fornecimento e montagem dos equipamentos electromecânicos da central hidroeléctrica e das estações elevatórias da Bugalhira e do Samouqueiro e trabalhos de impermeabilização e consolidação da fundação da barragem e órgãos de segurança e utilização da albufeira e no túnel do canal condutor geral da obra hidro-agrícola do Mira, incluídos no Plano de Rega do Alentejo, mandados efectivar pela Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos.

A cultura do trigo no Alentejo morre à sede; não chove normalmente o suficiente para uma produtividade bastante das searas. Quatro sementes por seara é a fome, a ruína do seareiro e quantas vezes o luto em sua casa.

Só na rega — como a da prodigiosa Campina de Badajoz, que me encheu o coração de alegria e de esperança quando a vi — pode resolver o assunto.

Que a rega, pois, não se faça esperar. Salve-se com ela a produção do trigo alentejano, que foi outrora a do abundante celeiro de Portugal e é hoje a ruína de quem a ela se dedica, com tantas canseiras e tantos riscos dos quais advém muitas mais vezes a catástrofe sem remédio do que a justa remuneração de quem tão afadadamente trabalha a terra.

INTERMEDIÁRIO DOS LAVRADORES

Todos os assinantes da Gazeta das Aldeias, depois de um ano de assinatura paga, têm o direito de fazer inserir gratuitamente, nesta secção, em cada ano, dois anúncios de três a quatro linhas em que ofereçam produtos da sua exploração agrícola, ou solicitem trocas de animais, plantas, sementes, etc., de que necessitem. Esses anúncios serão publicados duas vezes. Não são considerados nesta regalia os anúncios de carácter comercial.

Ovos para incubação e peruzinhos do dia, da raça *Beltville Small White*, vende a Quinta do Canal — Apartado 67, Figueira da Foz.

A propósito da luta contra a Processionária

(*Thaumetopoea pityocampa* Schiff)

Pelo Prof. C. M. BAETA NEVES
Engenheiro Silvicultor

PASSADOS já mais do que 25 anos de vida profissional, o que mais me impressiona, quando dou o balanço ao trabalho realizado, é a quantidade de iniciativas, da maior oportunidade e do maior interesse nacional, que não vingaram, ou que seguiram um caminho diferente daquele julgado mais útil para ser atingida, através delas, a melhor solução dos problemas que lhe tivessem dado origem.

E pior ainda a sensação sofrida quando é feita a comparação com outros países, como seja o caso da vizinha Espanha, e se verifica que não só algumas iniciativas semelhantes, na sua inspiração e objectivo, vingaram e já começam a dar os seus frutos, mas também que dispunham de início menos recursos do que nós para as levar até ao fim ou à situação actual.

Perdida assim a melhor oportunidade, não vejo agora como possa ser possível voltar a apresentar essas iniciativas, apesar de se poder contar com o exemplo dos vizinhos ou de outros países onde as mesmas foram aproveitadas na devida altura, com qualquer probabilidade de aceitação efectiva, uma vez que só esta verdadeiramente pode interessar ao País.

Não vejo e não sei quando poderei voltar a ver, de tal forma o presente se apresenta difícil e o futuro incerto.

E' certo que em alguns casos, como

aquele a que me vou referir em especial, aparentemente a situação não é tão ingrata, por ter sido feito até agora alguma coisa, a partir do qual é possível afirmar não só que a iniciativa correspondente terá sido aproveitada, como terá até sido realizado muito e bom trabalho no campo que lhe corresponde, embora eu discorde.

Mas se a falta de interesse total por uma iniciativa é grave, e muito afecta o progresso de qualquer país, quando este depende dessa iniciativa, embora tal não fosse na altura compreendido, não sei se não será pior dar-lhe uma meia aprovação, por falta de coragem de lhe negar o seu interesse, consentindo apenas, a partir dela, na execução só de certas e determinadas tarefas, negando-lhe assim, de facto, uma parte maior ou menor, por vezes fundamental, dos benefícios do objectivo que no seu todo se pretendia atingir.

A situação tem muitas vezes ou o sabor de uma complacência, que inibe a crítica e humilha pelas limitações que impõe, ou o travo de uma deshonestidade disfarçada, com a qual só podem concordar aqueles a quem falte ou um espírito honesto, ou a coragem de reagir contra as coacções que lhe impõem o silêncio e a obediência servil.

Mas vamos ao exemplo que justifica esta já tão longa introdução, um entre os

muitos que era possível escolher em relação às quais estas palavras se harmonizariam perfeitamente.

* * *

Quando em 1939, fui encarregado de chefiar a «Secção Entomológica» do «Laboratório de Biologia Florestal» da «Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas», tive a rara oportunidade de poder apreciar, por informações da melhor fonte, o Prof. Antero de Seabra, o que tinham sido até ali os antecedentes da Entomologia florestal no nosso País.

Dirigindo o pequeno laboratório que estava instalado nas «Escadinhas do Liceu», em Coimbra, e frequentando diariamente o Museu Zoológico da Universidade de Coimbra, procurando a ambiciosa especialização junto daquele Professor, não me faltaram oportunidades para ver e ouvir tudo quanto pudeste melhor elucidar-me sobre o passado desse sector das Ciências florestais entre nós.

Lançado com o maior entusiasmo no seu estudo, terminada essa especialização e transferido o laboratório para Lisboa (Rua Vieira Lusitano), quando eu esperava poder começar a oferecer o justo rendimento dos conhecimentos adquiridos e desse entusiasmo, foram-me criadas as maiores dificuldades para poder ir além daquele mínimo que burocraticamente me era exigido. Qualquer voo para fora desses acanhados limites era prontamente aniquilado, pela incompreensão do interesse e valor das iniciativas propostas e pela má vontade pessoal.

E assim, desde 1940 a 1945, até entrar no Instituto Superior de Agronomia como

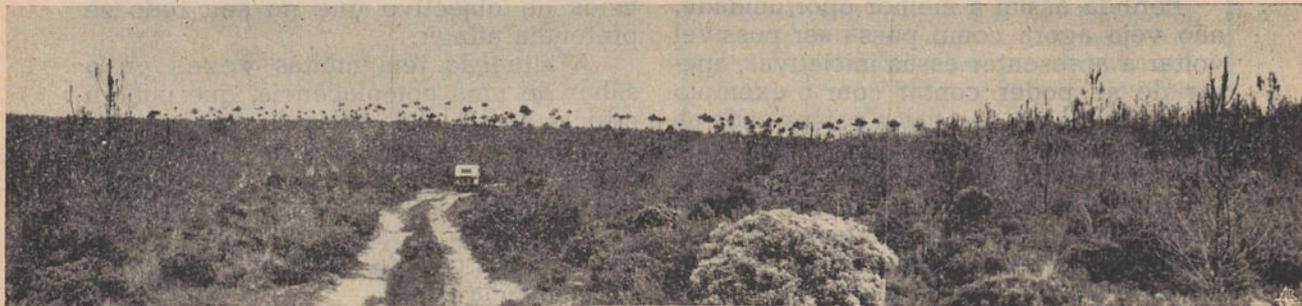
Assistente, em Janeiro desse último ano, pouco ou nada me foi possível fazer que não fosse aquilo que entendi como único recurso para não deixar morrer o entusiasmo que parecia, a todo o custo, as circunstâncias quererem abafar.

Criado o ensino da Entomologia florestal naquela Escola, onde não existia até então, foi através dele que pude dar a minha contribuição para o progresso dessa especialidade, a que ainda antes de completar a formatura decidira dedicar-me.

Passaram os anos, aumentou o número daqueles que escolheram igual sector das Ciências florestais para campo de actividade profissional, aumentaram extraordinariamente as verbas que lhe foram e ainda são destinadas, nomeadamente para o combate às pragas consideradas economicamente mais importantes; seria justo agora dar um balanço para avaliar da situação a que se chegou no sentido do verdadeiro progresso da Entomologia florestal entre nós.

Não o querendo fazer aqui na generalidade, escolhi para tanto um caso apenas, o da Processionária dos Pinheiros (*Thaumetopoea pityocampa* Schiff.) uma dessas pragas que, exactamente por isso, poderá bem servir de exemplo da evolução sofrida por tal especialidade entre nós, nestes últimos 25 anos.

Se tirarmos da bibliografia respectiva publicada durante esse período o trabalho dos Engenheiros Silvicultores Reis Gois e Azevedo e Silva («A processionária do pinheiro», Pinhal e Resina, n.º 67, pg. 52, 1949) e quaisquer outros de divulgação, de menor extensão ou interesse, ou referências em trabalhos de âmbito mais lato onde a praga vem citada, ape-



Pinhal atacado pela Processionária

nas fica para a representar o Relatório final de Curso de Engenheiro Silvicultor, de Eduardo Caupers, «Contribuição para o Estudo da Processionária do Pinheiro. Estimativa de prejuízos» (Lisboa, 1956), que por sua vez o único exemplo de um estudo em profundidade realizado entre nós a seu propósito.

A conclusão é assim das mais desanimadoras no sentido do interesse que foi dedicado a tão importante problema da Protecção florestal.

Mas se formos agora apreciar os trabalhos de campo entretanto realizados, nomeadamente nos últimos anos, no combate à Processionária, temos de concluir que, sob este ponto de vista, ao contrário, houve um grande e manifesto progresso, embora se trate de uma praga que desde há muito é combatida em Portugal, ainda que por processos diferentes, e praticamente só em algumas matas ou perímetros florestais do Estado.

Entretanto, no conjunto, a conclusão a tirar é que mais uma vez se cuidou mais dos efeitos do que das causas, mais das aparências do que dos fundamentos, permitindo assim afirmar que não houve de facto um verdadeiro progresso, mas apenas melhoria nas condições materiais disponíveis para combater a praga, sem que, contudo, tivessem sido realizados quaisquer estudos, com a profundidade indispensável, para servir de base a esse combate e este, portanto, ser orientado com a segurança necessária.

Vejamos agora o que se passou em Espanha e França.

* * *

Depois de uma primeira fase, antes da Guerra civil, durante a qual a Entomologia florestal esteve entregue à orientação do Eng. Silvicultor D. Manuel Aullo, director de um laboratório dos Serviços Florestais espanhóis dedicado ao estudo e combate das pragas e doenças dos arvoredos daquele país, terminado o conflito fratricida, passou a ser o Prof. D. Gonçalo Ceballos quem, embora em relação só às pragas, passou a desempenhar papel idêntico.

Salvo a diferença das orientações respectivas e das posições e recursos que



Um exemplar de Pinheiro bravo muito atacado pela Processionária

lhes correspondiam, ou de que cada um disponha, a Entomologia florestal encontrou neste último Engenheiro Silvicultor um novo rumo, fundamentado em maior extensão e com mais segurança nos estudos sistemáticos e ecológicos a propósito.

Mantendo-se durante largo tempo quase sozinho, mas exercendo a sua actividade tanto no ensino na Escola Superior Florestal de Madrid, como na investigação, dirigindo o «Instituto Espanhol de Entomologia», pôde a pouco e pouco ir

criando não só um maior entusiasmo pela especialidade e um maior número daqueles que passaram a dedicar-se-lhe, mas também uma melhor base para quaisquer trabalhos de campo que viessem a ser feitos, quando fossem concedidos os recursos materiais, cuja falta durante tanto tempo limitou as suas possibilidades de acção.

Criado primeiro a «Brigada de Plagas del Patrimonio Forestal del Estado», e depois o «Servicio de Plagas Forestales», e entregue a chefia de ambos ao activo e competente Engenheiro Silvicultor D. José Torrent, passou a especialidade a ter, para além das possibilidades de ensino e investigação já existentes, as de combate, mantendo-se ainda o Prof. Ceballos ligado a este Serviço, ao qual tem dado a sua preciosa colaboração.

Quem queira apreciar os resultados de uma tal evolução, poderá consultar a publicação «Boletín del Servicio de Plagas Forestales» desde o seu primeiro volume, datada de 1958, até ao último de 1964.

Aí encontrará também o relato de quanto tem sido feito nomeadamente na luta contra a Processionária, tal como em alguns volumes da revista «Montes», mas cuja consulta pode ser dispensada por muito pouco acrescentar do que é possível encontrar nessa primeira fonte de informação.

E quem se interesse pelo assunto deverá ler os seguintes artigos: José A. Torrent — «Tratamientos de la Processionaria del pino (*Thaumetopoea pityocampa* Schiff.)» Año I, n.º 2, pg. 65; Pedro Ceballos e Antonio Sanchez — «Notas sobre los parasitas y tratamientos contra la processionaria del pino (*Thaumetopoea pityocampa* Schiff.)», Año V, n.º 9, pg. 20—1962; Domingos Cadahia, Paulo Cuevas, e Janvier Ubeda — «Tratamientos masivos por espolvoreo de la «Processionaria del pino» (*Thaumetopoea pityocampa* Schiff.)», Año V, n.º 10, pg. 66—1962; José A. Torrent — «Una nueva arma para combatir la «Processionaria», Año VI, n.º 11, pg. 14—1963; Domingos Cadahia, Antonio Insua e José A. Allen — «Distribucion e intensidad de la plaga de «processionaria del pino», *Thaumetopoea pityocampa* Schiff., en 1963», Año VI, n.º 12,

pg. 78—1963; Fernando Robredo, «Las procesiones de crisalidacion de *Thaumetopoea pityocampa* Schiff.», Año VI, n.º 12 pg. 122—1963; e Domingos Cadahia e Paulo Cuevas «Tratamientos de la «Processionaria del pino», *Thaumetopoea pityocampa* Schiff., en la Campaña 1963-64», Año VII, n.º 13, pg. 12—1964.

Feita a leitura desta bibliografia poderá ficar o leitor com uma ideia do que foram os progressos realizados em Espanha, nomeadamente nestes três anos, no estudo e combate de tão importante praga florestal; mas se tiver um ponto de vista semelhante ao meu, não ficará inteiramente satisfeito, pelo desequilíbrio dos trabalhos de investigação realizados em relação aos aspectos práticos do problema, embora possa compreender a razão de ordem económica que o determine e justifique.

Entretanto como se sabe que o «Servicio de Plagas Forestales» não descuidou a investigação a propósito, poderá aceitar-se que a par e passo essa se vá desenvolvendo, dando o apoio necessário às campanhas que venham ainda a ser realizadas, as quais também já vão beneficiando da experiência das anteriormente executadas por esses Serviços, as quais têm sido essencialmente baseadas na aplicação generalizada de meios de luta químicos e fisico-mecânicos.

* * *

Em França, na falta de um qualquer laboratório ou serviço que se dedicasse exclusivamente ao estudo e combate das pragas, ou pragas e doenças, florestais, com excepção do sector do ensino de Entomologia da Escola Superior Florestal de Nancy, o problema da Processionária, como de muitas outras pragas de maior importância económica, nunca tinha sido até certa altura estudado em profundidade.

Mas desde que Grison e Billioti, directores respectivamente do «Laboratório de biocenotique e da Lutte biologique» (La Minière) e do «Station de Zoologie Agricole et de Lutte biologique» (Antibes) se lhe têm dedicado, o panorama neste caso concreto tem mudado completamente de aspecto, ainda que a maioria dos trabalhos realizados, quer de investigação quer

na luta contra a praga, tenham sido dentro da Luta biológica.

Para uma ideia geral do problema, conforme o aspecto que foi tomando em épocas diferentes, recomenda-se a leitura da seguinte bibliografia: Hubault (E) — «La Processionnaire du Pin (*Thaumetopoea pityocampa* Schiff. — *Lepidopt. Thaumetopoeidae*), Ecole Nationale des Eaux et Forêts, Station de Recherches et Experiences, 1949; Grison (P.), Vago (C.) e Maury (R.) — «La lutte contre la processionnaire du pin «*Thaumetopoea pityocampa*» Schiff dans le massif du Ventoux. Essai d'utilisation pratique d'un virus spécifique», Revue forestière française, n.º 5, Mai, 1959, pg. 353; e Billioti (E) — «La chenille de processionnaire du pin», *Ennemis et Maladies des Forêts, Journées d'études et d'information, C. M. R. A. Versailles* — 16-17 novembro, 1961, collection Phytosanitaire.

A bibliografia especializada dizendo respeito a Luta biológica é bastante mais vasta, nomeadamente no que diz respeito à aplicação do vírus, mas não deixa de englobar trabalhos sobre Bactérias, parasitas e depredadores. É menos ampla aquela que diz respeito não só ao emprego de insecticidas mas também à biologia e ecologia da praga, contudo também não deixa de existir, tal como contam ainda alguns trabalhos de apreciação sobre as consequências de ordem mais geral da utilização tanto da Luta biológica como da Luta química no combate à mesma, e das interferências que os meios de luta podem ter entre si.

Desta forma a contribuição francesa, já hoje muito valiosa, para o melhor conhecimento da Processionária, principalmente dos melhores meios para a combater, completa aquela outra de origem espanhola, permitindo assim uma ideia de conjunto mais perfeita.

E por aqui deveria ficar, de acordo com o plano estabelecido, se não quizesse ainda citar, como complemento, dois trabalhos italianos e um holandês, que julgo conveniente incluir neste resumo de bibliografia sobre a *Thaumetopoea pityocampa* Schiff.

Binaghi (G.) — «Nuovi mezzi de lotta contro la processionaria dei pini (*Thaumetopoea pityocampa* Schiff. *Lep. Thaum.*), Memorie della Società Entomologica italiana, Vol. XXI, Fasc. suplementar, 1947.

Baccio Bacceti e Rodolfo Zocchi — «Prove di lotta contro la processionaria del pino mediante l'uso di radiazioni jonizzanti», *Redia*, Vol. XLVII, 1962, pg. 161.

Van Dinther (J.B.M.) — «Action comparée de Malathion, DDT e HCH sur les chenilles processionnaire du pin, *Thaumetopoea pityocampa*», *T. Pl.-ziekten* 68 (1962) pg. 278.

Não se poderá assim afirmar, e as citações estão muito longe de esgotar a bibliografia sobre a Processionária, que esta não tenha merecido até agora, nomeadamente nos países citados, e pelo menos em Espanha e França, a atenção de numerosos autores, tanto o sob o ponto de vista científico como prático.

Só é pena que no nosso caso a tão pouco se possa resumir a referência a fazer, tanto mais que não só começamos cedo a dedicarmo-nos à Entomologia florestal, mas também porque nos temos empenhado, ultimamente, em promover e generalizar o seu combate.

Simplesmente o uso e abuso de um sistema que tanto nos tem prejudicado em muitos sectores da actividade profissional (e tanto em relação à Engenharia florestal como a outros sectores da Técnica), não permite que se atribua ao trabalho realizado entre nós aquele interesse que mereceria se o mesmo se apoiasse no estudo indispensável.

E é essa a situação que mais me doi, ligado como fiquei aos primeiros dados pela Entomologia florestal, depois da fase em que o Prof. Seabra se lhe dedicou sozinho, e, de certa altura em diante, às responsabilidades do seu ensino, pelo tempo que se tem perdido teimando em seguir um caminho de aparências que o tempo depressa se encarregará de apagar, não ficando dele, nem dos que o trilharam, vencendo por vezes mesmo assim grandes dificuldades é certo, recordação para poder ser aproveitado, pela experiência vivida, para o progresso dessa especialidade, quando um futuro mais ou menos próximo for possível seguir um

As turvações dos vinhos

Por H. BONIFÁCIO DA SILVA
Engenheiro Agrônomo

CONTINUANDO a tratar da turvação dos vinhos, vamos neste número, abordar outras alterações susceptíveis de aparecerem, aliás, menos vulgares do que as provenientes de um excesso de ferro, das quais nos ocupamos anteriormente.

A alteração motivada pelo cobre, manifesta-se de um modo diferente à casse provocada pelo ferro. Enquanto este acidente se mostra à evidência, quando o vinho se expõe ao ar, a casse cúprica, pelo contrário, comporta-se de maneira oposta, pois, aparece ao abrigo do mesmo. Esta casse não oferece tanto perigo, como aquela, porque o cobre existente no mosto, antes da fermentação, é apreciavelmente diminuído ao longo da transformação do açúcar em álcool, ficando apenas alguns vestígios de cobre, quando no meio já não há praticamente açúcar.

Este elemento químico parece ser proveniente das caldas cúpricas, quando se procede ao combate do mildio, chegando a atingir 5 a 15 mg de cobre, segundo Peynaud, ficando no final da fermentação com 0,2 a 3 mg. Portanto, o chamado «cobre biológico», existente nos vinhos não tem o mesmo significado do que o ferro. Apenas o cobre resultante do con-

caminho diferente, mais seguro nos benefícios colectivos que ofereça.

Foi pena que na altura própria, quando outros ainda nem sequer tinha começado essa larga caminhada, que os levou à situação actual, não tivessem sido aceites as sugestões então feitas; não teríamos perdido tanto tempo e não estaríamos certamente tão atrasados.

(Fotografias tiradas pelo autor, perto da Lagoa de Albufeira, em 4-1962).

tacto do vinho com os materiais de cobre e de bronze pode aumentar a riqueza dos mostos, ou dos vinhos neste elemento.

Apesar de podermos estar mais tranquilos, no que diz respeito à casse cúprica, devido à sua raridade, não devemos permanecer numa atitude passiva; temos de tomar as devidas precauções de modo a evitar, tanto quanto possível, o contacto dos mostos ou dos vinhos com aqueles materiais, substituindo-os por outros, sempre que seja possível.

A turvação do vinho provocada por um excesso de cobre pode observar-se com boa visibilidade nos vinhos brancos engarrafados. Quando se procede ao engarrafamento de um vinho, que se apresentava límpido na vasilha, mas tendo a propensão para a casse cúprica, turva passados alguns meses, deixando um depósito vermelho-acastanhado.

Esta alteração é activada por uma temperatura elevada, e por isso, aparece normalmente no Verão.

Nos vinhos brancos, com sulfuroso livre e introduzidos em garrafas brancas, aprecia-se muito bem este acidente, principalmente, se as garrafas são expostas à luz solar, porque, além da temperatura, também a luz facilita o aparecimento da turvação.

Na presença deste tipo de casses podemos tentar eliminar o seu desaparecimento, por meio de uma colagem sem arejamento, ou por adicionamento de goma arábica. Segundo Ribereau-Gayon e Peynaud, o tratamento com goma arábica é eficaz, caso a dose de cobre não seja muito elevada.

A aplicação da bentonite também parece dar bons resultados. Sendo as proteínas, uma das causas da formação da casse cúprica e como a bentonite elimina estes elementos azotados, contribui para impedir essa turvação. Ora a bentonite,

como diz Ribereau-Gayon e Peynaud «não arrasta o cobre, mas faz desaparecer as proteínas, que constituem uma causa directa da turvação, impedindo a floculação do cobre coloidal».

Outras casses metálicas, susceptíveis de aparecerem nos vinhos, são aquelas, que são originadas pelo alumínio e pelo estanho. As precipitações devidas aos contactos metálicos, tendo por base aqueles elementos químicos, são difíceis de eliminar, pelo que mais uma vez aconselhamos uma escolha cuidadosa do material enológico, porque os tratamentos curativos, além de nem sempre serem eficazes, são a maioria das vezes anti-económicos.

Finalmente, vamo-nos referir às turvações muito frequentes que não são devidas aos contactos metálicos, mas sim à existência de proteínas — substâncias azotadas.

Estas alterações, a que podemos chamar casses proteicas, aparecem geralmente, quando a temperatura sobe (Verão) — as proteínas precipitam pelo calor; se a temperatura desce (Inverno) — as proteínas precipitam pelo frio.

O aparecimento destas substâncias depende das castas, do grau de maturação da uva, do clima e dos solos.

Frequentemente, vários consumidores admiram-se de alguns vinhos apresentarem um ligeiro depósito, causando-lhes mau aspecto. A fim de evitar estes inconvenientes desagradáveis, chamamos a atenção para a necessidade de se proceder aos tratamentos adequados.

O aquecimento do vinho a 70 a 80° C., mantendo-se esta temperatura por um período de 2 minutos e o seu arrefecimento a uma temperatura próxima do ponto de congelação, são práticas, que eliminam grande parte das proteínas.

Estes tratamentos físicos são demasiadamente onerosos não podendo ser comportados pela grande maioria das casas vinícolas, caso desejem engarrafar os seus vinhos. Além disso, estas técnicas parecem não ser suficientes para uma eliminação total das proteínas, e por conseguinte, não dispensam as colagens.

Segundo ensaios efectuados, um dos produtos dotados de maior eficácia na eliminação destas substâncias é o em-

prego da bentonite. «Este elemento não só adsorve as diversas formas de azoto proteico, mas também fixa ainda quantidades importantes de substâncias azotadas, de peso molecular mais fraco».

A bentonite não modifica praticamente a composição dos vinhos tratados. Os vinhos submetidos ao tratamento da bentonite mantêm-se estáveis se se tratam pelo



Massas destinadas aos silos

Adega Cooperativa de Palmela

calor (70-80° C.), o que não parece suceder com os vinhos, em que se não faz a aplicação deste produto.

A fim de prevenir estas turvações por meio de uma técnica mais expedita e económica, o emprego da bentonite, antes da fermentação, como já preconizamos num dos últimos números desta Revista, parece ser o melhor caminho a seguir.

Segundo Ribereau-Gayon e Peynaud, a introdução da bentonite no período, que antecede a fermentação, pode diminuir o azoto do vinho de 30 a 45%.

Outra acção muito importante, e mesmo interessante, dada a gama de fungicidas hoje aplicados, foi-nos revelado pelo jugoslavo Milisavljevic, através da sua comu-

(Conclui na pág. 428)

O SALMÃO EM PORTUGAL

Por ALMEIDA COQUET

DOS rios nortenhos é indiscutivelmente o Minho aquele que teve melhores condições para uma produção excelente de *Salmo salar*.

Assim foi durante muitos anos. Mas a pesca exaustiva dos pescadores portugueses e espanhóis, as pesqueiras fixas e armadilhas, a falta de uma acção conjunta das autoridades de um e outro lado, tudo concorreu para se chegar a uma situação de descálabro verdadeiramente confrangedora.

Para o leitor melhor avaliar o valor do rio Minho, como rio salmoneiro transcrevo a seguir, com a devida vénia, palavras de Don L. A. Bolin, Director-Geral do Turismo e Delegado Especial do Ministério da Agricultura para a Caça, Pesca Fluvial, Coutos e Parques Nacionais, no prólogo do volume «El Salmon y su Pesca en España» (Madrid, 1945). Diz assim:

“Según cálculos basados en trabajos científicos, el Miño — al que no se le dedica en esta obra el extenso estudio que merece, porque antes es preciso llegar a un acuerdo internacional sobre el

régimen de pesca en sus aguas, que en su día constituirán el tema de una monografía especial — es un río con una capacidad anual potencial de 90 000 salmones...”



No rio Dart (Inglaterra) onde já este ano foi pescado um salmão de 23 arráteis

Isto diz tudo. Mas a situação não mudou e tudo foi de mal a pior, até que a construção da barragem em Los Peares veio dar um corte nas correntes migratórias ascendentes e, também, nas aspira-

ções de tantos que desejariam ver o Minho em franca recuperação.

Num meu artigo na *Gazeta*, em Abril último, (1) a propósito do primeiro Salmão pescado este ano no Minho, segundo uma notícia publicada nos jornais diários, referi-me à esperança de que os Salmões viessem desovar em afluentes do Minho, cada vez em maior número, suprimindo assim, tanto quanto possível, a falta das águas acima de Los Peares, e disse: — «Oxalá que a Natureza nos dê a solução

De facto, se do lado espanhol há o Tea e outros, do nosso lado, temos o Coura, que poderíamos utilizar com vantagem.

Aqui há um mês, tive a informação de que já tinham sido pescados mais de 70 salmões, e há pouco, em notícia de Caminha (9 de Maio), indicava-se um total de 87 salmões com o peso total de 519 quilos, pescados de Caminha a Vila Nova de Cerdeira, ou seja a média de quase 6 quilos por peixe.



Aspecto do Neiva acima de Balugães. Com águas normais, em Abril, bom caudal, boa vegetação marginal e bons poços de abrigo para os peixes durante o Estio. Poluição quase nula... por enquanto

que os homens não obtêm por seu esforço próprio e indústria. Oxalá que os salmões procurem nos afluentes do rio Minho os desovadouros tão precisos à sua procriação e defesa da espécie. Oxalá que o articulista que agora se referiu ao primeiro salmão (desta época) tenha razão na sua classificação numérica e que muitos salmões entrem em seguida».

(1) *Gazeta das Aldeias*, n.º 2540.

Terá alguém colhido escamas dalguns desses salmões, para leitura esclarecedora da idade, anos de rio, anos de mar? Se o não fizeram, quanto se não perdeu!

Quer dizer: parece acentuar-se o aumento de salmões entrados no Minho. Onde nasceram? Certamente que não foi acima de Los Peares...

Depois disto, vejamos os outros rios capazes de nos darem satisfação: o Lima e o Cávado. O primeiro, já este ano

parece ter dado um ou dois salmões, segundo notícias num jornal diário; o segundo, já mais de uma vez nos tem brindado com um bonito exemplar de *Salmo salar*.

Podem os descrentes dizer o que quiserem, pois sinto-me à vontade para lhes perguntar: — o que tem sido feito para se poder afirmar que o Lima e o Cávado *não podem mais produzir salmões* por via das barragens?

Infelizmente, nada. E se estou em erro, que apareçam as pessoas capazes de informar dos sucessos ou insucessos em tentativas ou trabalhos para o desenvolvimento do Rei dos Peixes naqueles rios.

É de lembrar igualmente os bons afluentes daqueles rios para desova-douros.

E o Neiva? Também é vulgar a ideia de que só rios volumosos podem dar salmão. Seria longo enumerar as condições requeridas para a existência de salmões num rio. Acho pois preferível apresentar imagens que mais facilmente possam ser fixadas pelo leitor e aqui se publica um pequeno lanço do rio Dart, em Inglaterra, onde já este ano foi pescado um salmão de 23 arráteis (quase 10 kg e meio!). Pela figura do pescador se avalia facilmente a estreiteza do curso de água. E em contrapartida, publica-se também uma fotografia do rio Neiva, logo acima de Balu-gães.

Foi colhida esta fotografia em princípios de Abril deste ano, com águas relativamente baixas para a época. Larguras de margem a margem, 15, 20 e 25 metros, com poços fundos, boa vegetação marginal, bom caudal...

É o Neiva um dos rios nortenhos de melhores condições para salmonídeos. E no entanto, o abandono é total.

Os pequenos obstáculos que num ou noutro ponto carecem de construção de uma passagem — suponho que só dois — pequena despesa exigiam para obter uma boa corrente migratória de «mariscas» ou até, talvez... de salmões! E porque não?

Que o leitor compare as duas fotografias aqui publicadas.

E é caso de perguntar: — a que Servi-

ços competirá olhar para estes assuntos e propor os trabalhos a executar?

Não seria esta, uma boa ocasião de iniciar esse esforço, quando temos como Ministro da Economia um nortenho, que, melhor do que ninguém poderá avaliar da riqueza que se perde com este abandono dos nossos cursos de água?

As turvações dos vinhos

(Conclusão da pág. n.º 425)

nicação proferida no Symposium Internacional de Enologia, realizada em Bordeus, em 1963.

Os ensaios efectuados por este cientista, incidiram sobre os seguintes produtos: Dithane, Orthocide e Polyran, usados nos tratamentos contra o mildio, tendo adicionado estas substâncias aos mostos e incorporando a seguir a bentonite na dose de 2 gr/l, conjuntamente com um fermento. Pelos resultados obtidos, conclui, que a bentonite paralisa a acção dos fungicidas citados, tornando possível a fermentação alcoólica.

Como acabamos de ver, a bentonite, quando bem aplicada, pode realmente desempenhar uma acção notável, nos mostos antes de fermentarem.

Como já nos referimos, num dos números anteriores, a bentonite antes da fermentação, considera-se um tratamento preventivo das turvações provocadas pelas proteínas. Deste modo, obter-se-á um vinho límpido estável, sem necessidade de novas colagens.

Podemos acrescentar, que a adição da bentonite nestas condições não altera a fermentação alcoólica. Em ensaios por nós realizados, em vinhos tintos, não houve diferenças sensíveis, entre o mosto com bentonite e o mosto testemunha.

Em mostos resultantes de uvas podres, ainda sobressai mais o papel da bentonite, como afirma o autor acima citado, porque exige menor dose de anidrido sulfuroso e porque a bentonite adsorve as oxidases; as oxidases adsorvidas são fixadas pela bentonite durante a fermentação.

FOMENTO PECUÁRIO

Um importante despacho do Ministro da Economia e Secretários de Estado da Agricultura, do Comércio e da Indústria

Dada a transcendência da orientação que o despacho conjunto dos titulares das pastas económicas veio definir, entendemos inseri-lo na íntegra. Mais ainda. Em face da possível e desejável influência que tal orientação poderá imprimir à actividade agrícola portuguesa de todo o continente, estamos a desenvolver os maiores esforços para obtermos de Técnico conhecido e responsável uma série de artigos comentando, explicando e criticando esse despacho de forma a torná-lo acessível ao grande público e a mostrar quais os objectivos fundamentais que visa.

O «despacho» é do teor que segue:

I. Nota prévia

1.º Em Março passado, o Governo, pelo Ministério da Economia, definiu os pontos cardeais que deveriam nortear o seu labor nos sectores da Agricultura, da Indústria e do Comércio.

2.º Acentuou-se, então, quanto «o momento presente requer que a acção do Governo seja particularmente intensa e ajustada à realidade da economia agrícola»; afirmou-se que «será a partir do «ser» actual da lavoura que haveremos de caminhar, sem nunca perdermos de vista o seu «dever ser» futuro». Na concretização deste pensamento, fixa-se, como finalidade imediata do Ministério da Economia, estimular o máximo incremento possível da produção agrícola economicamente viável em cada uma das regiões do País. Assim, ter-se-á de agir de modo que, ao mesmo tempo, se estudem e se vão progressivamente pondo em prática as alterações ao esquema actual da produção que, em prazo mais ou menos curto, possam assegurar um melhor aproveitamento das potencialidades actuais e a constante melhoria do fundo de fertilidade da terra, sem prejuízo, antes pelo contrário, dos objectivos a longo prazo que terão de referir-se a todos os aspectos fundamentais da nossa estrutura agrária.

Disse-se ainda: «à concretização deste objectivo ligaremos a política de apoio de preços e,

mesmo, de subsídios à Lavoura, se necessário; será por esta via que procuraremos, dentro dos limites consentidos pela conjuntura em que se situa a vida da Nação, criar condições que conduzam à mais rápida melhoria da rentabilidade e, também, ao esforço da segurança do investimento agrícola».

Na comunicação de 26 de Março procurou-se, também, tornar bem claro que o êxito dos esforços que o Governo se propunha fazer para domínio da crise da agricultura dependia da adesão total e da participação activa na política do Governo não só da lavoura mas também dos restantes sectores da actividade económica e financeira. Na verdade, «não pode esquecer-se que do maior e mais rápido aumento do produto global da agricultura, obtido quer pela expansão quer pela valorização das várias produções que determinam esse valor global, não resultarão só vantagens para o sector agrícola; todos os demais ramos da actividade económica lucrarão com a expansão da agricultura, pois que só assim se poderá corrigir um desequilíbrio inter-sectorial que hoje constitui uma das mais sérias limitações ao crescimento acelerado da economia nacional».

3.º Para começo da concretização do que foi definido escolheu-se o sector da pecuária, dando, dentro dele, importância, de momento dominante, à carne do bovino e ao leite. Isto não significa, porém, que as restantes produções da pecuária não venham a ser consideradas a seu tempo, na totalidade dos problemas que as afectam e não o sejam desde já, na parte IV do presente despacho referida ao apoio técnico e financeiro à produção.

Em todo o caso, seria difícil encontrar agora outro campo da produção agro-pecuária que melhor se enquadrasse nos objectivos propostos e mais prontamente pudesse reagir às medidas de fomento.

A pecuária interessa a todas as regiões do Continente e Ilhas, embora cada uma tenha características diferentes e embora também ocupe posição relativa diversa na estratégia dos possíveis desenvolvimentos regionais. Concomitantemente, a valorização da exploração pecuária, com os inerentes efeitos na produção, não deverá beneficiar só as grandes explorações agrícolas, nem deverá

estar apenas ao alcance destas; dezenas de milhares de pequenos produtores, do norte ao sul do Continente e Ilhas, podem e devem participar directa e activamente na execução da politica de fomento pecuário e dessa politica obterem grandes e rápidas possibilidades de legitima, quando não necessária, melhoria dos seus niveis de rendimento.

E acresce que a expansão da pecuária, com a natural valorização dos seus produtos, não constituirá apenas um dos processos de mais rápidos efeitos no sentido de coartar a crise actual da agricultura. Sendo o fomento da produção de carne e de leite um dos meios ao nosso alcance para atenuar a gravidade de uma situação de momento, da presente conjuntura de recessão da economia agrícola, esse fomento insere-se, ainda, na linha das actuações que nos conduzirão ao «dever ser» futuro da agricultura nacional. O fomento pecuário traduz se na transformação em produtos ricos, sejam a carne, o leite, os ovos, ou a lã — e os fabricos industrializados que os utilizem como matéria-prima — de uma parte considerável da nossa actual produção de cereais. E para se ver como é indispensável e urgente um maior equilibrio no esquema da nossa produção agrícola bastará ter presente a fraquíssima densidade dos nossos efectivos pecuários. Essa densidade é hoje estimada em 0,3 e 0,5 cabeças normais por hectare respectivamente de superfície cultivada e de superfície agrícola. Em perfeita concordância com estes números, iremos verificar que a área destinada à produção intencional de forragens é da ordem dos 300 000 hectares ou sejam cerca de 7% da superfície agrícola.

Estes números provam como a nossa agricultura nesta faxa do Continente Europeu se encontra ainda apegada a uma tradição predominantemente cerealífera. E os números não afirmam menos a necessidade de corrigir esta situação. E o reordenamento cultural, condição e consequência da expansão da pecuária, não irá apenas aumentar a produtividade das explorações agrícolas do Continente e Ilhas; irá, ainda, assegurar às provincias do Ultramar a possibilidade de alargarem as culturas de cereais em melhores condições económicas de rentabilidade, nomeadamente o milho e o arroz.

Haverá, de facto, que nos orientarmos para um progressivo ordenamento da agricultura não à escala do Continente e Ilhas, mas antes à escala — a única realmente válida — do espaço português tomado como um todo orgânico.

Por outro lado, o fomento da produção pecuária, traduzido no aumento das quantidades e na melhoria das qualidades da carne e do leite, não interessará só ao produtor agrícola. Ele beneficiará directa e indirectamente grande massa dos consumidores.

Não produzindo as quantidades de carne necessárias para satisfazer um consumo que se mostra crescente, e que tenderá ainda a aumentar com a progressão dos rendimentos, o Continente e Ilhas têm sido forçados a procurar suprir os «déficits» do seu abastecimento com carne congelada importada do estrangeiro. As dificuldades que se verificam na importação e o seu custo, muitas vezes elevado, levam a um abastecimento não só deficiente em qualidade como relativamente

escasso. Dar todo um cortejo de consequências entre as quais a especulação nos preços nem sempre tem constituído a de maior vulto.

Embora o consumo médio de leite por pessoa seja muito baixo em Portugal, quando comparado com o dos Países mais industrializados da Europa ocidental, e deva ser aumentado, tem de se reconhecer que, nem mesmo assim o País disporia hoje de leite suficiente para o abastecimento público naquele nível se todo o leite que está sendo destinado ao consumo em natureza houvesse que cumprir aquelas condições higio-sanitárias que fazem deste alimento um alimento de valor inestimável. Impõe-se, por isso, tudo fazer para que nas cidades e nas aldeias adultos e crianças, mas sobretudo estas, passem a beber mais leite e, sobretudo, leite bom.

Mas as carências do abastecimento público em carnes e leite assumem particular importância e envolvem riscos especiais nos periodos de maior afluência de turistas. Já no ano passado, em periodos de ponto e em certas zonas de maior concentração, se registaram sensíveis dificuldades de abastecimento. A taxa de expansão do movimento de turismo e das inerentes receitas — a mais espectacular dentre todas as dos sectores da actividade económica — justificaria, se mais não houvesse, que tudo fizéssemos para evitar que este ano tais dificuldades se repetissem.

A produção agrícola, não só de carnes e de leite mas também de toda uma enorme gama doutros bens de consumo, tem um grande papel a desempenhar na expansão da indústria do turismo: poderemos mesmo dizer que, em grande medida, ela já condiciona no presente e mais ainda no futuro essa expansão. E ao mesmo tempo a agricultura pode encontrar, no turismo, não só um imediato e importante mercado adicional, como um dos mais potentes canais de propaganda no estrangeiro da excelência, já inquestionável para alguns e possível para a generalidade, dos nossos produtos alimentares: servir maus frutos, ou maus produtos hortícolas, ou maus vinhos, ou más compotas e sumos, ou maus produtos de salsicharia, não significaria apenas comprometer a indústria hoteleira e o turismo; representaria, ainda, fechar os mercados estrangeiros ao consumo futuro de produtos da agricultura, industrializados ou não. E nenhum planeamento sério da expansão e da rentabilidade da nossa produção agro-pecuária pode abstrair da exportação.

É certo que poderíamos recorrer à importação do estrangeiro, para cobrir os «déficits» da produção interna, agravados pelo turismo, em matéria de produtos alimentares. Perante a afluência crescente de estrangeiros a Portugal, que aliás está excedendo as melhores expectativas, é esse o caminho que tem sido seguido até agora e que não poderemos deixar de trilhar ainda este ano, por maiores e mais rápidos que sejam os nossos esforços. Mas seria de lamentar se não se criassem à agricultura condições de ela assegurar o fornecimento daqueles produtos ricos da terra que, em natureza ou industrializados, vamos buscar ao estrangeiro. E que não está só em causa a possibilidade de o turismo, alargando o mercado interno, permitir à agricultura e às indústrias agrícolas

reordenar, com segurança, os seus esquemas de produção, orientando-os para culturas e fabricos mais ricos; está ainda em causa a necessidade de evitarmos que parte muito grande das receitas em divisas estrangeiras que o turismo nos fornece saia do País para pagamento de bens que podemos e devemos produzir. Não o fazer, seria cometer um erro político-económico de repercussões directas e imediatas — o erro afinal de não tirar o máximo resultado monetário-financeiro das possibilidades económicas constituídas.

Mas se, com todos os seus inconvenientes e o seu enorme custo, a importação ainda é um recurso de que poderemos lançar mão, há um caso em que, dada a nossa situação geográfica, ela é praticamente inviável — é o caso do leite. E por isso teremos que, ainda nesta estação turística, pôr à prova a nossa capacidade de imaginação e de organização para garantirmos a satisfação das necessidades do mercado neste produto, que nós os portugueses talvez saibamos substituir por outros mas os estrangeiros não.

4.º Serão considerados no presente despacho os aspectos mais importantes da campanha de fomento pecuário: os preços e a comercialização da carne de bovinos e do leite, a assistência técnica e o apoio financeiro à lavoura.

Sabe-se ser firme orientação do Governo manter quanto possível uma estabilidade relativa dos preços dos produtos fundamentais pagos pelo consumidor. Só assim se poderá garantir a estabilidade financeira interna, condição base de uma efectiva expansão da economia nacional e, até, de atracção de maior número de turistas estrangeiros. Se para este objectivo se terá de orientar sempre a nossa política económica, não é menos certo também termos que assegurar aos produtores agrícolas e industriais preços que tornem viável e estimulem a sua actividade.

Conter na sua conveniente evolução os preços no consumo e permitir às actividades produtoras a justa remuneração dos seus capitais e do seu esforço, implica acções decisivas com vista à melhoria da produtividade das empresas e à racionalização dos circuitos da distribuição. No que toca ao fomento pecuário irão prosseguir, agora ainda mais intensas e melhor coordenadas, as providências dirigidas ao aumento da produtividade e ao aperfeiçoamento dos mecanismos comerciais. Mas, infelizmente, não é de pensar que essas medidas possam, a curto prazo, tornar possível, ao mesmo tempo, a justa remuneração do produtor e a manutenção dos preços no mercado aos níveis actuais. Teremos, por isso que fazer intervir, mais fortemente, os mecanismos de compensação de preços, pelo que não deixaremos de utilizar o sistema, até ao limite prudente das pontencialidades financeiras do Fundo do Abastecimento.

Esta intervenção, traduzida numa política de subsídios directos ao produtor e indirectos ao consumidor, deverá diminuir na medida dos progressos na produtividade e da melhoria na comercialização. As disponibilidades do Fundo de Abastecimento poder-se-ão, então, dirigir para outros campos de actuação. A política de incentivo às produções que melhor possam ajudar a lavoura a sair da depressão em que se encontra e a conduzi-

-la para um progressivo reordenamento do seu actual esquema produtivo, requer, sem dúvida, que se lhe consintam preços compensadores, mas exige, sobretudo, que à lavoura se garanta a permanência de um mínimo suficiente de preços. Esta garantia é essencial, pois, sem ela, a lavoura, naturalmente recessa, e numa grande parte sem capitais que lhe permitam suportar as grandes flutuações possíveis do mercado, não poderá abalançar-se aos novos e vultosos investimentos exigidos para a racionalização e expansão da sua actividade. De resto, o arranque dos capitais privados para a industrialização do País também só foi possível mediante garantias dadas pelo Estado, quer através da sua participação directa ou indirecta no capital das empresas, quer através do alargamento do mercado interno e das garantias de preços.

No caso de algumas produções agrícolas e determinadas regiões do País, esta garantia será ainda mais necessária, dado precisar a lavoura de lançar no mercado toda a sua produção em período muito curto.

Ao apreciar os preços que lhe vão ser agora garantidos para a carne, espera-se que a lavoura tenha na devida conta não se tratar de preços «consentidos» mas de preços «garantidos». Esta garantia implica que o Estado tenha uma organização técnica e financeira capaz de receber, em qualquer momento, o gado que o mercado não consumir, abater esse gado e conservar a carne para regular abastecimento dos mercados ao longo do ano.

II. Os preços e o comércio de carne do bovino

a) Os preços de venda ao público

5. É conhecida a irregularidade do abastecimento de carnes e do seu preço do País: o território do Continente encontra-se dividido, para efeito de preços ao consumidor, em 18 regiões; as tabelas, teóricamente em vigor há muitos anos, foram aproximadas das realidades do mercado em 1962, excepto nas cidades de Lisboa e Porto em que se manteve o tabelamento antigo.

Tão grande multiplicação de tabelamentos diferentes, correspondendo a pequenas áreas descontínuas, embora possa ter fundamento na diversidade de região para região dos encargos de comercialização da carne, (despesas gerais dos talhos, impostos, taxas e sobretaxas camarárias) cria sérios desvios no abastecimento e dificulta a circulação do produto das zonas excedentárias para as deficitárias, quando não facilita uma intervenção especulativa de intermediários.

Por outro lado, a manutenção em Lisboa e Porto de um tabelamento inferior ao dos restantes concelhos do País e a maior fiscalização nestas cidades levou ao desaparecimento da carne fresca nos nossos dois maiores centros de consumo que passaram a ser abastecidos quase exclusivamente com carne congelada, importada do estrangeiro em condições por vezes onerosas para o mecanismo de compensação de preços. O caso é sobretudo típico em Lisboa, que constituindo, de longe, o maior núcleo de consumo do País e aquele que

possui mais elevado poder médio de compra e maior necessidade de carnes de 1.^a classe, tem o seu matadouro principal — um dos melhores da Europa sob o ponto de vista sanitário e do aproveitamento técnico-económico das rezes — praticamente paralisado.

O abastecimento em carnes frescas de vários grupos de consumo de Lisboa e de parte da indústria hoteleira tem sido no entanto possível mediante a aquisição destas carnes ou em Lisboa, mas acima dos preços da tabela, ou nos concelhos limítrofes, em condições higio-sanitárias nem sempre boas e também, no geral, a preços de especulação.

O lançamento maciço de carne congelada em Lisboa e no Porto tem tido ainda o inconveniente de impedir a Junta Nacional dos Produtos Pecuários de canalizar esta carne para os centros de consumo da província que, pelo seu menor poder de compra, dela mais carecem.

A situação precisa de ser normalizada em todo o País com benefício para a economia pecuária e para o consumidor.

6.º A Junta Nacional dos Produtos Pecuários estabelecerá as tabelas de preços da carne no Continente e Ilhas e assegurará, quando necessário, a regularização do abastecimento de modo a serem respeitadas as seguintes condições.

1.a) Os preços agora homologados não poderão em nenhum caso exceder os preços que têm sido efectivamente praticados no mercado nos últimos 12 meses e que sejam considerados razoáveis; 2.a) Não serão alterados os preços do tabelamento há muitos anos em vigor para as carnes de 3.^a e 2.^a categorias, que são, respectivamente, de 10\$00 e 20\$00 por quilo em Lisboa; 3.a) Todos os talhos deverão ter normalmente à venda carne de 3.^a e carne de 2.^a, mas será obrigatório que passem a dispor de, pelo menos, uma destas categorias de carne. Abre-se esta excepção pela dificuldade que há em garantir sempre, em quantidades suficientes, carnes de 3.^a e de 2.^a.

7.º Para a realização deste objectivo:

a) A Junta Nacional dos Produtos Pecuários promoverá as importações de carne necessárias ao abastecimento regular do País dentro dos preços já correntes e agora oficializados.

b) A Junta deverá ainda, e pela primeira vez, procurar a importação de carnes de 3.^a e de 2.^a («quartos dianteiros»), de modo que, a favor dos consumidores de menor poder de compra, os talhos possam cumprir a condição 3.^a do número precedente. Como a venda de carne a 10\$00 e a 20\$00 o quilo em Lisboa importa avultada despesa para o Fundo de Abastecimento e como, para além desta despesa, podem verificar-se dificuldades na obtenção destes tipos de carne, o Ministério da Economia apela para a consciência dos consumidores de maior poder de compra, pedindo-lhes que renunciem a aquisição destas qualidades de carne, deixando-as disponíveis para aqueles cujo orçamento familiar não lhes consente a aquisição regular de carnes de 1.^a ou de qualidade extra.

c) A Inspeção Geral das Actividades Económicas uma vez posto em vigor o presente des-

pacho, assegurará pela fiscalização adequada o seu rigoroso cumprimento em todo o País. Dará na sua acção prioridade à verificação da existência nos talhos das carnes de 3.^a e ou de 2.^a. Poderá para o efeito criar um sistema de reclamação pelos consumidores — por exemplo, mediante postais adequadamente impressos que os talhos devem fornecer aos consumidores que o solicitem. Aquele que utilizar este meio de reclamação deverá pedir a confirmação, no postal, pelo talhante ou pelo agente de polícia em serviço no local. Como pode acontecer que este tipo de carne se haja esgotado em determinado talho, o agente da polícia só deverá confirmar a reclamação desde que o consumidor não possa abastecer-se em outro talho da zona em que se encontra a prestar serviço.

b) *Os preços de garantia à lavoura*

8.º Tem-se a consciência de não ser possível dar um passo decisivo na intensificação da produção de carne se a lavoura não puder obter um preço que lhe assegure a rentabilidade do investimento que essa intensificação requer.

Os preços garantidos pelo presente despacho foram objecto da maior ponderação, com base na observação dos preços que a lavoura obteve nos dois últimos anos e, também, na capacidade financeira do Fundo de Abastecimento. Pode a lavoura, ao longo dos dois últimos anos, ter obtido, em determinadas zonas e em certas épocas, preços iguais ou mesmo superiores àqueles que lhe vão ser agora garantidos. Mas pode afirmar-se que os preços estabelecidos se situam nitidamente acima dos preços médios por ela obtidos no período referido. E acresce a este facto um outro de não menor importância: é o de serem «preços de garantia» que não funcionarão apenas a título de emergência mas constituirão, antes, uma base de segurança que permitirá à lavoura encarar, a prazo, a organização das suas explorações com vista ao seu mais perfeito equilíbrio e à melhoria da sua rentabilidade global, sem o risco de repetição das crises sazonais de oferta excedentária em que os preços têm baixado para níveis impeditivos de qualquer investimento sério na produção.

9.º Dentro do espírito que informa o presente despacho, determina-se:

a) A partir do dia 4 de Maio corrente o preço médio da garantia dos bovinos adultos de carne é fixado em 26\$00 por quilo de carcaça, do gado abatido nos mercados dominantes de Lisboa e Porto, desdobrando-se em valores diferenciados consoante as categorias açougueiras das rezes e segundo os critérios de classificação de carcaças presentemente adoptadas.

b) A partir da semana da Páscoa de 1966, o preço médio da garantia fixado no número anterior será de 27\$00 por quilo de carcaça;

c) Como medida complementar de fomento dirigida à produção intencional de bovinos de carne, são mantidos nos termos do regulamento de atribuição em vigor os subsídios adicionais de «novilho» de 2\$00 e 3\$00 por quilo consoante se trate de novilhos «comuns» ou «precoces»;

(Continua no próximo número)

A MULHER RURAL

Pelo CONDE D'AURORA

*N*A verdade não só pouco se tem feito pela mulher do campo, como, pelo contrário, tudo se faz contra ela e a favor da que chamaremos mulher urbana.

Vivemos no auge do conceito da mulher-rural, mulher-parola; mulher do campo, labrega!

Ou então folclore, teatro de entremês onde é comparsa a mulher rural.

Mecaniza-se a agricultura — e esquece-se o papel preponderante da mulher na sociologia agrária.

E preparação para a mulher rural, nenhuma.

Onde escolas móveis como criou o Agrônomo Rodrigues de Moraes — mas de pedagogia feminina?

Nem a megalómana e poderosamente capitalista Fundação Gulbenkian nisso pensou.

E as Casas do Povo, essas, são espelhos perfeitos e claros dos identicamente inúteis e apagados Grêmios da Lavoura...

E não é difícil educar para o Campo, a mulher do Campo.

Culinária, jardinagem, outras artes caseiras e domésticas, desde o bordar à tecelagem.

E rudimentos de contabilidade — que o lavrador quase sempre ignora totalmente, vivendo de contas do saco, ele e toda a sua economia agrícola.

E porque as aldeias são comunidades pequenas, íntimas e de organização simples, ao invés das cidades de estrutura social ampla, impositiva e complexa, como diz o sociólogo Lowy Nelson — o que no dizer do outro sociólogo, Brugarola, favorece a sociabilidade no meio rural.

Segundo os tratadistas modernos caracteriza-se a mulher rural pelo complexo de inferioridade com respeito à mulher da capital e pelo desejo de sair da aldeia sem precisar o porquê ou para onde.

Também se reconhece como fundamental factor de inadaptação o aspecto religioso de uma religião tradicionalista, não vital, de sentido mais supersticioso que propriamente religioso; religião meramente negativa que assenta na parte moral, abandonando a parte transcendente e não abre novos horizontes; religião que dá uma falsa resignação perante a vida, aceitando situações injustas ou infra-humanas sem qualquer afan de superação. Espécie de fatalismo que nega a colaboração do homem com Deus, tanto na salvação como na construção do mundo.

Vimos citando o trabalho da socióloga espanhola Maria de Jesus Garrido Gabillo. Lembremos que a civilização da máquina entrou pela aldeia abruptamente, agrestemente, desacompanhadamente. E' o alto falante e a lâmpada eléctrica despida e pendurada do tecto; o nylon e o plástico...

Acabaram as corais a cinco vozes das sachas e das espadeladas; e os cantares ao desafio; e as reisadas e outras teatrasdas gilvicentinas das seroadas aldeias de antanho.

Grande acção poderia ter o Pároco e a Professora — mas um e outro necessitam de preparação especializada.

Quando a mulher rural verificar a sua situação de superioridade perante a mulher da capital, graças ao muito menor desnível entre as camadas sociais da aldeia e as da cidade — e se aperceber de tantos outros factos, começaremos a ganhar a batalha, a batalha dos campos.

Serviço de CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do *Instituto S. de Agronomia*; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. António Sérgio Pessoa, Méd. Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves — do *Instituto Superior de Agronomia*; Duílio Marques, Eng. Agrónomo—*Director da Estação Agrária do Porto*; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo—*Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Núncio Bravo, Eng. Agrónomo—*Director da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrónomo—da *Estação Agrária do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo—*Director do Posto Central de Fomento Apícola*.

II — FRUTICULTURA

N.º 45—Assinante n.º 45 079 — *Melgaço*.

OS ELEMENTOS QUÍMICOS EM FRUTICULTURA

PERGUNTA — No número de 30 de Março findo de «O Primeiro de Janeiro», e na sua secção semanal «Campos e Jardins», li umas justas apreciações sobre a forma como é pouco tratada e atendida a nossa fruticultura, referindo, a propósito, um ensaio realizado na Flórida Citrus Experiment Station, dos Estados Unidos da América do Norte, com a adubação complementar dos citrinos, na sua maioria por via foliar, com elementos mínimos de zinco, cobre, manganês e magnésio, que teria dado muitos bons resultados.

Não sei se essa adubação complementar é aconselhável no nosso País, em especial nesta região do Norte, desconhecendo qualquer experiência, ou ensaio que dela se tenha feito por cá.

Mas, porque me encontro sempre disposto a seguir os conselhos dos técnicos nesse campo, já que de agricultura e pomicultura pouco ou nada

sei, gostaria de saber a douta opinião da *Gazeta* a tal respeito, e os bons conselhos que tivesse a bondade de me dar, para os seguir no pequeno pomar de citrinos e outras árvores de fruto (pereiras, macieiras, pessegueiros e damasqueiros) que tenho.

E no caso de me aconselhar a fazer essa adubação complementar, ou só nos citrinos, ou também nas outras árvores de fruto, mais agradeceria o favor de me ser indicado quais os adubos que em Portugal haverá à venda com aqueles elementos mínimos já incorporados, ou se, não os havendo, deverão ser adquiridos em separado, e em que proporções se deverão aplicar, quer no solo, quer em caldas, para a adubação foliar.

RESPOSTA — A fertilização clássica considerava, praticamente, 4 elementos: azoto, fósforo, potássio e cal, este mais como correctivo.

Viu-se depois que outros elementos eram indispensáveis ao desenvolvimento e produção das plantas muito embora as quantidades requeridas fossem muito pequenas, sendo no entanto indispensável a sua presença.

Esses elementos denominaram-se *elementos mínimos*: boro, manganês, magnézio, cobre, zinco malibdénio etc., apresentando as plantas sintomas característicos — sempre que falte algum destes — *carências*, problema que já tratamos nesta Revista.

As quantidades são por vezes tão pequenas que basta para alguns destes cobre, zinco, manganês, que se utilizem como fungicidas produzidos em que estejam presentes estes elementos.

Estes elementos podem ser aplicados no terreno, adubação clássica, ou por via foliar, sendo esta a forma de aplicação mais aconselhável, dadas as reduzidas quantidades a aplicar.

Há no mercado adubos compostos contendo não só os elementos normais — azoto, fósforo e potássio, em doses elevadas, como também os principais elementos mínimos — FERFOLI e IRRAL.

Outros elementos podem ser aplicados por via foliar, como por exemplo a ureia, quando se pretende uma acção rápida do azoto.

Está, porém, contra-indicada a aplicação por via foliar de adubos cáusticos, como por exemplo da cianamida cálcica.

Os adubos a utilizar por via foliar podem ser dissolvidos em parte das caldas utilizadas para o combate às pragas e doenças das plantas, sendo porém, aconselhável consultar previamente um técnico se há ou não incompatibilidade entre os adubos e pesticidas empregados. — *Madeira Lobo*.

III — VITICULTURA

N.º 46 — Assinante n.º 42551 — Marco de Canavezes.

MÉTODOS DE ENXERTIA

PERGUNTA — Muito lhe agradecia o favor de me indicar um livro para ensinar a enxertar e as diversas formas, conforme o que mais conviesse para cavalos de fruteiras, e a forma de enxertia mais conveniente para castanheiros, pereiras e limoeiros.

Tenho um que ensina a enxertar, que é o de «O Lavrador», mas não tenho um que diga qual é

a própria para macieiras, pereiras, castanheiros, e quais os respectivos cavalos.

Não sei se haverá um livro para tudo, que não fosse caro.

RESPOSTA — Sobre a forma de enxertar pode seguir as indicações dadas no livro: «Manual de Enxertia», edição da Livraria Clássica Editora, de Lisboa.

O melhor processo de enxertia é para:

Castanheiros—de garfo, em coroa, para árvores desenvolvidas, e de canudo, de borbulha, para árvores de viveiro;

Pereira—garfo, de fenda cheia, para árvores de viveiro e fenda simples ou coroa, de garfo, para árvores adultas;

Limoeiros—enxertia de borbulha, de olho vivo, feita em fins de Maio princípios de Junho.

Pelo que se refere a porta-enxertos o problema foi tratado nesta Revista n.º 2457 pág. 765, de 16 de Outubro de 1961.

Devemos complementarmente esclarecer que hoje as coisas tendem para a industrialização e conseqüentemente a produção de árvores deve ser feita pelos viveiristas, ficando muito mais caro aos amadores produzi-las do que comprá-las a quem as *fabrica* em série e dentro da melhor técnica.

O problema da escolha do porta-enxerto é fundamental quando se pretende um pomar devidamente constituído. Para a solução deste problema é indispensável a consulta dum técnico especializado, são de considerar as suas determinações sobre cada caso particular.

Para esse fim pode dirigir-se às Brigadas e Estações Agrárias ou ainda aos técnicos das organizações que se dedicam à instalação de pomares. — *Madeira Lobo*.

VII — PATOLOGIA VEGETAL E ENTOMOLOGIA

N.º 47 — Assinante n.º 43059 — Pessegueiro do Vouga.

BEGÓNIAS DOENTES

PERGUNTA — Venho pedir a fineza de procederem ao exame de umas folhas de begónia que

envio como amostra, as quais estão atacadas de um fungo, espécie de bolor, que faz com que as folhas ainda que novas caíam, e bem assim os próprios troncos em que estão inseridas se apresentam com o mesmo fungo que a principio tem o aspecto de bolor branco e seguidamente ficam queimadas.

Como tenho bastante gosto nestas plantas muito me obsequiavam se me indicassem o tratamento a seguir para ver se ainda se salvam.

RESPOSTA — Para fazer reduzir o aparecimento das manchas verificadas nas suas begónias recomendamos-lhe:

1.º Cortar e queimar todas as folhas e hastes secas que estejam mortas sobre a planta ou mesmo caídas sobre os vasos.

2.º Com as plantas assim limpas pulverize-as bem com uma calda de permanganato de potássio a 0,15 o/o (150 gr para 100 litros de água).

3.º Depois, decorridos 2 dias, pulverize com:

Água	100 litros
Karathane L. C.	40 cc
Aspor	300 gr

Este tratamento que acabamos de referir é para ser repetido de 10 em 10 dias até ao aparecimento de folhas novas que devem surgir já sem manchas.

4.º Finalmente, recomendamos-lhe que a rega a estas plantas deve ser feita parcimoniosamente e deve manter as estufas ou dependência onde se encontram as begónias, bem arejadas. — *Benedictes de Melo.*

XIX — MEDICINA VETERINARIA

N.º 48 — Assinante n.º 45508 — *Alcobaça.*

LEITÕES DE POUCOS DIAS DE IDADE QUE DEFINHAM

PERGUNTA — Numa ninhada de leitões que possuía o ano passado, apareceu, aos vinte dias, uma diarreia, e a *Gazeta* recebeu Ferrotanol e

Aureomicina lança doses; mas só utilizei o Ferrotanol 4 ou 5 dias seguidos, e curaram completamente.

Agora, apareceu numa ninhada com poucos dias de idade, tosse seca e respiração natural: dois secaram-se completamente e acabei por os matar; os outros, vão indo murchos, arripiados e só querem estar deitados. Que mal será e como tratá-lo?

Tenho mais marrãs com meio tempo de prenhez; agradecia me indicassem se será preciso mudá-las para outros currais que fiquem longe destes, para evitar contágios, bem como se posso continuar a criar com a mesma marrã.

RESPOSTA — Não podemos saber apenas pelas informações prestadas pelo senhor assinante de que zoonose se trata.

Pode tratar-se de anemia, provocada por falta de ferro. Conviria observar-se as mucosas da boca e das pálpebras. Normalmente é de cor rosada. No caso de anemia, apresenta-se praticamente branca.

Para a combater mais rapidamente, aconselhamos o produto da «Cooper» — Injex —, dando uma injeção de 2 cc em cada leitão.

Para evitar a anemia e suas complicações, é conveniente utilizar o — Injex — no 3.º dia de vida dos leitões (2 cc).

À cautela, convém fazer uma desinfecção das pocilgas e isolar os animais são, dos doentes.

Como precaução, preconizamos o envio do cadáver dum leitão recentemente morto ou abatido, devidamente acondicionado, (com uma boa pedra de gelo e serradura, o gelo e a serradura encerrados num saco de plástico com a abertura bem fechada), para ser analisado obsequiosamente no Laboratório Nacional de Investigação Veterinária, Estrada de Benfica, 701 — Lisboa-4, acompanhada dum carta dirigida ao sr. Director, dando todos os informes e sintomas da zoonose. Convém que a embalagem com o leitão seja enviada ao «*Domicílio*».

Agradecemos que o Boletim de análise fosse posteriormente enviado para Pombal, para uma resposta mais rápida. — *Carrilho Chaves.*

STARKRIMSON E FREYBERG

As variedades do futuro!!!

Estas **MACIEIRAS** em diversos porta-enxertos!!!

Viveiros Quinta das Azáleas
Nine—Vila Nova de Famalicão

Telef. 96274 — Das 9 às 20 horas

XXIII — DIREITO RURAL

N.º 49 — Assinante n.º 42285 — Carregal do Sal.

SERVIDÃO DE AR E LUZ

PERGUNTA — O Rev. Padre desta freguesia é meu vizinho e mora numa casa que extrema com a quinta onde vivo.

Sem me consultar e sem o meu consentimento, abriu na parede da casa uma janela com 98 cms de altura por 98 cms de largura. Dividiu o vão, colocando 5 ferros quadrados de 16 cms ao alto, para dar a impressão de friesta. Por dentro, no peitoril, a 0,135 dos ferros colocou um caixilho também de ferro, não sei se fixo se móvel, dividido em 12 quadradinhos com vidros de cor granitados.

Parece-me que isto não são friestas nos termos da lei, mas uma janela com uma grade de ferro.

Poderia ele fazer este serviço sem minha autorização e invadindo a minha propriedade?

Em caso negativo, qual o procedimento a seguir para o compelir a tapar a janela ou a fazer a divisão de colunas em pedra ou cimento como é de lei?

RESPOSTA — 1. Dispõe o art. 2325.º do Cód. Civil que «o proprietário que levantar muro, parede ou outra edificação junto à extrema do seu terreno não poderá nela abrir janela, porta..., que deitem directamente sobre o prédio do vizinho, sem deixar, entre cada uma dessas obras e este prédio, o intervalo de metro e meio». Acrescenta no entanto o § 1.º do mesmo artigo que este «não abrange as frestas, seteiras ou óculos para luz».

2. Em face desta disposição faltará só saber se a construção feita pelo vizinho do Sr. Consulente se poderá considerar fresta, já que não restarão dúvidas de que não é uma seteira nem um óculo.

Cunha Gonçalves entende que *fresta* é sinónimo de *seteira* (Tratado XII, 83), no entanto parece-me que não deverão

VINHOS-AZEITES — Executam-se todas as análises de vinhos e seus derivados, azeites, banhas, manteigas e todos os produtos de alimentação. Venda de todo o material de análises e reagentes. Cursos de aprendizagem de análises e tratamento de vinhos. Análises de recurso e peritagens em Laboratórios Oficiais, por técnico diplomado. Dirigir ao Estabelecimento VINO-VITO, R. Cais de Santarém, 10-1.º dirt.º — LISBOA — Telefone P. B. X. 2713.º

ser a mesma coisa, dado que seria ilógico que o legislador fosse empregar dois termos que significassem a mesma coisa, quando o terceiro (óculo) tem significado (e forma) completamente diferente.

No entanto não há dúvida que significa *janela pequena* e estreita (do latim *fenestra*).

3. Mas o que interessa fundamentalmente é que devem ser construídas de forma que, pelas suas limitadas dimensões, só sirvam para luz e não para vista exterior, devassamento do prédio do vizinho e passagem através delas de pessoas ou objectos (ver Ac. da Rel. do Porto de 1905 — Rev. Trib. XXIV, pág. 5).

Poder-se-á portanto concluir que «é janela e não fresta toda a abertura que permita a passagem da cabeça e, portanto, devassamento do prédio vizinho» (Ac. do S. T. J. de 23-1-37 — Col. Of. XXXVI, supl., pág. 30 D).

4. Ora, nos dados da consulta, falta um elemento que se me afigura essencial para a classificação do caso: o espaço entre os ferros quadrados. É que se entre eles pode passar uma cabeça, então não há dúvidas de que a abertura não deveria ter sido feita.

5. No entanto se os 12 quadradinhos de *vidro de cor* estão colocados num caixilho fixo, parece não poder haver dúvidas que a intenção do vizinho do Sr. Consulente não foi a de devassar a propriedade alheia, pois é impossível ver-se através de vidros de cor granitados.

6. Seria importante também saber-se a altura (do lado interior) a que está a abertura referida, pois se essa altura é superior a 2 metros, dificilmente poderá alguém *espreitar* por ela para o exterior.

7. Concluindo: pelos dados que forneço pode o Sr. Consulente averiguar se a abertura está ou não conforme a intenção do legislador e os artigos citados e, caso não esteja, poderá reagir recorrendo ao Tribunal, pedindo que tal abertura seja fechada ou reduzida. — A. M. O. Pinheiro Torres.



INFORMAÇÕES

Calendário de Junho

Durante este mês a duração do dia é de 14 h. e 43 m. em 1, e de 14 h. e 51 m. em 30.

DATAS	SOL		LUA	
	Nasc.	Pôr	Nasc.	Pôr
1 Terça	5.13	19.56	6.31	22. 6
2 Quarta	5.13	19.56	7.33	23. 6
3 Quinta	5.13	19.57	8.43	23.57
4 Sexta	5.12	19.58	9.56	*
5 Sábado	5.12	19.59	11. 9	0.39
6 Domingo	5.12	19.59	12.20	1.13
7 Segunda	5.12	20 0	13.28	1.43
8 Terça	5.12	20. 0	14.33	2.10
9 Quarta	5.12	20. 1	15.38	2.37
10 Quinta	5.11	20. 1	16.41	3. 3
11 Sexta	5.11	20. 2	17.44	3.31
12 Sábado	5.11	20. 2	18.46	4. 2
13 Domingo	5.11	20. 3	19.46	4.37
14 Segunda	5.11	20. 3	20.43	5.18
15 Terça	5.11	20. 3	21.35	6. 3
16 Quarta	5.11	20. 4	22.21	6.55
17 Quinta	5.12	20. 4	23. 0	7.51
18 Sexta	5.12	20. 5	23.35	8.50
19 Sábado	5.12	20. 5	*	9.49
20 Domingo	5.12	20. 5	0. 4	10.49
21 Segunda	5.12	20. 5	0.31	11.49
22 Terça	5.13	20. 5	1.56	12.49
23 Quarta	5.13	20. 5	1.21	13.51
24 Quinta	5.13	20. 6	1.47	14.56
25 Sexta	5.13	20. 6	2.15	16. 5
26 Sábado	5.14	20. 6	2.47	17.17
27 Domingo	5.14	20. 6	3.26	18.31
28 Segunda	5.15	20. 6	4.14	19.44
29 Terça	5.15	20. 6	5.13	20.50
30 Quarta	5.15	20. 6	6.22	21.47

Q. C. em 6 às 12 h. e 11 m.; L. C. em 14 às 1 h. e 59 m.; Q. M. em 22 às 5 h. e 36 m.; L. N. em L. N. em 29 às 4 h. e 52 m.;

Campanha de Fomento Pecuário

Portaria n.º 21058

(Continuação do número anterior pág. 398)

§ 2.º O exame dos reprodutores a adquirir no estrangeiro será efectuado, no local de compra, por uma missão constituída por técnicos dos serviços, designados pelo Secretário de Estado da Agricultura, e por um ou mais representantes dos mutuários.

§ 3.º A aquisição de gado no estrangeiro só poderá efectuar-se quando o número de animais o justifique, constituindo encargo do Serviço de Campanha do Fomento Pecuário apenas as despesas relativas à deslocação dos técnicos dos serviços.

9.º No caso do empréstimo em espécie, o beneficiário, antes da celebração do contrato, terá de fazer ao Serviço de Campanha de Fomento Pecuário a entrega de uma importância não inferior a 10 por cento do valor fixado dos animais que são objecto do empréstimo.

§ único. A entrega da importância a que se refere o corpo deste artigo é efectuada a título de caução.

10.º Nos empréstimos em dinheiro, depois de celebrados os contratos, os mutuários solicitarão ao Serviço de Campanha de Fomento Pecuário o exame sanitário e zootécnico dos animais que se propõem adquirir no País, para efeito de verificação do seu custo, indicando o nome e morada dos vendedores, bem como os locais onde o gado se encontra.

§ 1.º Quando os animais propostos para aquisição mereçam a aprovação dos serviços regionais, serão os mesmos identificados por tatuagem ou brinco.

§ 2.º Os animais identificados serão discriminados em impresso fornecido pelo Serviço de Campanha de Fomento Pecuário, no qual o mutuário se considera seu fiel depositário, quando não haja lugar a hipoteca.

11.º As importâncias autorizadas dos empréstimos em dinheiro serão entregues aos mutuários por uma só vez ou em prestações, consoante as partidas de gado a adquirir, no máximo de três, através dos respectivos grêmios da lavoura ou da Repartição das Associações Agrícolas da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, não podendo realizar-se qualquer entrega em data posterior a 31 de Outubro.

12.º Os reprodutores a cuja compra se destina o empréstimo serão adquiridos, no estrangeiro ou no País, directamente, pelos interessados, tendo-se em atenção o disposto no § 2.º do n.º 8.º e no n.º 10.º.

13.º O Serviço de Campanha de Fomento Pecuário receberá nos meses de Janeiro a Março (inclusive) declarações dos criadores que disponham de reprodutores (machos e fêmeas) para venda e queiram colocá-los por seu intermédio.

§ único. Estas declarações serão feitas em modelo a fornecer pelo Serviço de Campanha de Fomento Pecuário.

14.º Além de outras condições que venham a ser fixadas no contrato de empréstimo, o beneficiário obriga-se a:

a) Cumprir as instruções que lhe venham a ser dadas pela Secretaria de Estado da Agricultura, através dos seus departamentos competentes, no sentido de uma racionalização da exploração agrícola, nomeadamente sobre tratamento e alimentação dos animais, esquemas de emparelhamento, rotação de culturas, instalação e tratamento de prados;

b) Colaborar com os serviços técnicos regionais na contabilidade da exploração, quando a sua montagem seja determinada pelo conselho de coordenação;

c) Manter perfeitamente actualizada a caderneta de efectivos que lhe será fornecida pela intendência de pecuária da área a que pertence e remeter trimestralmente a esta entidade informação das alterações verificadas no trimestre que tenha terminado;

d) Manter devidamente identificados por tatuagem ou brinco todos os animais da espécie ou espécies a que pertencem aqueles que foram objecto do empréstimo;

e) Não alienar os animais adquiridos com o produto do empréstimo, bem como a respectiva descendência, sem prévia autorização do Serviço de Campanha de Fomento Pecuário, o qual, em igualdade de preços, terá opção na compra;

f) Cumprir as normas estabelecidas na legislação em vigor e, bem assim, aquelas que lhe sejam dadas pelo Serviço de Campanha de Fomento Pecuário, no que respeita à forma de utilização dos reprodutores adquiridos;

g) Utilizar as fêmeas das raças exóticas, importadas ou nascidas no País, apenas na reprodução em linha pura.

15.º Fixam-se, como segue, os montantes e os prazos para a amortização dos empréstimos:

Para reprodutores bovinos:

- 20 por cento no fim do 4.º ano;
- 30 por cento no fim do 6.º ano;
- 50 por cento no fim do 8.º ano.

Para vitelos destinados à recria:

100 por cento no fim do 2.º ano.

Para reprodutores ovinos:

- 20 por cento no fim do 2.º ano;
- 30 por cento no fim do 4.º ano;
- 50 por cento no fim do 5.º ano.

Para reprodutores suínos:

- 20 por cento no fim do 2.º ano;
- 30 por cento no fim do 3.º ano;
- 50 por cento no fim do 4.º ano.

§ 1.º No caso de o empréstimo ser em espécie, far-se-ão as amortizações mediante a entrega ao Serviço de Campanha de Fomento Pecuário de reprodutores em número, raça, sexo, idade e qualidade correspondentes aos animais que hajam sido cedidos, com observância dos períodos e, tanto quanto possível das percentagens estabelecidas no corpo deste número, restituindo-se, quando da última amortização, a quantia já entregue como caução a que se refere o n.º 9.º.

§ 2.º As amortizações dos empréstimos em espécie poderão fazer-se, no todo ou em parte, em dinheiro, quando beneficiário, por razões estranhas à sua vontade e devidamente justificadas, não dispuser de animais para entrega ou quando os que possuir não merecerem aprovação; neste caso, o valor das amortizações terá por base a importância atribuída ao gado no contrato do empréstimo, depois de deduzida a caução.

§ 3.º O período de amortização do capital tem início no primeiro dia do mês seguinte àquele em que foi entregue ao beneficiário a última prestação do empréstimo, sendo, durante esse período, devido o juro legalmente estabelecido (2 por cento ao ano). Os juros respeitantes a cada ano serão pagos durante o mês de Janeiro do ano seguinte.

Estas regras são extensivas aos empréstimos em espécie.

16.º Ao devedor fica assegurado o direito de antecipar todas ou algumas prestações, mediante aviso prévio feito, por escrito, à entidade credora um mês antes da data em que se pretenda efectuar o pagamento.

§ único. Nas antecipações totais serão cobrados juros sobre os valores em dívida apenas até ao fim do mês em que foi feita a antecipação.

17.º Nos empréstimos em dinheiro, o Serviço de Campanha de Fomento Pecuário exigirá, como garantia, a hipoteca de um imóvel, sempre que o quantitativo do empréstimo exceda o limite referido na parte final do artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 45 401, de 2 de Dezembro de 1963 (50 contos).

18.º A garantia dos empréstimos em dinheiro de valor inferior ao limite a que se refere o número anterior e a dos empréstimos em espécie será constituída pelo gado adquirido com o produto do empréstimo ou pelo gado emprestado, bem como pelas respectivas descendências, ficando o beneficiário seu fiel depositário.

19.º O Serviço de Campanha de Fomento Pecuário, enquanto vigorar o contrato de empréstimo, poderá suportar parcialmente, em casos excepcionais devidamente justificados, os prejuízos resultantes da inutilização ou morte dos reprodutores cedidos ou adquiridos com o produto do empréstimo, mediante despacho do Secretário de Estado da Agricultura, em face de parecer favorável da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários.

§ 1.º A compensação a atribuir só poderá incidir sobre prejuízos devidos a incapacidade definitiva para a função reprodutora ou a morte dos animais quando esta for determinada por fulguração, queimaduras, afogamento ou outra causa

de asfixia e a doenças microbianas ou parasitárias sem prevenção específica e não possíveis de terapêutica médica satisfatória.

§ 2.º O montante da compensação será fixado tendo em conta as disponibilidades orçamentais na verba respectiva, não podendo, todavia, exceder a importância correspondente a 50 por cento do valor do animal ou animais, determinado com intervenção dos técnicos dos serviços pecuários no momento da morte ou do reconhecimento da sua inutilização para fins reprodutivos, depois de deduzido aquele valor do correspondente à carne, no caso de esta ter aproveitamento.

20.º Com intuito de divulgação, demonstração e incentivo para a lavoura, o Serviço de Campanha de Fomento Pecuário poderá conceder subsídios para organização de exposições e concursos de carácter pecuário que incluam animais das espécies e raças autóctones ou exóticas e seus cruzamentos considerados de interesse para o fomento pecuário do País, bem como os produtos pecuários deles derivados.

§ 1.º Estes subsídios destinam-se à atribuição de prémios pecuniários, de diplomas a conferir a proprietários dos animais ou dos produtos melhor classificados e a auxiliar o custeio das despesas de organização de certames.

§ 2.º Tais subsídios serão concedidos a grêmios da lavoura, associações de criadores legalmente constituídas, ou comissões organizadoras em que esteja representada a lavoura, mediante parecer da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, de acordo com o regulamento do certame e com a aprovação do Secretário de Estado da Agricultura.

(Continua no próximo número)

III Curso Abreviado de Fitosanidade (Viticultura)

Acaba a Estação Agrária do Porto de realizar, nos passados dias 20 e 21 de Maio último, mais um curso de sanidade da videira.

Cursos rápidos, numa intenção marcada de chamar a atenção para os aspectos fundamentais das pragas e das técnicas de combate, teve, como sempre farta frequência e marcado interesse.

Damos a seguir o programa dessas lições para que os nossos leitores avaliem do que são essas breves mas proficuas reuniões de lavradores com técnicos e das quais um dos principais objectivos é a criação duma confiança e mútua colaboração.

Dia 20 — Quinta-feira. 10,15-10,30 — Abertura pelo Director da Estação Agrária do Porto, Eng. Duílio Marques.

10,30-12,30 — O «mildio» e oídio da videira pelo Eng. Benevides de Melo.

14,30-15,30 — A «traça do cacho» pelo Eng. Henrique Macedo.

15,45-17 — Outras «pragas» e «doenças» das videiras, «carências» nutricionais, «virose» e «acidentes vegetativos», pelo Eng. Benevides de Melo.

Dia 21 — Sexta-feira. 10,15-12,30 — Os «pesticidas» na defesa fitossanitária da videira:

a) no tratamento preventivo do «mildio»

b) no tratamento do «oídio»

- c) no combate à «traça do cacho»
- d) cuidados a ter no seu manuseamento e aplicação
- e) intervalos de segurança

pelos Engs. Benevides de Melo e Henrique Macedo. 14,30-16,30 — Colóquio entre os assistentes e esclarecimento de dúvidas sobre os diversos assuntos versados no Curso.

16,30-17 — Encerramento do Curso.

Boletim Meteorológico para a Agricultura

fornecido pelo
Serviço Meteorológico Nacional

1.ª década (1-10) de Maio de 1965

Influência do tempo nas culturas

As culturas arvenses de sequeiro estão a sentir-se muito da seca, principalmente a sul do Tejo. Em algumas regiões do Alentejo e do Algarve o aspecto das searas não é bom e os favais, as pastagens e as forragens (sobretudo o trevo), que prometiam boa produção, estão a secar prematuramente. O aspecto das culturas arbóreas e arbustivas é por enquanto bom. Os olivais, a vinha, os pomares e os montados têm em regra bom aspecto vegetativo.

No Algarve as sementeiras de grão e milho de sequeiro estão a ser muito prejudicadas pela falta de humidade no solo, a produção de amêndoa é fraca e a de nêspera é boa.

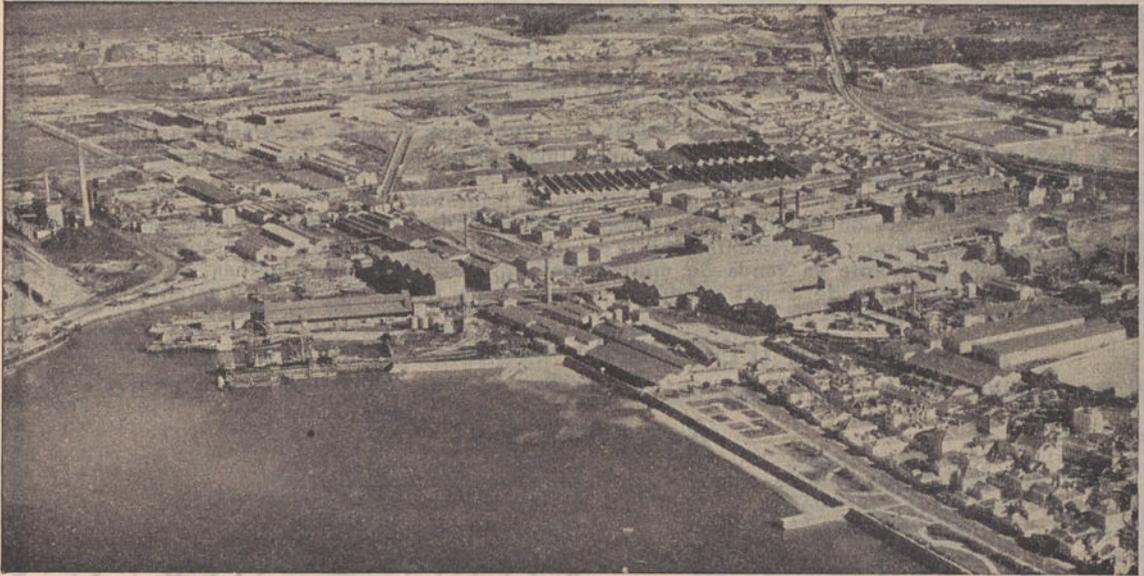
Fizeram-se sementeiras de milho, feijão e grão, plantação de arroz, apanha de fava e ervilha, fenação de forragens, tratamentos fitossanitários, etc..

Houve ataques de escaravelho na batateira.

Mercado de vinhos e aguardentes

Área	ESPÉCIE			
	Vinho tinto	Vinho branco	Aguard. vinica	Aguard. bagac.
Mealhada	1\$90	2\$00	—\$—	4\$50
Águeda	1\$90	—\$—	—\$—	—\$—
Torres Vedras	1\$80	1\$50	10\$00	4\$70
Bombarral	1\$74	1\$60	10\$00	5\$00
Alenquer	1\$70	1\$60	10\$00	4\$70
Santarém	1\$60	1\$30	9\$40	4\$80
Cartaxo	1\$90	1\$70	—\$—	4\$60
Almeirim	1\$70	1\$60	9\$90	5\$50
Estremoz	2\$50	2\$60	—\$—	5\$50
Fundão	2\$80	3\$20	—\$—	5\$50
Pinhel	3\$00	3\$50	—\$—	7\$00
Leiria	1\$45	1\$35	9\$70	4\$50
Chaves	2\$00	2\$00	—\$—	5\$00





FÁBRICAS DO BARREIRO

Prefira Insecticidas C. U. F.

Garantia de boas colheitas

VISENE — pó molhável contendo 50% de SEVIN

AZINFOR — líquido contendo 44% de AZINFOS-ETILO

— Ambos de comprovada eficácia no combate ao «Escaravelho da Batateira» e «Bichado» das Peras e Maças.

— O **VISENE** e o **AZINFOR** são compatíveis com o **MILDOR**, **ASPOR** e **TIEZENE** pelo que se podem **combater simultaneamente** o «escaravelho» e «míldio» nos batatais e o «bichado» e «pedrado» nas pereiras e macieiras.

COMPANHIA UNIAO FABRIL

LISBOA — Avenida Infante Santo, 2
PORTO — Rua do Bolhão, 192

Depósitos e Revendedores em todo o País



8456



A maior fábrica do mundo de Motocultivadores

A empresa AGRIA é constituída por 5 grandes e modernas fábricas na Alemanha Ocidental. As linhas de montagem ocupam uma área aproximada de 15 hectares. Três modernas e grandes fábricas foram montadas na Espanha, Suécia e Grécia.

No sul da Itália, tem a AGRIA um campo de ensaio de máquinas.

Em Portugal, na vila do Bombarral, inicia-se ainda este ano a construção de uma fábrica e a instalação de um campo experimental, escola de mecânicos e de condutores de motocultivadores. A experiência resultante da venda de muitas centenas de milhar de máquinas em 86 países e, especialmente, cerca de 2 mil máquinas vendidas em Portugal, são uma garantia para a Lavoura Portuguesa.

AGRIA-WERKE (PORTUGAL) MÁQUINAS AGRÍCOLAS, LDA.

R. Castilho, 235-A * Telef.: 681983-688837 * Apartado 1447 * LISBOA-1

AGENTES:

Abel Brandão de Carvalhais
Rua dos Camilos, 3 — RÉGUA

Adrião Antunes Barrocas
FUNDÃO

Costa & Cardoso, Lda.
Rua da Figueira da Foz, 15-A — COIMBRA

SAVEL — Sociedade Aveirense de Equipamentos Industriais e Agrícolas, Lda.
Rua Engenheiro Odinot, 43 — AVEIRO

Francisco Requeijo Alves
Quinta dos Prados — LAMEGO

Manuel Alves de Freitas, Lda.
Av. dos Aliados, 165 — PORTO

Socied. Agrícola e Comercial do Norte, Lda.
Avenida Marechal Gomes da Costa, 741 — BRAGA

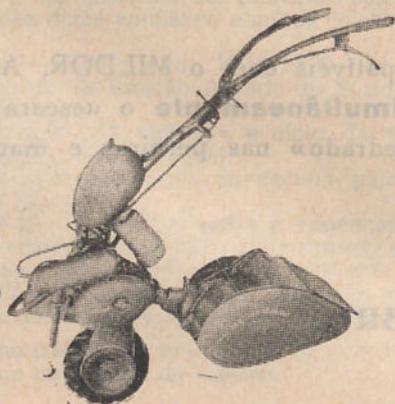
MODELO 1100/2100
Combustível — Gasolina



Sachadeira rotativa
com roda motriz

Especialmente indicada para trabalhar em fileiras. Larguras de trabalho de 10, 16, 22, 28, 32, 38, 42, 50 e 65 cm. A máquina tem 3 velocidades, é muito leve e fácil de conduzir. É a máquina aconselhada para trabalhos de precisão, como viveiros, morangais, etc. Grande rendimento de trabalho. Com uma adaptação especial, monda arroz, em terrenos inundados, com o rendimento diário de cerca de 8.000 m.

2,5 HP 4 HP



MODELO 2000/3000
Combustível — Gasolina ou tractor



É uma máquina para sachar em qualquer tipo de terreno. A máquina não tem rodas motrizes, o motor é de 3 velocidades e tem 6 HP. A largura de trabalho pode variar de 32 a 120 cms. Pode aplicar-se-lhe ceifeira, cortadora de relva, freza, amontoador e atrelado. De grande utilidade em sementeiras, gradagem de terras, sacha entre linhas ou na frezagem de vinhas ou pomares.

4 HP 6 HP



4128

MODELO 2300

Combustível — Gasolina ou tractor



Motogadaneira

Gadaneira com 2 velocidades e de fácil manejo em terrenos mesmo muito inclinados ou em terrenos pantanosos. O rendimento é de cerca de 1/3 ha./hora e a largura máxima de trabalho de 160 cm. Grande facilidade de corte de forragens, cereais, arroz, mato, etc. Pela adaptação de um dispositivo especial transforma-se em ceifeira sendo o trabalho da mesma muito perfeito.

6 HP



MODELO — 2400

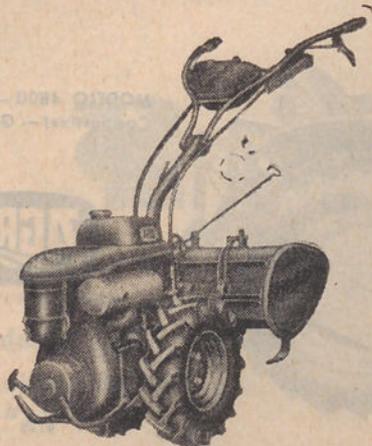
Combustível — Tractor



A mais moderna das máquinas AGRIA

Com 6 HP, motor a 2 tempos, 6 velocidades, tomada de força, peso de 72 kg., esta máquina pertence à classe ligeira de tractores de 1 só eixo. Máquina universal de concepção muito moderna para todos os trabalhos agrícolas. Rendimento de saca e amontoa, entre linhas, de 2 hectares diários. A máquina ideal para as médias propriedades e para as grandes culturas em linha. Perfeito trabalho com qualquer espécie de alfaia.

6 HP.



MODELO 3000-S

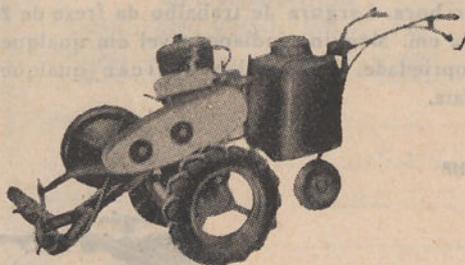
Combustível — Gasolina ou tractor



Atomizador Especial

De 6 HP indicado para utilização em vinhas, culturas em fileiras ou pomares, etc. 2 velocidades e marcha à frente e atrás. Através de um sistema de agitação automático a concentração do líquido permanece constante. Este modelo foi considerado pelo Instituto Biológico da Agricultura Alemã como uma máquina perfeitíssima.

6 HP



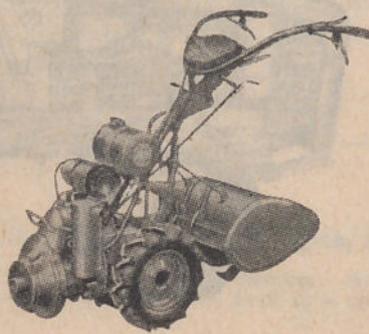
MODELO 2600

Combustível — Tractor



Máquina de 6 HP de grande robustez e mundialmente conhecida. Tem 2 velocidades, 2 rodas motrizes e uma largura de trabalho de freze de 16 a 65 cm. Esta máquina foi premiada com a medalha de bronze da Sociedade Agrícola Alemã. Pode-se-lhe aplicar qualquer alfaia. Muito usada em Portugal para cava de vinhas, pomares, tomates, etc.]

6 HP



4128

MODELO 1700 — Diesel
Combustível — Gasóleo



A mais vendida das máquinas AGRIA

Máquina universal de 7 HP, motor Diesel a 4 tempos, 8 velocidades, 2 tomadas de força, 7 marchas, travões e tracção às rodas. Consumo de cerca de 3 a 5 decilitros de gasóleo por hora. Largura de trabalho da freze de 28 a 75 cm. Máquina indispensável em qualquer propriedade. Pode-se-lhe aplicar qualquer alfaia.

7 HP



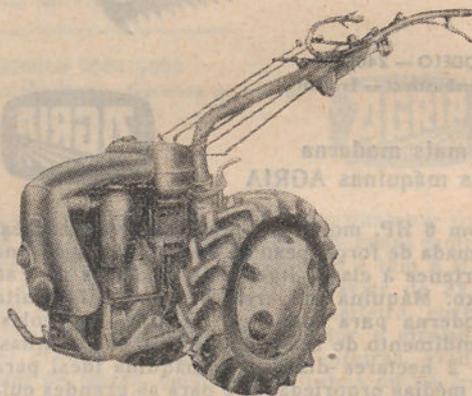
MODELO 2800 — Diesel
Combustível — Gasóleo



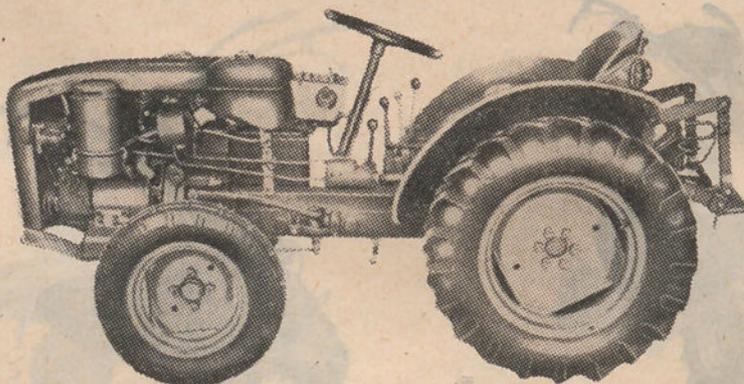
Um robusto tractor mono-eixo de peso médio

De 10 HP, motor a 4 tempos, 12 velocidades, diferencial com travão, eixo de tomada de força. É uma máquina de muito fácil manobra de grande poder com a freze e muito equilibrada com a charrua. A largura de trabalho de freze é de 50 a 90 cm. Reboca cerca de 1 000 kg.

10 HP



10 HP



MODELO 4800 — Diesel
Combustível — Gasóleo



4128

MODELO 1900 — Diesel
Combustível — Gasóleo

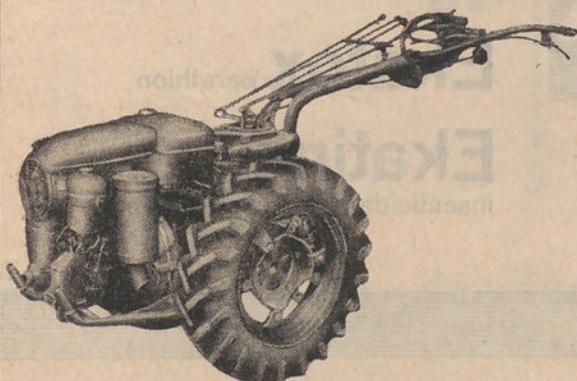


Potente tractor
de um só eixo

Tem 12 HP, motor Diesel de 2 tempos e caixa com 8 velocidades. Este é o mais potente e pesado dos motocultivadores da produção AGRIA. Largura de trabalho da freza de 50 a 110 cm.

12 HP

4128



BILHETE POSTAL

Contra o envio deste bilhete receberá V. Ex.^a imediatamente e sem responsabilidades os prospectos do n/ material ou no caso de interesse teremos muito gosto em efectuar-mos uma demonstração

Queira fazer uma cruz no que lhe interessa

Desejo o envio
de material de
propaganda

Desejo uma
demonstração
sem encargos

do modelo AGRIA

2100	3000	2500	5000-S	2400
2600	1700	2800	4800	1900

Nome

Profissão

Localidade

Rua

Distrito

É favor escrever em letra legível

Se evitar as diarreias dos
seus leitões e vitelos ob-
terá maiores lucros

use **Forocibene[®]**

Evite os graves inconven-
ientes da coccidiose

use **Forocibene**



Ação profiláctica notável contra os agentes patogéneos bacterianos e coccídias, no tracto gastro-intestinal, sem perturbar o desenvolvimento normal no animal.

4075

Representantes:

Produtos CIBA, Lda.

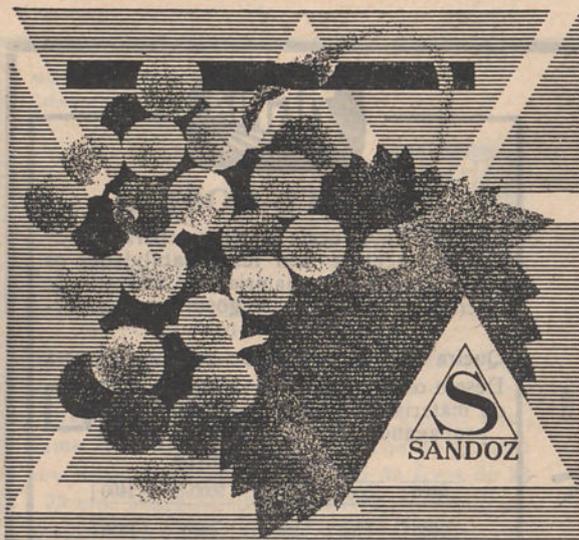
Avenida 5 de Outubro, 48
Lisboa

Distribuidor:



Sociedade Agro-Biológica, Lda.

Travessa do Almada (à Madalena), 12-1.º D.
Teleg. «Sabiol» — Telef. 87 08 36 — Lisboa-2



Produtos Sandoz Lda.
Rua de S. Caetano, 4 - Lisboa-3

A ameaça persiste, a protecção continua.

Contra o mildio, oídio, lagarta da uva e aranhaço vermelho:

Miltox cupro-orgânico, ou

Cobre-Sandoz
óxido cuproso

Thiovit enxofre molhável

Ekatox parathion

Ekatine
insecticida e acaricida sistémico

Grupos Moto-Bombas e Motores "BERNARD"

a Petróleo e a Gasoil

Tubos chupadores, Junções,
Válvulas de pesca, etc.

Corta-Relvas [manuais e a motor,
Charruas, Semeadores, Sachadores,
Tararas, Descaroladores e Sementes

Tractores "OCIRIM" e
"INTERNATIONAL"

PEDIDOS AO:

Centro Agrícola e Industrial, Lda.

307, Rua de Santa Catarina, 309
Telef. 25365/6 PORTO Teleg. AGROS

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL
e o seu desejo de coçar
passou. A comichão des-
perece como por encanto.
A irritação é
dominada, e
pele é refres-
cada e ali-
viada. Os
alívios come-
çaram. Medi-
camento por
excelência
para todos os casos de eczema húmido ou seco,
crostas, espinhas, erupções ou ardência no pele.

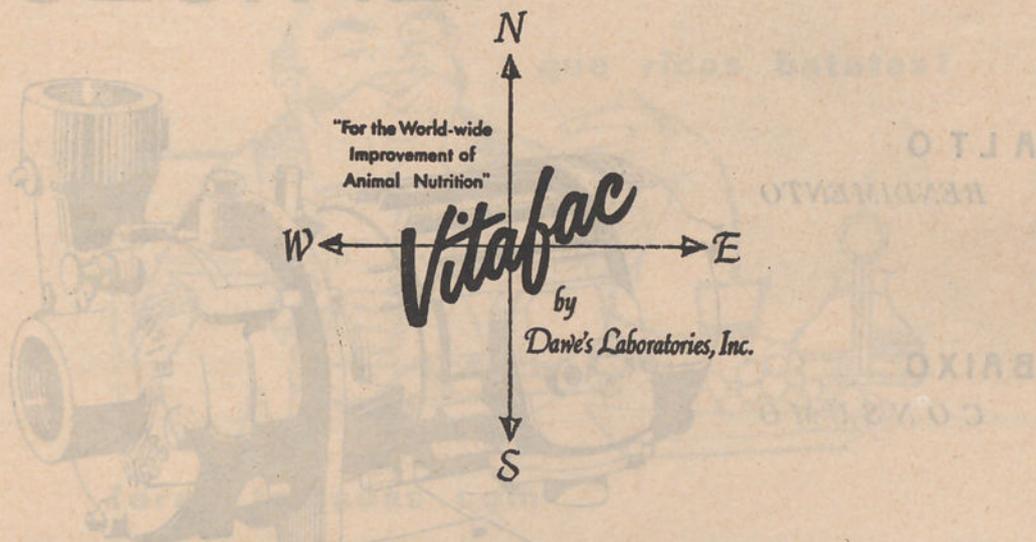


A venda em todas as farmácias e drogarias

**VICENTE RIBEIRO & CARVALHO
DA FONSECA, LIMITADA**

RUA DA PRATA 237 - LISBOA

Na base da alimentação racional dos animais



Gama completa de suplementos antibióticos, vitamínicos e minerais pré-misturados

❖ **BROILER BASE**
pintos e frangos de carne

❖ **SUPER POULTRY BASE**
frangas e galinhas poedeiras

❖ **POULTRY BREEDER BASE**
reprodutoras

❖ **PIG GROWER BASE**
suínos

❖ **DAIRY BASE**
vacas leiteiras

❖ **CALF BASE**
vitelos

Fórmulas Equilibradas para arraçoamentos consoante os componentes à disposição

Toda a experiência de dezenas de anos do Departamento Técnico dos Laboratórios «DAWE'S» ao serviço da indústria de alimentos compostos para animais

DAWE — ITÁLIA, S. P. A.

Pedidos aos Representantes Exclusivos

Mundinter

LISBOA-1

Av. António Augusto de Aguiar, 138
Telef. 73 21 31

PORTO

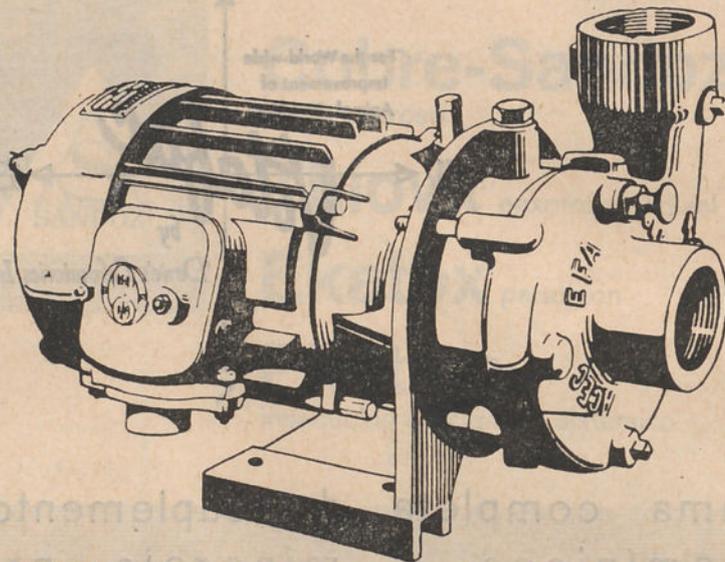
Rua Júlio Dinis, 886
Telef. 64107

ELECTROBOMBAS

EFACEC

ALTO
RENDIMENTO

BAIXO
CONSUMO



AGENTE OFICIAL:
BONNEVILLE OLIVEIRA

R. DE CAMÕES, 310—TELEF. 20859—PORTO

*O Caminho de Ferro
é o transporte ideal,
pois é seguro, rápido
prático e económico.*

1893

H. KLEIN, L.^{DA}

Sucessores da casa H. KLEIN — fundada em 1894

Produtos Enológicos — Taninos, gelatinas, produtos especiais para o tratamento, melhoramento e clarificação de vinhos.

Derivados de Mosto de Uva do Douro — Mosto esterilizado, Mosto concentrado, Mosto torrado.

Carvões vegetais activos — Para Enologia, Indústria açucareira, Indústria química.

Rua da Montanha, 177—Vila Nova de Gaia
Telef. 390141—Telegr. NIELK

1893

SEMENTES

1862

ALÍPIO DIAS & IRMÃO recomendam aos seus Amigos e Clientes, que nesta época devem semear as seguintes variedades:

Alfaces, Beterrabas, Cenouras, Couves diversas: Couve flor, Bróculo, Repolho, Penca de Chaves, Penca de Mirandela, Penca da Póvoa, Tronchuda, Ervilhas de grão, Espinafres, Feijões de vagem de trepar e rasteiros, Rabanetes, assim como: Azevéns, Erva molar, Luzernas, Lawn-grass Ray-grass, Trevos, etc., etc. e ainda uma completa colecção de Flores.

Se deseja SEMEAR E COLHER dê preferência às sementes que com todo o escrupulo lhe fornece a

“SEMENTEIRA” de Alípio Dias & Irmão

Rua Mousinho da Silveira, 178 — Telefones 27578 e 33715 — PORTO

N. B. — Preços especiais para revenda que lhe será enviado gratuitamente





que ricas batatas!

foram tratadas com

AZIPRON

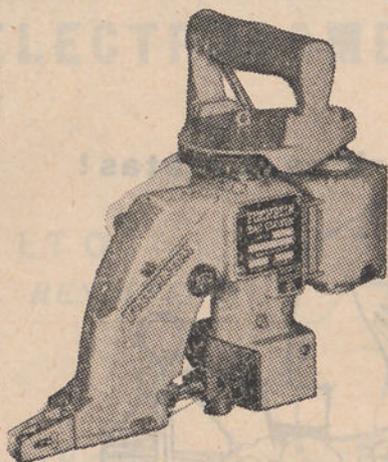


APLIQUE BP AZIPRON E VERIFICARÁ COMO
É FÁCIL EXTERMINAR
O ESCARAVELHO DA BATATEIRA.
DIRIJA-SE AO AGENTE BP MAIS PRÓXIMO
E PEÇA BP AZIPRON.

A 6-65

4122

N
O
V
I
D
A
D
E



MODELO-D

Máquina Eléctrica Portátil **FISCHBEIN** DE FECHAR SACOS

- * *Manejo muito simples.*
- * *Grande robustez.*
- * *Fecha qualquer tipo de saco de tecido ou papel.*
- * *Pode ser utilizada por operários inexperientes e nas mais duras condições de trabalho.*

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

4103

Sociedade Victor, Lda.

Av. António Augusto de Aguiar, 25-A
LISBOA-1 Telef.: 51223



AGROVETE

ORGANIZAÇÃO TÉCNICA AGRO PECUÁRIA, LDA.

Avenida Infante Santo, 347 — Telef. 67 62 33 — Lisboa-3

4120

- * *Um espírito progressista ao serviço do País*
- * *Uma organização em marcha que marcha com a aceleração dos tempos modernos*
- * *Uma equipa técnica com a consciência plena dos problemas*
- * *Uma nova concepção comercial que responde às exigências da época*

DEPARTAMENTOS: *Nutrição Animal* (com o apoio técnico e científico do Centre de Recherches International de Nutrition Animale — «CRINA») * *Produtos Químicos e Biológicos* * *Equipamento Laboratorial e Industrial*

PEÇA LITERATURAS E INFORMAÇÕES



"KOLTEC"

O cercado eléctrico, com pilha, de qualidade já comprovada pela Lavoura Nacional e organismos oficiais

Importadores exclusivos:

Agência Comercial RIA, Lda.

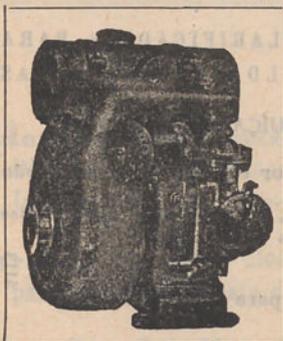
Telef. 24040/1/2

AVEIRO

4127

Motores e Grupos de Rega

VILLIERS



MOTORES A PETRÓLBO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40
1,1 HP 2 HP 2,4 HP 3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2" 2" 2 1/2" 3"

ENCONTRÁ-LOS-À NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A
Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folgue, 7-E e 7-F
Telef. 53393 3532



POLYRAM
Combi

BASF

Fabricado pela

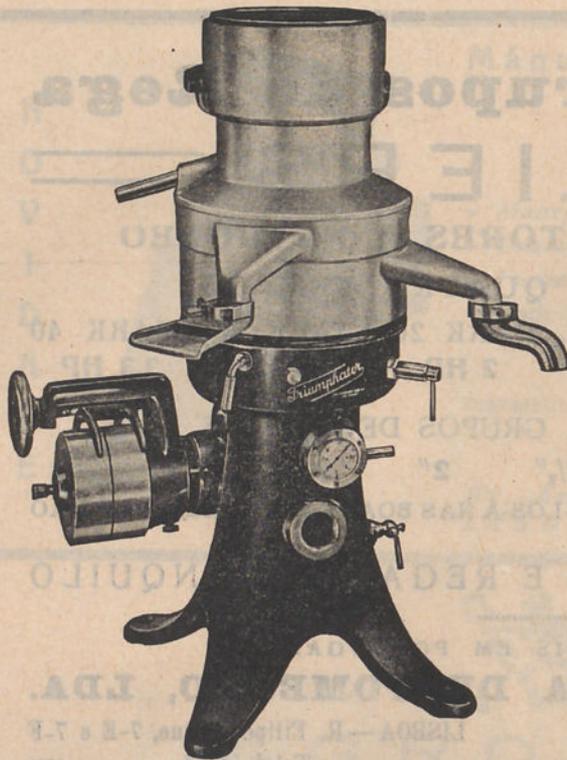
BASF

PORTUGUESA, S.A.R.L.

Lisboa 1: Rua de Santa Bárbara, 46-5.º / Telefone, 73 11 17-8-9
Apartado 1438 / Telex 219

Porto: Rua de Santa Catarina, 753 / Telefone 29641-2-3
Apartado 259 / Telex 753 * Telegramas «BASF»

4081



TRIOMPHE

SEPARADORA-CLARIFICADORA PARA AZEITE E CALDAS OLEAGINOSAS

MÁQUINA SUÍÇA DE PRECISÃO

Modelos com motor eléctrico e transmissão

O mais aperfeiçoado, simplificado e moderno dos diversos tipos existentes

Recomendada para lagares de azeite

DIVULGADA POR TODO O PAÍS

Importadores exclusivos:

Av. Almirante Reis, 80-B a 80-E

Telef. 52360 — LISBOA-1

4113

Sociedade Industrial Agro-Reparadora, L. da

O MELHOR CAFÉ
É O DA
BRASILEIRA

2854

61, Rua Sá da Bandeira, 91
Tels.: 27146, 27147 e 27148 — PORTO

(Envia-se para toda a parte)

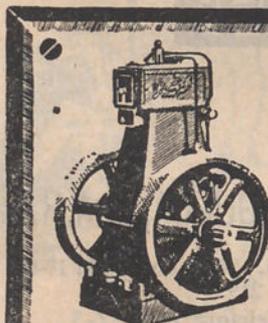
PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido **DESINFECTANTE ZAP**
ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ
Aplica-se nos bebedouros das aves e é INOFENSIVO para os animais domésticos
Com o desinfectante ZAP as galinhas não se contaminam
Frasco pequeno - 12\$50 • Frasco grande - 50\$00
Vende-se em todas as farmácias, drogarías, aviários, etc.

DISTRIBUIDORES
GERAIS

Vicente Ribeiro
& C.^a

R. dos Funqueiros, 84, 1.º, Dt.º
LISBOA



MOTORES A ÓLEO

BAMFORD

DIESEL

O MELHOR
MOTOR INGLÊS
PARA A
AGRICULTURA
E PEQUENA
INDÚSTRIA

RESISTENTES
SIMPLES
FACILS DE
MANEJAR
ECONÓMICOS
GARANTIDOS

JAYME DA COSTA, L.^{da}
14 - R. das Correiras - LISBOA
12 - P. da Batalha - PORTO

MECÂNICA E ELECTRICIDADE
EM TODAS AS APLICAÇÕES

DESDE 3 1/2 HP - 600 R.P.M.

1149

Alguns Produtos



ao Serviço da Lavoura

Dedetoxil, Lin-Toxil (em pó e em líquido), **Lintal** e **B H C Irpal** (à base de DDT-Lindane-DDT e Lindane-Isómero Gama, respectivamente) — Contra o Escaravelho da Batateira, Insectos da Vinha, Insectos das Hortas e Pomares, etc.

Clor-Pal (à base de Clordane) — Contra a Formiga Argentina, parasitas das Hortas e Pomares, parasitas dos Animais e das Habitações.

Cobre Irpal e **Cuprion** — Contra o Mildio e outras doenças criptogâmicas das Vinhas, Batatais, etc.

Enxofre Molhável Irpal — Contra o Oídio e Acarioses das Vinhas, Oídio das Plantas Hortícolas e Ornamentais e Oídio e Pedrado dos Pomares.

Cuprifer — Desinfectante de sementes a seco e excitador da germinação.

E. B. 25 (emulsão base) — Contra Moscas, Mosquitos, Traças, etc.

X L 55 Irpal — Contra Carrças e Ronha das ovelhas, etc.

Lin-Tal-Clor (à base de DDT, Lindane e Clordane) — Contra todos os Insectos das Habitações.

Afitox — No combate aos Afídeos (Piolho das Plantas), Melas, etc.

Larvan — Na luta anti-sezonática e no combate ao Chirónemo (Lagarta da raiz do arroz).

Acridion — Para desinfecção dos Celeiros, Estábulos, etc.

Acridion de Inverno (emulsão de óleo antracénico) — Tratamentos de Inverno de Pomares, Vinhas, etc.

Olidion de Verão e **Olidion de Inverno** — Contra Cochonilhas, Fumaginas, Icéria, etc.

Ervatox (Erbicida), **Abonor** (Estercolizador), **Cresilion** (Desinfectante de uso geral), **Cuproxil** e **Carbolínio** (Conservadores de madeiras), **A-Mur** (Raticida bio-químico), etc.

IRPAL É MARCA DE QUALIDADE

Dirigir pedidos e solicitar informações a:

IRPAL

1970

Indústrias Reunidas de Produtos para a Agricultura (S. A. R. L.)

Travessa do Almada, 20-2.º-Esq. — LISBOA — Tel.: 869167 e 869168

Um bom aumento de Rendimentos Agrícolas

é obtido por adubação orgânica e químico-orgânica (base de farinha de peixe), da acreditada marca «SEREIA», a qual inspira confiança à lavoura exigente.

S E R E I A

Fábrica de Adubos Orgânicos, Lda.
Breyner-SEIXAL

Agentes Gerais: Aliança Agrícola e Comercial, Lda.
Calçada do Duque, 3-1.º — LISBOA-2

4082

Jóias-Pratas
Mármore-Bronzes
e prendas para
Baptizados e
Casamentos

3056

Ourivesaria
ALIANÇA

PORTO

191, R. das Flores, 211

Filial em LISBOA:
R. Garrett (Chiado), 50

Grupos Moto-Bombas

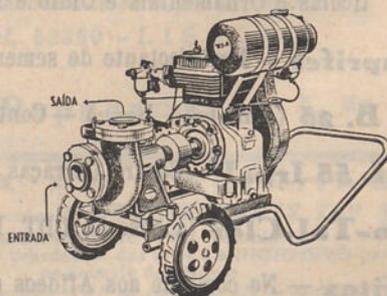
Diversas marcas

Confiem na
grande experiência
de 80 anos da

CASA CASSELS

191, Rua Mousinho da Silveira — PORTO

56, Avenida 24 de Julho — LISBOA



3927

à *Lavoura*



Pó Flecha D. D. T.

a 5%, a 10%, a 20% e 50%

Pó Flecha Lin-Exano

a 6 e 10% de LINDANE

Pó Flecha-Exano

a 1 e 6% de B. H. C.

Matoescaravelho Flecha

Emulsão Flecha-Clor à base de chlordane

PODEROSO INSECTICIDA
para todas as culturas

Emulsão Flecha-B

à base de Lindane

Emulsão Flecha-Malatone

à base de Malation

Fungicida Cobragan 50

50% de cobre

Zincobril

combinação oxiclureto de cobre e Zineb

Emulsão Fosfortion Flecha

Para o extermínio das pragas das *Vinhas, Batatais, Hortas e Pomares*

À VENDA NAS BOAS CASAS

Tudella & Esteves, Lda. — Praça da Alegria, 40-A — LISBOA-2

4124

CIANAMIDA CÁLCICA

CAL AZOTADA

20-21% DE AZOTO

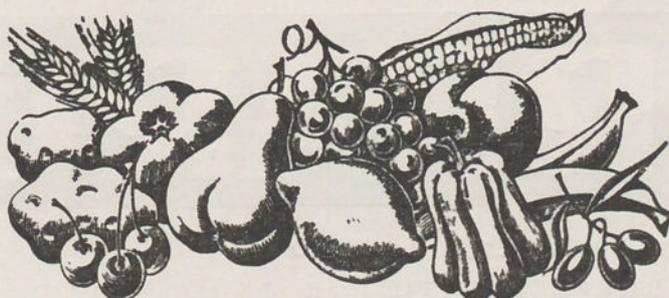
**O ADUBO AZOTADO COM
MAIOR PERCENTAGEM DE CAL**

*OS MELHORES RESULTADOS EM SOLOS ÁCIDOS
NAS SEGUINTE CULTURAS:*

**ARROZ, MILHO, CEREAIS DE PRAGANA,
BATATA, OLIVAL, VINHA, POMAR, etc.**

E AINDA

**NA PREPARAÇÃO DE ESTRUMES E
NO COMBATE ÀS ERVAS DANINHAS**



COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

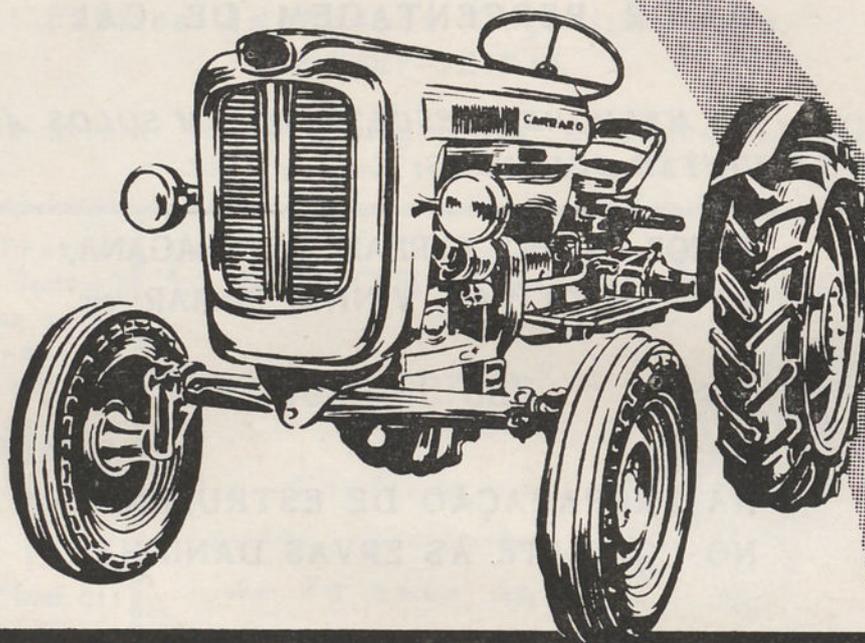
INSTALAÇÕES FABRIS
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º
LISBOA — TELEFONE 368989

O mais moderno tractor europeu

OVIC



CARRARO

- * 35 HP. A 1.700 ROTAÇÕES
- * ARREFECIMENTO POR AR
- * ELEVADOR HIDRÁULICO DE CONTROLE AUTOMÁTICO
- * GRANDE MANOBRABILIDADE
- * INCOMPARÁVEL BELEZA DE LINHAS

3989



Agência Comercial de Anilinas, Lda.

Avenida Rodrigues de Freitas, 68

TELEF. 55161

P O R T O

